



Emília Mariko Kashimoto  
Gilson Rodolfo Martins

Catálogo de  
**ARTEFATOS**  
**CERÂMICOS**  
**ARQUEOLÓGICOS**  
de Mato Grosso do Sul



Instituto Histórico e Geográfico  
de Mato Grosso do Sul

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul  
SÉRIE CULTURA MATERIAL

CONSELHO EDITORIAL DO IHGMS

Lúcia Salsa Corrêa (presidente)

Arnaldo Rodrigues Menecozi

Paulo Eduardo Cabral

Paulo Cezar Vargas Freire

Maria Madalena Dib Mereb Greco (ad hoc)

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Kashimoto, Emília Mariko.

Catálogo de artefatos cerâmicos arqueológicos de Mato Grosso do Sul / Emília Mariko Kashimoto, Gilson Rodolfo Martins. – Campo Grande, MS : Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2019.

192 p. : il. (algumas color.) ; 30cm. – (Série Cultura material)

Bibliografia: p. 190.

ISBN 978-85-8446-029-8

1. Índios da América do Sul – Mato Grosso do Sul – Cerâmica. 2. Índios da América do Sul – Cultura material – Mato Grosso do Sul. I. Martins, Gilson Rodolfo. II. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. III. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Museu de Arqueologia. IV. Título. V. Série.

CDD (23) 738.3098171

---

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul  
Av. Calógeras, 3.000 - Cep 79002-004 - Campo Grande-MS  
Fone / Fax: (67)3384.1654 - email: a.ihgms@bol.com.br

Emília Mariko Kashimoto  
Gilson Rodolfo Martins

Catálogo de  
**ARTEFATOS  
CERÂMICOS  
ARQUEOLÓGICOS**  
de Mato Grosso do Sul

2019



Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

Campo Grande - MS

INVESTIMENTO



SECC  
Secretaria de Estado  
de Cultura e Esportes



## AGRADECIMENTOS

A produção e edição deste catálogo insere-se no elenco de atividades de divulgação científica e educação patrimonial empreendidas pelo MuArq/UFMS – Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, desde sua fundação, em 2008. Como as demais ações realizadas no âmbito da pesquisa arqueológica, esta iniciativa editorial é resultante da dedicação dos esforços consorciados de instituições, a seguir relacionadas, às quais agradecemos convictamente pelo apoio e pelas valorosas contribuições.

Governo do Estado de Mato Grosso do Sul  
FIC - Fundo de Investimentos Culturais da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul  
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
IHGMS – Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

## Apresentação

Os textos e as imagens que compõem as páginas deste catálogo integram a divulgação parcial de artefatos cerâmicos arqueológicos confeccionados por diferentes povos indígenas pretéritos que, entre 2.500 e 300 anos atrás, aproximadamente, habitaram a região onde hoje se circunscribe o Estado de Mato Grosso do Sul.

Estas peças encontram-se salvaguardadas pelo MuArq – Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PROECE/UFMS), em sua maioria. São oriundas de pesquisas arqueológicas iniciadas há mais de vinte e cinco anos pelos pesquisadores, Dr. Gilson Rodolfo Martins e Dra. Emília Mariko Kashimoto, ambos arqueólogos.

Este catálogo tem como objetivo tornar público o conhecimento de uma parte do que foi a cultura material indígena arqueológica em seus horizontes socioambientais, em Mato Grosso do Sul, uma vez que a confecção de cada peça reproduziu e representa aspectos da cultura indígena que a elaborou, bem como elementos de sua cosmovisão e de sua etno-história.

# Sumário

Apresentação 5

## INTRODUÇÃO

Vestígios cerâmicos arqueológicos:  
caminhos para o reconhecimento de  
identidades étnicas pretéritas 9

## PARTE UM

A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA  
EM MATO GROSSO DO SUL 19

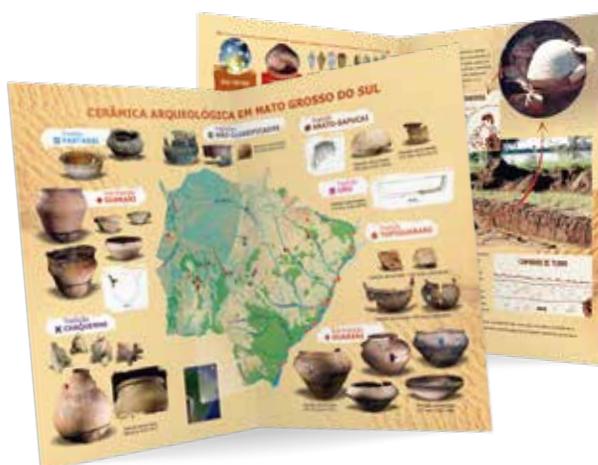
O povoamento arqueológico  
pré-cerâmico em Mato Grosso do Sul 21

As tradições arqueológicas ceramistas  
em Mato Grosso do Sul 28

A confecção de artefatos cerâmicos 38

No tocante às denominações, cabe destacar que os sítios arqueológicos identificados pela equipe do MuArq/UFMS inicialmente recebiam a sigla do município, seguido do número, sequencial, conforme iam sendo localizados. Por exemplo, TL1 foi o primeiro sítio arqueológico identificado no município de Três Lagoas. Em 1994, por recomendação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), passou-se a nominar cada sítio arqueológico, a partir de então detectado nas pesquisas, pelo referencial hidrográfico mais próximo a ele. Assim sendo, o oitavo sítio localizado na margem do alto curso do rio Paraná recebeu a denominação "Alto Paraná 8 (AP8)". Cada peça possui um número sequencial, portanto AP8-20 é o código da vigésima peça coletada naquele sítio.

Também cabe assinalar que os nomes das etnias indígenas, por serem nomes próprios, não são escritos no plural, seguindo-se uma norma fixada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA).



### ENCARTE ESPECIAL

Mapa ilustrativo com indicação dos  
sítios arqueológicos localizados pelo  
MuArq em Mato Grosso do Sul.

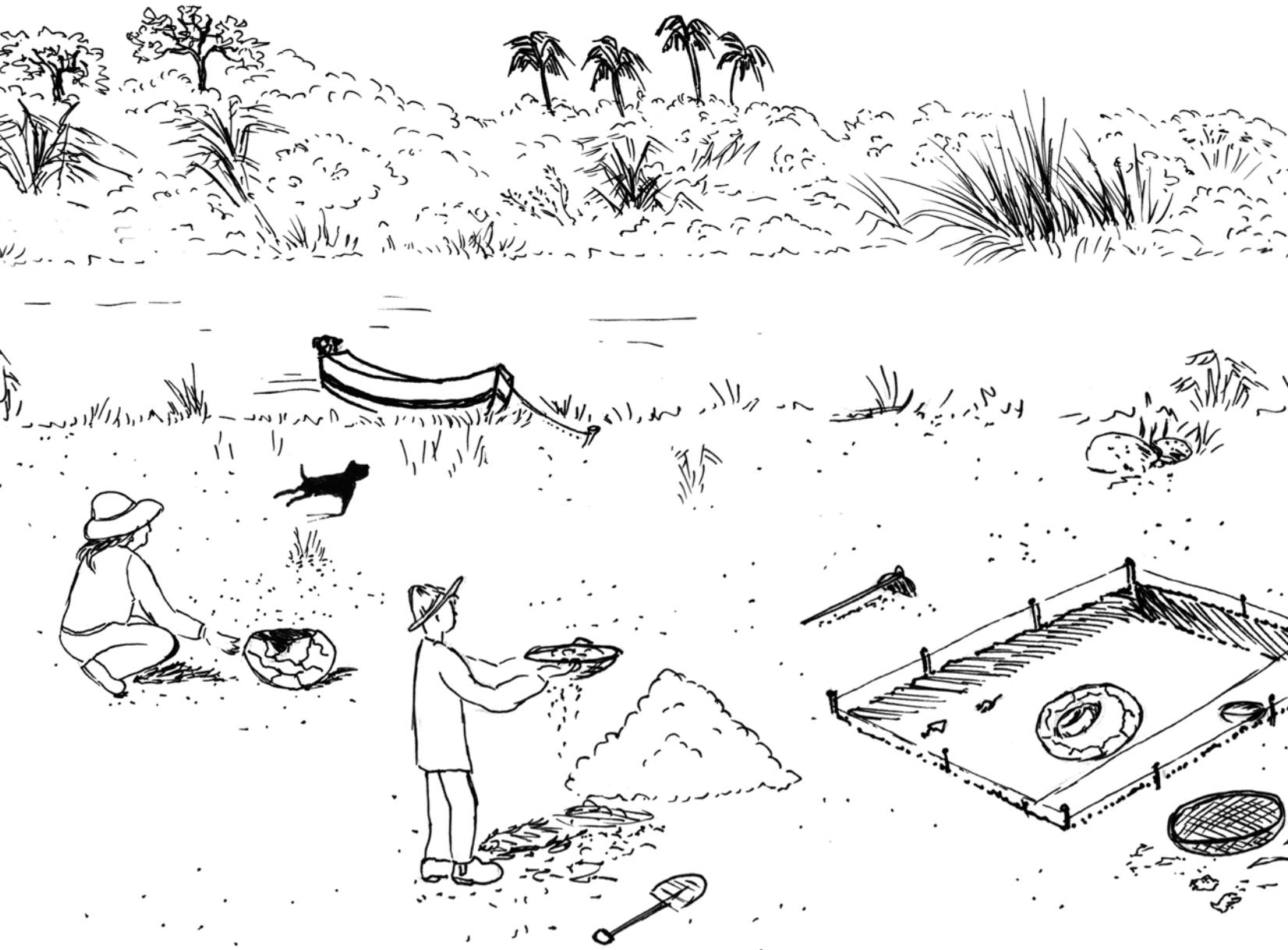
A DIVERSIDADE CULTURAL NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA EM MATO GROSSO DO SUL	49
1 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA TUPIGUARANI DAS PAISAGENS DE CERRADO	53
2 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA GUARANI DAS PAISAGENS FLORESTADAS	77
2.1 – A cerâmica arqueológica Guarani na Bacia do Alto Paraná	79
2.2 – A cerâmica arqueológica Guarani na Bacia do Médio Paraguai	133
3 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA ARATU/SAPUCAÍ	149
4 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA URU	157
5 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA CHAQUENHA	165
6 – A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA PANTANAL	179
7 – AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS NÃO CLASSIFICADAS	183
Bibliografia	190



## INTRODUÇÃO

### Vestígios cerâmicos arqueológicos: caminhos para o reconhecimento de identidades étnicas pretéritas

O contato com a terra umedecida – barro/**argila** – sempre fez parte da relação da humanidade com os elementos naturais. Talvez tenha sido a observação de um rastro/pegada, deixado para trás em uma caminhada sobre uma superfície argilosa, plástica, o que chamou a atenção de nossos antepassados para a possibilidade de manusear uma matéria-prima adaptável às suas pretensões criativas ou reprodutivas das formas – a plasticidade da argila.





**Argila** – É um composto mineral, isto é, uma mistura de sedimentos muito finos (menor que 0,0039 mm), basicamente silicatos de alumínio, associados a óxidos e água. Apresenta coloração variada conforme as origens minerais dos sedimentos que a compõem.

Acima, jazida de argila na margem do rio Paraná, MS, observada durante a instalação do Gasoduto Bolívia-Brasil.

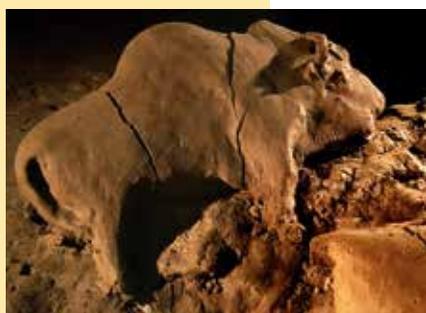
**Paleontologia dos hominídeos** – Ciência que estuda os primatas antropóides (com forma humana) extintos – os antepassados de Homo sapiens.

**Paleolítico superior** – Período da Pré-história do Velho Mundo que corresponde ao segmento cronológico situado entre 30.000 e 11.000 anos antes do presente, aproximadamente. Essa periodização não se aplica à América.

**Terracota** – É uma argila que foi secada ao sol ou parcialmente queimada. É o estágio da argila anterior à sua transformação pelo aquecimento em cerâmica.

Ao lado, bisão modelado em argila no fundo da gruta Tuc d'Audoubert (Ariège, Pirineus) – Período Magdalenense, aproximadamente 14.000 anos atrás.

(Fonte: Beaune e Balzeau, 2009).



Na África, berço evolutivo da humanidade, pegadas fósseis de um dos nossos antepassados – fato longínquo na escala **paleontológica dos hominídeos** – descobertas nas margens do Lago Turkana, na Etiópia, e datadas em mais de três milhões de anos, testemunham as origens do bipedismo da espécie humana.

Vestígios arqueológicos remanescentes do **Paleolítico superior** revelaram o domínio das técnicas de confecção de objetos de **terracota** com morfologia preconcebida pelos caçadores/coletores pré-históricos. Esses grupos humanos viveram no período anterior à domesticação dos vegetais e dos

animais: eram bandos compostos de duas a quatro dezenas de pessoas, em média, unidas por laços familiares, que levavam uma vida nômade no âmbito de um extenso território onde caçavam, pescavam e coleta-

vam vegetais. Usavam ferramentas de pedra lascada para transformar os produtos e materiais – madeiras, frutos, raízes, carne, couros, ossos e outros – necessários à sua subsistência.

A confecção de artefatos de **cerâmica** é um dos gestos culturais mais característicos da humanidade desde o período **Neolítico** – quando surgiu essa prática – até os dias atuais, porquanto se materializa nas construções, nos objetos domésticos, na indústria, na arte e outros setores. Na atualidade, é difícil olhar panoramicamente para o cotidiano e não observar um lugar em que a difusão das formas e funções dos objetos cerâmicos não se faça presente. Outrossim, pode-se pensar que, na história da humanidade, a invenção da cerâmica é algo tecnologicamente tão marcante, profundo e transformador quanto o foi a invenção da roda. Não é irrelevante o fato de que a distância temporal entre as duas inovações técnicas seja tão pequena. Com a descoberta da roda, a aplicação da ideia do círculo giratório substituiu prontamente, em larga escala, a técnica da modelagem da argila na confecção de recipientes e objetos, sendo, a partir de então, usado o torneamento da argila crua na busca por formas mais bem-elaboradas.

Com o passar do tempo, a criatividade e a simetria das peças ultrapassaram as limitações do **savoir faire** inicial. Todavia, esse avanço técnico (torneamento) no modo de produzir recipientes cerâmicos não ocorreu entre as populações indígenas pré-coloniais brasileiras. Sabe-se que etnias indígenas aqui existentes desconheciam o uso da roda, por isso, o modo de fazer potes de cerâmica praticado pelos indígenas em Mato Grosso do Sul, no passado arqueológico e etno-histórico, utilizava a técnica do **acordelado ou roletado**, conforme será explicitado mais adiante na página 41 deste Catálogo.

**Cerâmica** – Argila cozida a temperaturas superiores a 400 graus, circunstância em que a argila perde a plasticidade e a umidade; torna-se impermeável e endurecida, preservando assim a forma que, antes da queima, lhe foi dada na confecção.

**Neolítico** – Período da Pré-história que, no Velho Mundo, é compreendido entre cerca de 13.000 e 9.000 anos atrás. Essa época é caracterizada pela sedentarização, pela formação dos primeiros aldeamentos pré-urbanos, pela domesticação de vegetais e animais, pelo crescimento populacional e pela passagem de um modo de produção predador para produtor. Essa transição cultural, na América, obedeceu a uma cronologia alguns milênios mais recentes.

**Savoir faire** – Expressão em francês que quer dizer “saber fazer”.

**Acordelado ou roletado** – Técnica de confecção de artefatos cerâmicos que utiliza roletes ou “salsichas” de argila com diferentes tamanhos, sobrepostos, visando a dar um formato à peça desejada.



Rolete na borda de fragmento cerâmico (CD1-3654 face interna); e vista lateral do rolete de argila no fragmento de base cerâmica (AP13-2504).



A confecção e o uso de objetos cerâmicos foram um daqueles episódios da dinâmica cultural da nossa espécie que se definiu como um marco cronológico fundador de um novo período na história da maior parte das sociedades humanas que os utilizaram, independentemente de outros marcadores culturais.

É importante situar o contexto em que ocorreu o surgimento da prática ceramista em distintas e distantes sociedades humanas no passado arqueológico. Ao que parece, sob uma perspectiva arqueológica, chama a atenção uma certa contemporaneidade do advento dessa prática cultural em regiões e populações sem contatos entre si e até mesmo muito distantes geograficamente.

De um modo bem abrangente, o aparecimento dessa tecnologia, sobretudo a confecção de recipientes, localiza-se, no tempo, a partir

**Holoceno** – Período geológico e ambiental referente aos últimos 10.000 anos, aproximadamente.

**Optimum climático** – Segmento de tempo do Holoceno situado aproximadamente entre 6.000 e 4.000 anos atrás, que se caracterizou por altas temperaturas, intensas chuvas e expansão da flora e da fauna.

do final da primeira metade do **Holoceno**. Provavelmente, o fator ambiental, conhecido na literatura científica como **optimum climático**, teve forte influência no desenvolvimento dessa tecnologia. A intensa pluviosidade que caracterizou esse período, umedecendo significativamente largas porções do solo nos vales e planícies de inundação, ocasionou a expansão

das jazidas de argila facilitando assim a coleta de matéria-prima argilosa, tanto na quantidade como na qualidade plástica. As concentrações de populações nos vales dos cursos fluviais as colocavam em contato próximo e direto com os estoques de barro produzidos pelas grandes cheias que marcaram essa realidade paleoambiental.

Seguindo essa linha de pensamento, também é possível associar o incremento da produção de recipientes de cerâmica ao surgimento dos manejos agrícolas. A passagem do modo de produção predador, característica dos caçadores/coletores do Holoceno médio, para uma economia produtora, realizada com a introdução da domesticação e do cultivo de vegetais, implicou, entre outras mudanças culturais, a necessidade de armazenamento de excedentes e a formação de estoques para os períodos de entressafras. Essa nova ordem econômica trouxe consigo um novo inventário de ferramentas e instrumentos voltados para os afazeres agrícolas, entre eles, o transporte, a irrigação e o armazenamento de líquidos e grãos. Isso levou ao desenvolvimento de um elenco variado de formatos de recipientes, ajustados a cada fase dessas atividades de subsistência, as quais estavam focadas em atender um número bem maior de pessoas do que as

dos pequenos bandos de caçadores/coletores precedentes. Também a mudança dos hábitos alimentares, cuja preparação se voltava para um número bem maior de consumidores, implicou uma renovação dos utensílios domésticos. Os recipientes cerâmicos para fervura, cozimentos e torrefação se expandiram em detrimento dos métodos tradicionais de assar e moquear. As panelas, bem como pratos, tigelas, travessas, jarros, copos e xícaras, passaram a predominar na tralha cerâmica doméstica.

Outras práticas culturais oriundas do novo modo de vida – neolitização – como o uso de vasilhas para sepultamentos, produção de estatuetas, confecção de adornos e outros objetos, passaram a utilizar a argila cozida como matéria-prima, ampliando assim o progressivo conhecimento tecnológico dessa manufatura. O papel da cerâmica nas práticas cotidianas da humanidade foi prevalecte até o descobrimento da metalurgia e, recentemente, do plástico originário do petróleo. Acompanhando a expansão desse novo comportamento no ambiente dos usos diários, os artefatos cerâmicos, produzidos no passado arqueológico, passaram a ser cada vez mais utilizados também como objetos portadores de simbolismos, de valores estéticos e como suportes para representações de marcadores etnicamente identitários.

Para a Arqueologia, é importante a localização de vestígios cerâmicos possuidores de decoração interna ou externa, como também a morfologia/tipologia dos artefatos, pois esse é um dos caminhos que podem ajudar no reconhecimento da identidade étnica dos produtores dessa cerâmica, posto que, cada etnia, em geral, atribui características decorativas socioculturais próprias à sua manufatura cerâmica. Esse fator é um dos que orientaram a elaboração da classificação cerâmica que estruturou a organização deste Catálogo.

Além desse indicativo sugestivo de identidade étnica, a cerâmica arqueológica também permite a datação da produção desses artefatos. Fragmentos de cerâmica, submetidos a uma abordagem metodológica desenvolvida em laboratórios de dosimetria radiativa (**método da termoluminescência**) geram tabelas cronológicas das fases tec-

**Método da termoluminescência** – Aplicado pela Física Nuclear para datar materiais cerâmicos arqueológicos, a partir de seus grãos de quartzo (que podem ser vistos, por exemplo, na peça UR7-864, fragmento de parede cerâmica com furo de suspensão).



notipológicas e culturais que auxiliam diretamente na construção de uma periodização arqueológica de determinada área em estudo pela Ciência.

Na Arqueologia brasileira é recorrente e muito usual entre os pesquisadores a classificação do passado arqueológico em dois grandes compartimentos culturais/temporais: o primeiro, referente às distintas sociedades de caçadores/coletores pré-cerâmicos e o segundo período, aos povos indígenas ceramistas pré-coloniais, ressaltando que, entre esses últimos, eram raras as etnias indígenas que não confeccionavam recipientes de cerâmica.

A pesquisa científica em sítios arqueológicos coleta vestígios de diferentes naturezas materiais, os quais podem ser divididos em dois grandes conjuntos: os vestígios de origem mineral – líticos e argilosos/cerâmicos – e os vestígios de origem orgânica – vegetais e animais. Com base na presença desses vestígios, os sítios podem ser classificados apenas como sítios líticos, geralmente correspondentes ao contexto pretérito de caçadores/coletores pré-históricos – não fabricantes de cerâmica e lascadores de rochas – ou como sítios lítocerâmicos ou apenas cerâmicos, referentes ao passado dos povos indígenas, geralmente horticultores ou agricultores, produtores de artefatos cerâmicos.

Nos sítios arqueológicos relacionados aos grupos ceramistas, os vestígios correspondem a uma diversificada coleção de recipientes e artefatos cerâmicos que variam conforme a etnia que os produziu. A condição deposicional em que esses vestígios são encontrados nas pesquisas arqueológicas também é variada. Podem estar dispersos por meio de fragmentos espalhados na superfície, parcialmente enterrados ou totalmente embutidos no solo, aflorando somente pela ação de processos erosivos ou por meio de escavações arqueológicas. Nas condições anteriormente expostas, os vestígios predominantes são os fragmentos de recipientes quebrados (cacos), com tamanhos variados. As escavações arqueológicas também encontram recipientes inteiros ou parcialmente fragmentados que permitem a restauração da forma original em laboratórios de conservação arqueológica, como se observa em algumas das imagens reproduzidas neste Catálogo. Raras vezes são encontradas vasilhas cerâmicas inteiras, depositadas ritualmente em cavernas, tais como as da Serra da Bodoquena (sítios CM1, CM3 e OE1).

Em Mato Grosso do Sul ainda há um longo caminho para que a ciência arqueológica esclareça questões estruturais desse campo

Ainda há um longo caminho para que se esclareça questões como as origens e a difusão da fabricação e de usos da cerâmica arqueológica...

de estudos das humanidades, tais como as origens e a difusão da fabricação e de usos da cerâmica, entre outros. No entanto, com os dados arqueológicos reunidos até o momento, já é possível elaborar uma cartografia parcial da distribuição espacial das tradições ceramistas (ver página 27) que aqui se fizeram presentes. Nesse sentido, ao que parece, os conjuntos cerâmicos mais expressivos relativos à cultura material e simbólica de sociedades indígenas pré-coloniais presentes no território estadual – lembrando que não necessariamente produzidas somente antes do “descobrimento” – são originários de processos migratórios adventícios, ou seja, são vestígios arqueológicos de itens culturais desenvolvidos originalmente fora daqui, mas que, com o tempo, também podem ter passado por transformações adaptativas contextuais ao ambiente local, bem como por meio de mudanças introduzidas por novas relações inter-étnicas aqui estabelecidas.

Após o contato com os colonizadores espanhóis e portugueses, o perfil da atividade cerâmica indígena em Mato Grosso do Sul, como em outros lugares do Brasil, sofreu influências diversas, que não serão abordadas neste Catálogo, pois são questões que competem, sobretudo, à Arqueologia Histórica, à Etno-História, à Etnografia e à Antropologia analisar.

Este Catálogo também não se propõe a discutir problemas tecnológicos ou antropológicos do tipo relações de gênero, etnicidades, simbolismos e outros. Esta é uma obra de difusão científica e cultural e restringe-se ao campo do conhecimento arqueológico. Visa disponibilizar, para um público indeterminado, informações gerais sobre a diversidade cultural e tecnológica da manufatura de artefatos cerâmicos entre as sociedades indígenas pré-coloniais em Mato Grosso do Sul. Aborda parcialmente os momentos iniciais de contato dessas etnias com os colonizadores ibéricos nos séculos XVI e XVII, ou seja, o conteúdo desta publicação privilegia a produção ceramista de cunho arqueológico.

Em Mato Grosso do Sul, por sua significativa extensão territorial e diversidade ambiental, são centenas, talvez alguns milhares, os sítios arqueológicos depositários de vestígios cerâmicos produzidos pelos povos indígenas que aqui habitaram vários séculos atrás. Muitos desses sítios ainda são desconhecidos pela Ciência, isso porque faltam pesquisas, ou porque foram destruídos por processos erosivos naturais ou pela ação econômica das frentes pioneiras brasileiras a partir das primeiras décadas do século XVIII,

...mas, com os dados já reunidos é possível elaborar uma cartografia parcial da distribuição espacial das tradições ceramistas.

sobretudo no contexto histórico do bandeirismo luso-paulista. O desaparecimento total ou parcial de sítios arqueológicos no Estado teve sua dinâmica acentuada profundamente a partir da segunda metade do século XX, quando houve vigorosa expansão da fronteira agropastoril. Alguns desses sítios registram a presença pretérita de sociedades indígenas que não mais estão listadas no elenco de etnias que hoje vivem no território deste Estado brasileiro. Como exemplo expressivo dessa realidade, citamos os sítios cerâmicos relacionados à Tradição Aratu-Sapucai<sup>1</sup> que, conforme o que sugerem as pesquisas preliminares nessa área arqueológica, provavelmente se referem ao passado dos índios Kaiapó Meridional, que habitaram até meados do século XIX boa parte da porção territorial norte/nordeste do Estado. Isto também pode ser dito de outras etnias mencionadas nas crônicas históricas coloniais, como é o caso dos Paiaguá, povoadores/canoeiros das margens dos rios do Pantanal. Algumas etnias, por razões culturais, guerras interétnicas, epidemias, períodos de adversidades ambientais, migrações e outras, desapareceram do espaço estadual antes mesmo do início da colonização ibérica no século XVI e são desconhecidas perante a taxionomia linguística ou quanto às respectivas identidades culturais. Dessas, até o momento, são só os vestígios cerâmicos os únicos indicadores desse passado e dessa existência. Todavia, alguns dos sítios ceramistas registrados pela Arqueologia podem ter relações com o passado pré-colonial das sociedades indígenas que habitam hoje no território estadual, como os Guarani, os Guató, os Ofaié, os Guaná e os Guaikuru.

Algumas etnias pretéritas, por variadas razões, desapareceram do espaço sul-mato-grossense.

Os vestígios cerâmicos são, até o momento, os únicos indicadores da existência delas.

O material arqueológico que é apresentado nesta publicação, quase que em sua totalidade, está depositado na Reserva Técnica e na Exposição de Longa Duração do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/UFMS), exceto duas peças (AP8-626-627 e AP8-618-619) que se encontram no acervo do Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e outras duas (CB1-1020 e AL1-1021) expostas no Museu de História do Pantanal (Muhpan). A coleção arqueológica divulgada neste Catálogo é resultante de diversos projetos científicos desenvolvidos pelos pesquisadores do MuArq nos últimos trinta anos. Esse acervo constituiu uma expressiva fonte de referência para os pesquisadores e estudantes da cerâmica arqueológica produzida em Mato Grosso do Sul, mas tam-

---

1. Ver o significado na página 34 deste Catálogo.

bém para aqueles que pesquisam as tradições ceramistas arqueológicas no Brasil e em países vizinhos. As características da cerâmica arqueológica sul-mato-grossense estão relacionadas também às grandes sociedades indígenas de outras regiões brasileiras, como o são as peças representantes da Tradição Tupiguarani, expressivamente presente em sítios da Bacia do Alto Paraná ou da Tradição Aratu-Sapucaí, encontrada no nordeste sul-mato-grossense.

Como este Catálogo se dirige a um público abrangente, além do meio acadêmico-científico, os itens iniciais (Parte Um) apresentam um breve resumo da Arqueologia Regional, relativo ao período entre o final do **Pleistoceno** e o início do Holoceno recente (12.000 a 3.000 anos **A.P.** – aproximadamente), segmento de tempo precedente ao advento das sociedades ceramistas.

**Pleistoceno** – Período geológico que compreendeu os últimos 2,5 milhões de anos e que foi caracterizado pela ocorrência de quatro grandes glaciações, cada uma com dezenas de milhares de anos. Também foi o período em que houve a evolução dos hominídeos antepassados diretos de *Homo sapiens*.

No âmbito dos momentos finais do segmento temporal anteriormente citado, não está totalmente descartada a hipótese de que, no final desse período, entre alguns grupos de caçadores/coletores pré-indígenas, já houvesse algum tipo de manejo elementar de materiais argilosos com vistas à produção de artefatos/recipientes de terracota e uma rústica fabricação de cerâmica. No entanto, isso ainda não foi comprovado por evidências empíricas devidamente observadas.

**A.P.** – Antes do Presente, ou seja, o número de anos anteriores a 1950, ano de referência para as datações radiométricas.

O terceiro item da Parte Um (página 38) deste Catálogo apresenta um breve resumo dos principais aspectos que envolvem o processo de confecção e de análise da cerâmica arqueológica. Com isso, pretende-se divulgar para o público os procedimentos básicos da pesquisa científica e realçar aspectos relevantes para a posterior conservação desse patrimônio cultural e, assim, contribuir para o incremento do despertar de uma consciência crítica e preservacionista. Na Parte Dois (página 49), este Catálogo expõe uma amostra panorâmica da cerâmica arqueológica sul-mato-grossense, em suas manifestações regionais. Isto posto, pretende-se ainda que, além da disponibilização de dados científicos para outros estudiosos dessa temática arqueológica, esta produção bibliográfica possa servir também como fonte de subsídios para o trabalho de artistas, *designers*, produtores e gestores culturais, turistas, professores e estudantes dos ensinos fundamental, médio e universitário, da mesma forma para a rede de Escolas Indígenas.



PARTE  
UM



## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA EM MATO GROSSO DO SUL

O território atual de Mato Grosso do Sul, por sua complexa e densa malha fluvial favoreceu, ao longo de milhares de anos, a formação de depósitos sedimentares aluviais que, com o decorrer de longos períodos deposicionais, transformaram-se em expressivas jazidas de argila.

No passado, a abundância de tais jazidas propiciou a expansão de grupos indígenas ceramistas agricultores por todas as áreas sul-mato-grossenses.



## O povoamento arqueológico pré-cerâmico em Mato Grosso do Sul

Quando teve início o povoamento humano em Mato Grosso do Sul? A ciência arqueológica ainda não tem uma resposta precisa para essa pergunta.

Todavia, um marco temporal permite conjecturas sobre essa questão, ou seja, a datação cerca de 25.000 anos A.P., obtida por Vilhena-Vialou e Vialou (2005) para um nível arqueológico de caçadores/coletores no sítio Santa Elina. Esse sítio está localizado a cerca de 150 km a noroeste de Cuiabá, em um contexto paisagístico do Cerrado, cobertura vegetal característica do Brasil Central.

Portanto, pode-se pensar que o processo de povoamento do Brasil Central retrocede, pelo menos, ao **Último Máximo Glacial (UMG)**.

**Último Máximo Glacial (UMG)** – Período com maior extensão de mantos de gelo no último período glacial, há cerca de 20.000 anos.

Somente com a continuidade das pesquisas arqueológicas nos próximos anos será possível, efetivamente, se estabelecer com mais segurança as origens e os caminhos migratórios dos primeiros povoadores humanos dessa região do país.

O que se tem como cientificamente certo é que o povoamento humano na região norte e nordeste de Mato Grosso do Sul já era efetivo na transição Pleistoceno/Holoceno. Em abrigos rochosos da região de Serranópolis, sul de Goiás, na sub-bacia do rio Paranaíba, foram encontrados vestígios arqueológicos, artefatos de pedra lascada, que foram confeccionados entre cerca de 12.000 e 7.000 anos A.P., compondo um horizonte arqueológico denominado, conforme Schmitz *et al.* (2004), Tradição Itaparica. Esses artefatos líticos foram encontrados em diferentes sítios arqueológicos distribuídos por vasta extensão do território brasileiro, localizados desde a região central até o nordeste brasileiro. O tecnocomplexo Itaparica, segundo Lourdeau (2011), caracteriza-se por uma unicidade tecnológica, materializada nos artefatos líticos plano-convexos, indicativa da primeira fase de povoamento durante a transição Pleistoceno-Holoceno

ao Holoceno inferior. Distintos povos de caçadores-coletores podem ter compartilhado tal tecnocomplexo, porém, ainda não há dados científicos suficientes para uma caracterização de aspectos distintivos que permitam perceber ou afirmar a existência de formações étnicas e culturais diferenciadas no âmbito desse vasto território.

Distante a cerca de 140 km a sudoeste de Serranópolis, em Mato Grosso do Sul, foi descoberto, próximo ao alto curso do rio Sucuriú, o sítio Alto Sucuriú 12 (AS12 ou MS-PA-02), localmente denominado Casa de Pedra. Nesse sítio também foram encontrados artefatos líticos plano-convexos associados à Tradição Itaparica. Estima-se que

**Método do Carbono 14 (C<sup>14</sup>)** – Aplicado pela Física Nuclear para datar materiais orgânicos, arqueológicos ou não, com idades inferiores a 50.000 anos. Todas as datações apresentadas neste Catálogo, relativas às pesquisas da equipe do MuArq, foram realizadas no Laboratório Beta Analytic Inc. (Miami/Florida).



Escavação de remanescente de fogueira arqueológica Guarani: carvão, argila e solo queimados (sítio Alto Paraná 8 – AP8).

**Tardiglacial** – Final do último período glacial que compreende o segmento entre 13.000 e 10.000 anos A.P.

nessa sub-bacia hidrográfica delineava-se, aproximadamente, o limite meridional de expansão da Tradição Itaparica.

O sítio AS12 é uma caverna quartzítica inserida no topo de uma colina suave, não distante da margem esquerda de um pequeno afluente do rio Sucuriú, o córrego Pedra Branca. As escavações arqueológicas realizadas recentemente nesse sítio por Martins e Kashimoto (2016) forneceram a datação, pelo **método do Carbono 14**, de 12.660 anos A.P.<sup>2</sup>

A interpretação de que a mudança climática **tardiglacial** do final do Pleistoceno favoreceu o povoamento da região norte e nordeste de Mato Grosso do Sul é reforçada pelas datações obtidas no sítio Alto Sucuriú 4 (AS4).

Localizado a cerca de 30 km a jusante do sítio AS12, na margem direita do rio Sucuriú, o sítio AS4 possui uma camada arqueológica

de cerca de 11.000 anos A.P.<sup>3</sup> Camadas arqueológicas mais profundas desse sítio ainda não foram datadas, mas devem indicar acampamentos mais antigos que podem, em pesquisas posteriores, recuar a antiguidade pleistocênica da presença humana na Bacia do Alto Paraná.

Igualmente, na área setentrional dessa Bacia podem ser citadas outras datações que também atestam o povoamento regional ocor-

2. A amostra de carvão coletada no sítio Alto Sucuriú 12 (AS12), na profundidade de 145 cm, foi datada de 12.660 a 12.110 anos A.P. (Beta-304050, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.

3. A amostra de carvão coletada no sítio Alto Sucuriú 4 (AS4), na profundidade de 100 cm, foi datada de 11.230 a 11.050 anos A.P. (Beta-236668, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.

rido durante a transição Pleistoceno/Holoceno. A cerca de 155 km a noroeste do sítio AS12, no sítio Templo dos Pilares, em Alcinópolis, foi identificada uma camada arqueológica datada em 10.500 anos A.P. (SOUZA e SIMAS, 2017). Na área rural desse município, a pesquisa arqueológica registrou, até o momento, a maior concentração de sítios arqueológicos com arte rupestre do Estado.

Nas margens do alto curso do rio Paraná, onde só existem sítios a céu aberto, não foram identificadas camadas arqueológicas desse período. As datações mais antigas obtidas são do Holoceno médio (7.400 anos A.P., no sítio Alto Paraná 61 – AP61)<sup>4</sup>. Como são intensos os processos erosivos e deposicionais nas margens desse grande rio, estima-se que eles podem ter destruído eventuais camadas arqueológicas remanescentes de períodos mais antigos, ou estas ainda não foram descobertas por estarem submersas por causa do aumento dos níveis hídricos no pós-glacial.

Findo o tardiglacial, no Holoceno inferior, as cavernas e os abrigos rochosos da Bacia do Alto Paraná continuaram a ser ocupados por sociedades humanas como *habitat*, como locais cerimoniais – sítios com arte rupestre – ou ainda como fontes de matéria-prima para a confecção de artefatos líticos lascados.

Comparando-se o conteúdo arqueológico das camadas do **sítio AS12** (ver página seguinte), datadas entre 12.400 e 8.000 anos A.P., constatou-se a manutenção de procedimentos tecnológicos de lascamento estáveis ao longo do tempo, inferindo-se, portanto, a manutenção do tecnocomplexo Itaparica durante, pelo menos, 4.000 anos.

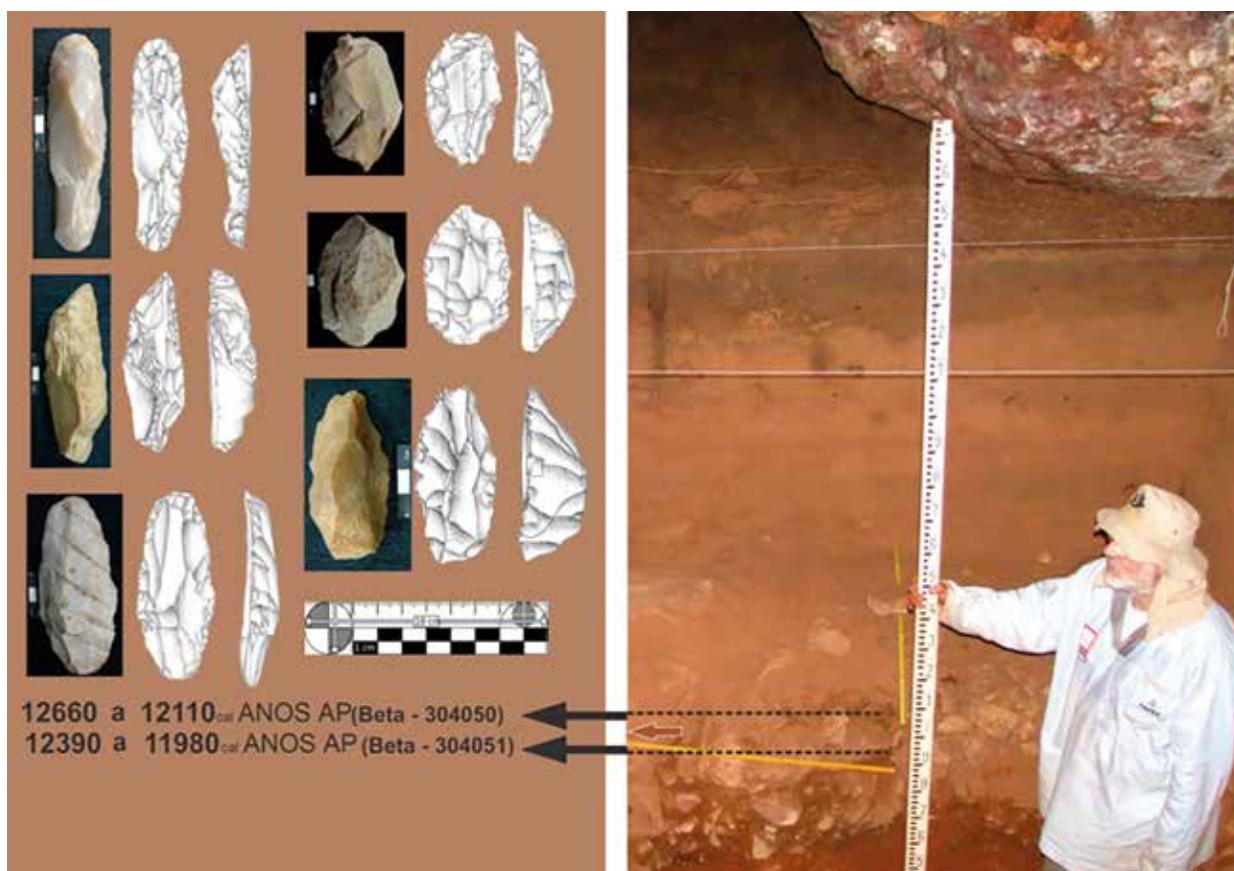
Além de oficina para confecção de artefatos líticos, o sítio AS12 foi palco de representações simbólicas, gravadas em blocos isolados na superfície do interior da caverna, como também nas paredes rochosas. Nestas, ainda foram registrados vários painéis pintados com dezenas de signos figurativos e abstratos, predominantemente nas cores ocre e vermelha. Carvões localizados sob um bloco quartzítico depositado na superfície de uma camada arqueológica, situada a 80 cm de profundidade, gravado com sulcos de linhas convergentes em forma de “tridáctilos” ou “pegadas de aves”, resultaram na datação de cerca de 8.000 anos A.P.<sup>5</sup> Essa datação constitui, portanto, uma

Findo o tardiglacial, no Holoceno inferior, as cavernas e os abrigos rochosos da Bacia do Alto Paraná continuaram a ser ocupados por sociedades humanas, entre outros usos, como fontes de matéria-prima para a confecção de artefatos líticos lascados.

---

4. A amostra de carvão coletada no sítio Alto Paraná 61 (AP61), na profundidade de 170 cm, foi datada de 7.420 a 7.170 anos A.P. (Beta-267060, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.

5. A amostra de carvão coletada no sítio Alto Sucuriú 12 (AS12), sob o bloco com gravuras, foi datada de 8.035 a 7.940 anos A.P. (Beta-384965, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.



Escavação do sítio AS12, sinalizando a camada cuja datação é de cerca de 12.000 anos A.P. e os artefatos líticos correspondentes.

referência temporal das práticas gráficas de representações simbólicas – arte rupestre – associadas às tecnológicas – indústria lítica – praticadas no interior das cavidades rochosas no Holoceno inferior em Mato Grosso do Sul.

Ao se comparar o conjunto de artefatos líticos produzidos na transição Pleistoceno/Holoceno com os do Holoceno médio, em Mato Grosso do Sul, pode-se perceber a existência de culturas tecnológicas distintas. Os artefatos líticos feitos pelos ocupantes dos abrigos sob rocha, na transição entre o Pleistoceno/Holoceno e o Holoceno inferior, eram, predominantemente, plano-convexos e confeccionados sobre blocos de quartzito, e vários possuíam grandes dimensões (mais de 15 cm).

No Holoceno médio e superior, os artefatos líticos dos acampamentos de caçadores/coletores localizados em margens fluviais eram predominantemente dimensionados em menos que 10 cm de comprimento (MARTINS e KASHIMOTO, 2011). Nesses sítios, a matéria-prima utilizada era proveniente de calhaus ou de seixos existentes em cascalheiras naturais nos leitos fluviais, rochas com dimensões menores que os blocos rochosos encontrados nos abrigos ocupados no período anterior, o que deve ter influenciado na configuração final dos artefatos.

No alto curso do rio Paraná, durante o Holoceno médio, a elevação da temperatura e da umidade resultaram na expansão da flora e da fauna, assim como também na integração das sociedades humanas às paisagens hidrográficas abertas, com uma diminuição progressiva na ocupação das cavernas e dos abrigos sob rocha, conforme o que se nota pela baixa ocorrência de vestígios arqueológicos nessas cavidades naturais referentes a esse período.

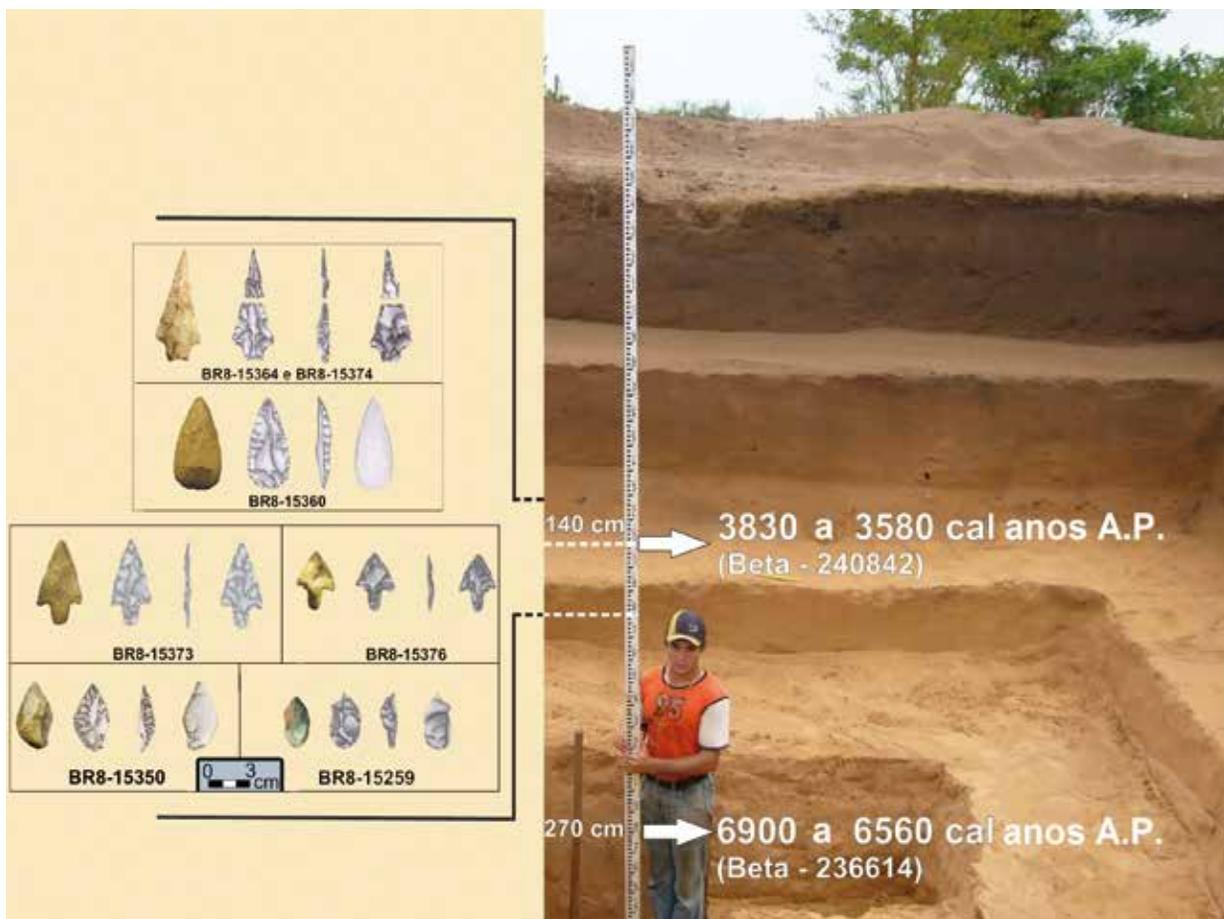
Em áreas próximas aos vales dos rios Verde e Sucuriú, foram encontrados artefatos líticos confeccionados a partir de matrizes extraídas dos afloramentos de blocos de arenito silicificado e, eventualmente, oriundos de calhaus de quartzo, de quartzito, de silexito ou de arenito silicificado presentes nos leitos desses rios. Tais artefatos são menores em comparação àqueles da transição Pleistoceno/Holoceno e Holoceno inferior, localizados no sítio AS12, sugerindo mudanças nas estratégias de subsistência.

Nas margens elevadas do alto curso do rio Paraná localizam-se as maiores concentrações de sítios arqueológicos até o momento descobertos em Mato Grosso do Sul. Esse dado arqueológico permite pensar que, em termos demográficos, o povoamento principal de caçadores/coletores, no Holoceno médio e superior, no leste do Estado, ocorreu inicialmente nas margens do alto curso rio Paraná, pois não se encontra a mesma densidade de sítios arqueológicos nas margens de seus afluentes ou em outras áreas mais distantes do canal principal. A realidade arqueológica da planície de inundação do rio Paraguai assemelha-se a essa em termos de quantidade de sítios, porém ainda há poucas informações cronológicas sobre essa vasta região. A datação arqueológica mais antiga até agora obtida no Pantanal remete, segundo Schmitz *et. al.* (1998), a aproximadamente 8.000 anos A.P.

A ocorrência de sítios com pontas de projéteis líticas lascadas, no alto curso do rio Paraná e afluentes (tais como Amambai, Ivinhema, Ivaí, Paranapanema) estendeu-se até a área da desembocadura do rio Verde, no **sítio Brasilândia 8 (BR8)** (ver página seguinte), com cronologia de cerca de 6.300 a 3.500 anos A.P. Esse dado subsidia a interpretação de que nessa área se situava a zona fronteiriça setentrional de expansão da tradição lítica Umbu, horizonte tecnológico arqueológico que teve sua datação mais antiga registrada no Sul do Brasil, alcançando mais de 10.000 anos de duração, e originária da transição entre o fim do Pleistoceno e o Holoceno inferior.

Durante o Holoceno médio e superior, a alta concentração de sítios arqueológicos, ao longo das margens dos canais hídricos, sinaliza

Nas margens do alto curso do rio Paraná estão as maiores concentrações de sítios arqueológicos até o momento descobertos em Mato Grosso do Sul. Isso permite pensar que no Estado o povoamento de caçadores/coletores ocorreu inicialmente nessa região.



**Escavação do sítio BR8,** sinalizando as pontas líticas evidenciadas na camada de cerca de 4.500 a 3.500 anos A.P. correspondentes.

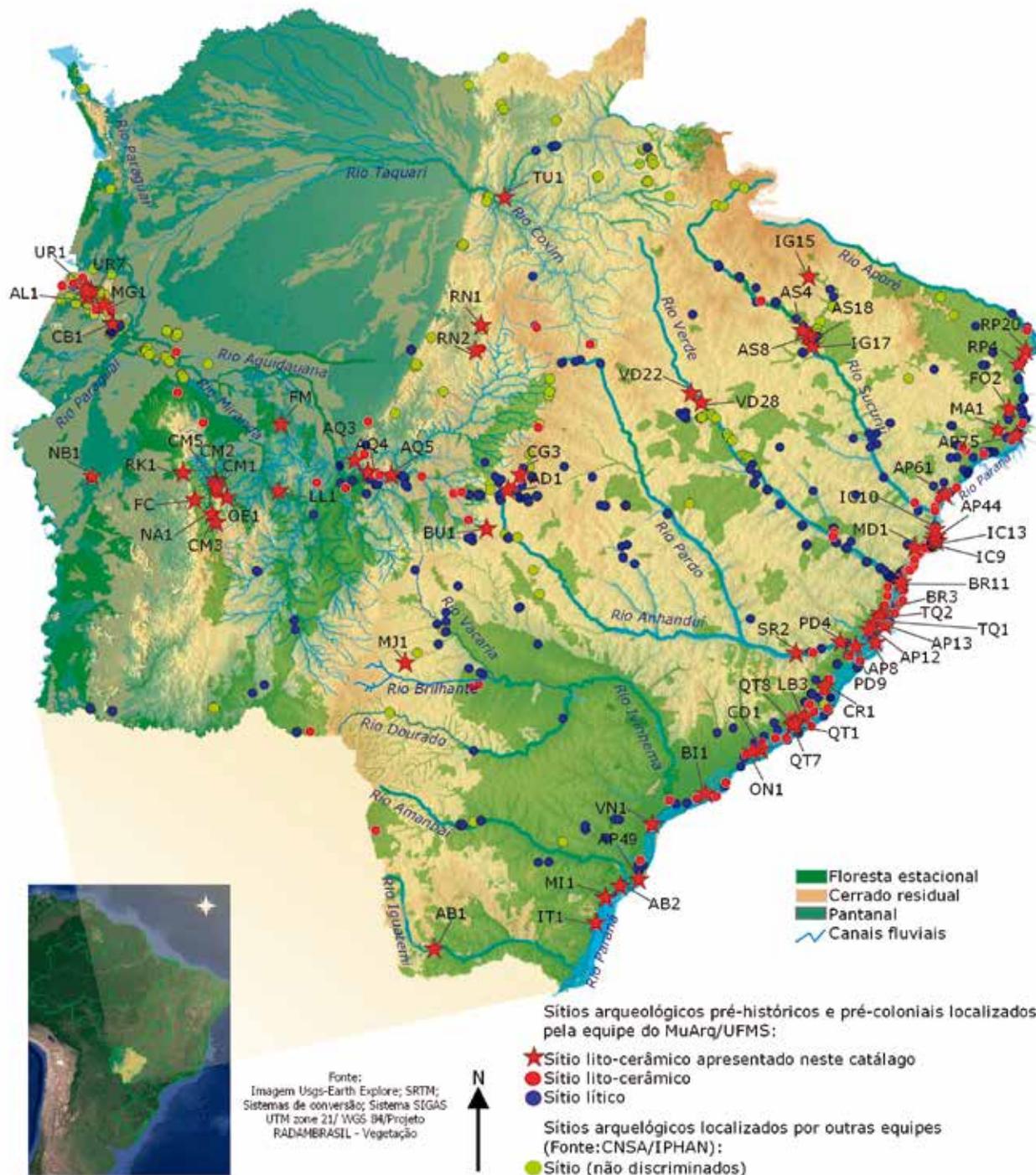
que os fundos de vale, com sua topografia suave e farta disponibilidade de plantas e animais, provavelmente constituíram ambientes preferenciais para a subsistência cotidiana dos caçadores/coletores, assim como nas suas redes de migração intraterritorial.

Os canais fluviais, alargados pelas fortes e contínuas chuvas que caracterizaram ambientalmente o Holoceno médio esculpiram os terraços e as planícies dos fundos de vale, neles depositando nutrientes minerais e orgânicos que promoveram a fertilidade do solo e o desenvolvimento da floresta aluvial, como também a fauna a ela associada, gerando, nessa dinâmica, numerosas fontes ecologicamente equilibradas de recursos naturais. Multiplicaram-se assim, os acampamentos de caçadores/coletores pré-indígenas a céu aberto, sobretudo nas margens dos rios, das lagoas e córregos. Com o passar do tempo, essas concentrações foram compondo reservas demográficas que, adicionadas pelos movimentos migratórios de povos adventícios, viriam a constituir o componente humano básico para a formação futura das sociedades e aldeias de indígenas de agricultores ceramistas no período formativo, ou seja, aproximadamente a partir do terceiro milênio antes do presente.

Na área estadual de Mato Grosso do Sul, a equipe do MuArq localizou 498 sítios arqueológicos, dentre os quais 115 ceramistas, ou seja, foram aldeias ou acampamentos no passado arqueológico (período entre cerca de 2.000 a 400 anos atrás) de sociedades indígenas ceramistas consideradas extintas. A maioria desses sítios arqueológicos apresenta peças cerâmicas com superfícies alisadas, sem decoração, o que não favorece a identificação de indicadores culturais. Tendo em vista que este catálogo objetiva ilustrar os diversos contextos culturais dos povos indígenas ceramistas pré-coloniais, foram selecionadas, predominantemente, amostras de peças cerâmicas decoradas (com pintura, marcas incisas ou digitais).

Dessa forma, de um total de cerca de 57.000 peças cerâmicas (abrangendo fragmentos e vasilhas inteiras) guardadas no MuArq, são aqui apresentadas 525 peças.

O mapa abaixo sinaliza a localização dos 498 sítios arqueológicos registrados, bem como outros 361 identificados por outras equipes (fonte: CNSA/IPHAN) totalizando, portanto, 859 sítios arqueológicos plotados.



## As tradições arqueológicas ceramistas em Mato Grosso do Sul

Ainda não possuímos uma resposta satisfatória sobre a origem, ou origens, dos procedimentos horticultores e agrícolas entre as sociedades indígenas no Brasil arqueológico.

Para tal questão, os pesquisadores formulam e apresentam hipóteses não consensuais. Quando se investiga sobre como e quando a prática tecnológica ceramista se implantou entre os povos indígenas do Brasil pré-colonial também não há concordância entre os arqueólogos. O problema não está na impossibilidade de se verificar empiricamente a ocorrência desses acontecimentos, e sim, que ainda não há pesquisas suficientes. Até o momento, não é possível também determinar se houve um foco geográfico originário – inicial – dessa atividade cultural, que, depois, teria se difundido em diferentes direções ou se houve a invenção dessa tecnologia em lugares distintos e distantes entre si, em circunstâncias cronológicas não muito afastadas no tempo arqueológico e que, com o passar dos séculos, por meio de trocas culturais interétnicas, se influenciaram mutuamente, produzindo assim aperfeiçoamentos e especificidades culturais. Também não está descartada a hipótese de que essa inovação tecnológica tenha chegado ao Brasil importada de áreas arqueológicas vizinhas, como os Andes e/ou a Mesoamérica.

O conhecimento sobre o surgimento das práticas ceramistas entre as sociedades indígenas que habitaram Mato Grosso do Sul nos últimos três ou quatro milênios ainda está em aberto.

Sobre essa problemática científica, o estado da investigação em Mato Grosso do Sul não difere do restante do Brasil. Ao que parece, pelos dados empíricos até o momento recolhidos pela pesquisa arqueológica, o conhecimento sobre o surgimento das práticas ceramistas entre as sociedades indígenas que aqui habitaram nos últimos três ou quatro milênios ainda está em aberto. Todavia, algumas datações arqueológicas no Pantanal e no vale do rio Paraná permitem estabelecer estimativas cientificamente sustentadas de que esse evento se deu há mais de 2.500 anos. Pela posição geográfica central de Mato Grosso do Sul, no interior do continente sul-americano, é plausível se pensar que, provavelmente, a tecnolo-

gia cerâmica chegou ao território estadual por meio de movimentos migratórios oriundos de outras regiões brasileiras. Essa hipótese obtém um reforço quando se analisam as características da cerâmica arqueológica coletada no âmbito dos projetos de pesquisas até agora executados no Estado. Em sua maioria, são conjuntos de vestígios arqueológicos que evidenciam aspectos tecnológicos fortemente presentes nas tradições ceramistas de outras grandes paisagens brasileiras, tal qual a amazônica e a grande área dos Cerrados do Brasil Central, entre outras.

A presença de diferentes tradições de cerâmica arqueológica em Mato Grosso do Sul, nos últimos séculos, bem como sociedades indígenas falantes de línguas vinculadas aos grandes troncos linguísticos brasileiros e até às famílias linguísticas isoladas, pressupõe intensos e complexos fluxos migratórios para o território estadual, os quais, traziam consigo seus respectivos repertórios culturais.

A Arqueologia, como é usual entre a maioria das disciplinas científicas, previamente às análises e interpretações, procura reunir e organizar os conjuntos de dados empíricos por meio de modelos classificatórios denominados "taxionomias". No caso da Arqueologia brasileira, quando esse campo do conhecimento estuda a cultura material arqueológica, ela emprega o termo "tradição" para nominar os distintos conjuntos que apresentem características tecnológicas gerais comuns, em uma área expressiva, no decurso de um período de longa duração (várias centenas ou milhares de anos). No interior de um conjunto ou tradição poderia haver variações tecnológicas parciais, as quais alguns autores denominam fases. Tais especificidades poderiam aparecer, no caso da cerâmica, na composição da forma, da decoração, ou de outros aspectos tecnológicos ou tipológicos. Também é importante frisar que a definição de uma tradição arqueológica não necessariamente se faz presente em um único e determinado espaço geográfico. A Arqueologia brasileira registra manifestações de uma mesma tradição sem que, necessariamente, essas tenham ocorrido em áreas contíguas – às vezes situadas distantes algumas centenas ou mais de quilômetros umas das outras. A observação arqueológica sobre a distribuição das tradições de cerâmica arqueológica no Brasil indica também que as tradições arqueológicas presentes em uma determinada área podem ser múltiplas e contíguas, intercalando-se conforme os modelos de assentamento ambiental adotados pelas respectivas sociedades indígenas que as produziram.

Não há, obrigatoriamente, uma relação direta entre uma tradição de cerâmica arqueológica e determinados grupos étnicos. Por exemplo, nem sempre aqueles que confeccionaram uma cerâmica filiada à Tradi-

A Arqueologia brasileira registra manifestações de uma mesma tradição sem que, necessariamente, essas tenham ocorrido em áreas vizinhas.

ção Tupiguarani<sup>6</sup> teriam sido, a rigor, sociedades falantes de línguas da família tupi-guarani ou de etnias portadoras de sistemas culturais identitários desse mesmo grupo étnico. Porém, parece que essa relação era mais comum que o contrário. Guerras interétnicas, assimilação funcional de novos valores tecnológicos, raptos de mulheres e outros fatores contribuíam para que essas fronteiras culturais fossem permeáveis.

No presente, os dados arqueológicos, disponibilizados pela pesquisa científica, não são suficientes para que a Arqueologia realize uma cronologia mais detalhada das tradições cerâmicas no Brasil. No entanto, as escavações realizadas em alguns abrigos sobre rocha evidenciaram a ocorrência de um tipo de recipiente cerâmico, considerado rudimentar se comparado a outros conjuntos, que os arqueólogos associam a grupos tardios de caçadores/coletores, viventes no final do Holoceno médio, os quais seriam os predecessores dos fabricantes da cerâmica tipicamente indígena, isto é, produzida por grupos de horticultores e agricultores. A esse tipo de cerâmica, antecessora das tecnologias complexas do período clássico, a ciência arqueológica denominou Tradição Una. Essa referência não implica dizer que a produção cerâmica mais recente seja um produto de uma evolução tecnológica direta da Tradição Una. Escavações arqueológicas realizadas em abrigos sob rocha, em Mato Grosso do Sul, permitem pensar nessa impossibilidade também no território estadual.

A tradição ceramista no Brasil com maior expressão territorial é a Tradição Tupiguarani. Poder-se-ia dizer até que é uma tradição pan-brasileira, pois são encontrados sítios arqueológicos depositários desse tipo de vestígio arqueológico praticamente em todos os Estados brasileiros, bem como em partes dos territórios de países vizinhos, como a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia. Novamente chamamos a atenção para o fato de que a dispersão territorial continental dessa tecnologia ceramista não quer dizer, a rigor, que todos os sítios que testemunham a presença dessa tradição sejam relativos a uma mesma etnia ou identidade cultural.

Os autores divergem sobre as origens geográficas e temporais dessa tradição arqueológica, porém, a maioria inclina-se a aceitar uma origem amazônica para a Tradição Tupiguarani, mais especificamente procedente do sudoeste amazônico, em uma área influenciada pela Bacia Ji-Paraná, em Rondônia.

Estudos paleoambientais indicam a ocorrência de um duradouro período ambiental marcado por baixa pluviosidade – secas al-

---

6. Tradição Tupiguarani (sem hífen): denominação conferida pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), à cerâmica confeccionada pela técnica acordelada, com decoração plástica ou pintada, produzida por grupos indígenas falantes de línguas integrantes do tronco Tupi.

Guerras interétnicas, assimilação de novos valores tecnológicos, raptos de mulheres e outros fatores contribuíam para que as fronteiras culturais fossem permeáveis.

ternadas – durante o terceiro milênio antes do presente. O cruzamento de dados arqueológicos indica que os povos indígenas dessa região possuíam um sistema cultural adaptado ao ambiente de florestas tropicais úmidas. Os pesquisadores avaliam que esses índios comporiam uma formação cultural e étnica **Prototupi**.

As abruptas mudanças climáticas anteriormente mencionadas teriam forçado a dispersão territorial desses povos em diferentes direções e em ondas migratórias, distribuídas ao longo dos séculos subsequentes ao fim do terceiro milênio antes do presente.

Uma parcela significativa desses grupos indígenas teria migrado para o leste, distribuindo-se por diversos cursos fluviais integrantes da Bacia Amazônica até o Oceano Atlântico, daí teriam descido para o sul, pela costa atlântica, até o litoral sul do Estado de São Paulo. Várias das etnias indígenas que ocupavam o litoral brasileiro na época do “descobrimento” seriam descendentes desse movimento migratório e são conhecidas popularmente como índios Tupinambá ou Tupiniquim, ou ainda como Aimoré – os “mais antigos do lugar”, na língua por eles falada. O preparo do caulim nessa cultura foi registrado por Hans Staden e posteriormente por Ferdinand Denis conforme se observa na figura desta e na da página seguinte.

A migração dos Tupiguarani pelos rios da Bacia Amazônica, no Brasil Central, pode ter originado os sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani existentes de maneira esparsa nos Estados de Goiás, Mato Grosso, assim como no nordeste de Mato Grosso do Sul. Neste Estado, uma das datações mais antigas dessa tradição foi registrada no sítio Alto Sucuriú 18 (AS18) e corresponde a cerca de 1.440 anos A.P. Os vestígios

**Prototupi** – O termo refere-se a sociedades indígenas do período Formativo que existiram na transição do modo de vida do caçador/coletor para os povos indígenas clássicos.



Preparo do caulim, em *Duas Viagens ao Brasil* / Hans Staden (Século XVI).



Gravura de Ferdinand Denis, 1846.  
 Dimensões:  
 21 x 12,8 cm.

materiais dessas ocupações são alguns raros fragmentos de cerâmica acordelada, com superfícies alisadas, eventualmente com decoração plástica (ungulado, serrungulado ou corrugado) e com pintura policrômica ou engobo. Tais sítios arqueológicos Tupiguarani da área nordeste de Mato Grosso do Sul são pequenos e com poucos vestígios cerâmicos se comparados aos sítios arqueológicos Guarani, estes últimos seriam provavelmente oriundos de uma outra frente migratória na Bacia Platina.

Tais contingentes de povos indígenas Prototupi ceramistas teriam migrado do sudoeste amazônico, em sentido sul, orientando-se por um eixo direcional composto pelas bacias dos rios Madeira, Guaporé e Alto Paraguai. Em seguida, após séculos de territorialização de novas áreas ao longo desse percurso, instalaram-se hegemonicamente sobretudo nas terras banhadas pelos cursos fluviais integrantes da Bacia Platina, em certas localidades do Brasil (Estados da região Sul, São Paulo e na área meridional de Mato Grosso do Sul), Paraguai, Uruguai, no Norte da Argentina e no oriente boliviano. Desse povoamento, restaram sítios arqueológicos com fartos vestígios cerâmicos, indicativos de grandes aldeias e/ou áreas de sepultamento em urnas cerâmicas. Dentre as numerosas e diversificadas peças cerâmicas,

muitas das quais possuem decoração plástica, pintura ou engobo que caracterizam, nessa extensa área, a subtradição Guarani (uma ramificação específica da Tradição Tupiguarani). Essa classificação teve como base a descrição da cultura material efetuada por jesuítas espanhóis, como a do padre Antonio Ruyz de Montoya, na primeira metade do século XVII.

As atuais etnias da família linguística Guarani seriam, em grande parte, descendentes desse fluxo migratório.

Os sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos da subtradição Guarani (Tradição Tupiguarani), em Mato Grosso do Sul, são testemunhos dessa transumância e ultrapassam uma centena. Tais sítios são encontrados no rio Paraná e seus afluentes, assim como na Bacia do Paraguai, especialmente nas áreas florestadas da Morraria do Urucum<sup>7</sup>, em Corumbá, e da sub-bacia do Miranda, nas bordas ocidentais da Serra da Bodoquena, na Terra Indígena Kadiwéu e na Terra Indígena Lalima.

Na área banhada pela Bacia do Alto Paraná, os sítios com a cerâmica Guarani são encontrados sobretudo ao sul do paralelo 21°40'S. Tais sítios vão se tornando mais numerosos na medida em que se toma a direção sul, sobretudo após a foz do rio Pardo, região onde foi, outrora, a área de influência das Missões Jesuíticas do Guairá, na primeira metade do século XVII. Isso sugere a hipótese de que o povoamento Guarani arqueológico, ao longo do rio Paraná em MS, realizou-se na direção Sul-Norte até as proximidades do rio Pardo.

O sítio arqueológico mais antigo da subtradição Guarani, até agora descoberto em Mato Grosso do Sul, e que auxilia na reconstrução dessas frentes migratórias, é o sítio Rio Pardo 9 (PD9). Esse sítio está localizado próximo à foz do rio Pardo – afluente direito do rio Paraná – e foi datado em cerca de 2.000 anos A.P.<sup>8</sup>

Podemos considerar que a subtradição Guarani (Tradição Tupiguarani) é o complexo cultural ceramista arqueológico com a maior presença no Estado, tanto em número de sítios quanto de peças cerâmicas.

Neste Catálogo, a cerâmica Tupiguarani é ilustrada separadamente da cerâmica Guarani. Esta última é aquela caracterizada pela forte presença de recipientes com decoração plástica corrugada, grandes recipientes para armazenamento de líquidos com formato de

Os sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos da subtradição Guarani em Mato Grosso do Sul são testemunhos de inúmeras migrações de povos indígenas.

---

7. Datação de amostra de carvão do sítio Córrego Arigolândia 1 (AL1), obtida pelo método do C<sup>14</sup>, resultou em 940 a 760 anos A.P. (Beta-218203, datação calibrada).

8. A amostra de carvão coletada no sítio PD9 foi datada entre 2.130 a 1.930 anos A.P. (Beta-2670610), pelo método do C<sup>14</sup>.

“cuia” para tereré ou chimarrão, “cabeça de poranga” ou carenado, certo padrão estético de pinturas, entre outras propriedades.

No país, outra grande dispersão de sítios arqueológicos ceramistas refere-se à Tradição Aratu. A extensa área geográfica onde foram registrados sítios representantes dessa tecnologia cerâmica preenche uma grande parcela do Brasil Central, sobretudo onde o ambiente de Cerrado é a vegetação predominante. Também há vários registros no ocidente nordestino e nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. A Tradição Aratu seria uma tecnologia cerâmica de povos indígenas adaptados preferencialmente a ambientes de cerrados. A Arqueologia registra sítios cerâmicos da Tradição Aratu de mais de 1.000 anos A.P. A sobreposição territorial aproximada entre a área arqueológica dessa tradição e os territórios de povos indígenas, conhecidos desde o período colonial, como falantes de línguas do tronco linguístico Macro-Jê, orienta a hipótese de que parte considerável da cerâmica arqueológica Aratu, recolhida pela pesquisa arqueológica, teria sido confeccionada por povos indígenas considerados protofalantes ou falantes de línguas filiadas a esse horizonte linguístico.

Os sítios da Tradição Aratu existentes em Mato Grosso do Sul ainda não são bem conhecidos. Pelo que se sabe, essa cerâmica apresenta vinculações com uma variação regional dessa tradição, isto é, a chamada Tradição Aratu-Sapucai.

Em Mato Grosso do Sul, os sítios portadores de vestígios de cerâmica Aratu estão localizados sobretudo na região norte e nordeste e, em menor quantidade, em certos pontos próximos à calha do rio Paraná, acima da foz do rio Pardo. A crônica histórica e os estudos de etno-história apontam para a presença substancial de índios Kaiapó Meridional e Ofaié, falantes de línguas do tronco Macro-Jê, nessa área, no passado histórico. O Kaiapó Meridional, que pode ser descendente desse passado arqueológico, desapareceu desse espaço geográfico no fim do século XIX; todavia, o Ofaié permanece habitando em uma parte reduzida de seu território tradicional.

Por falta de pesquisas suficientes, os sítios da Tradição Aratu existentes no Estado ainda não são bem conhecidos. Pelo que se sabe, essa cerâmica é caracterizada por apresentar vinculações com uma variação regional dessa tradição, isto é, a chamada Tradição Aratu-Sapucai, que, segundo alguns autores teria surgido no sul de Goiás por volta de 1.000 anos A.P. Os sítios Aratu-Sapucai, datados no território estadual, estão localizados no médio curso do rio Verde<sup>9</sup>, afluente do Paraná, e remontam a um passado arqueológico situado ao redor dos séculos XIV e XV da nossa era. É importante acentuar que esses sítios talvez possam corresponder à fronteira meridional de expansão dessa tradição.

---

9. Datação de amostra de carvão do sítio Rio Verde 22 (VD22), obtida pelo método do C<sup>14</sup>, resultou em 545 a 500 anos A.P. (Beta-457781, datação calibrada).

Com o passar dos séculos, a partir do terceiro milênio antes do presente, houve no Brasil Central a consolidação da ocupação territorial por sociedades agrícolas ceramistas formando um complexo mosaico étnico. Além das duas tradições ceramistas citadas anteriormente, processos de dinâmicas e trocas culturais, ainda não muito bem conhecidos pela Arqueologia, provocaram o aparecimento de um novo sistema tecnológico de produção ceramista denominado Tradição Uru. Essa tradição, mais recente, pelo que é possível estimar com os dados atuais, teria surgido por volta de 1.000 anos A.P. O fazer dessa cerâmica teria se prolongado até meados do século XVIII. A cerâmica da Tradição Uru caracteriza-se por apresentar vasilhas cerâmicas de base plana, associada a assadores de beiju de mandioca amarga, o que seria um indicativo de sua provável origem amazônica. As tradições Uru e Aratu-Sapucai possuem em comum a ampla utilização do antiplástico cariapé<sup>10</sup> em adição à argila. O número de sítios descobertos pela pesquisa arqueológica, passíveis de serem associados à Tradição Uru, não é grande no Estado. Os registros, por enquanto, estão concentrados na região do Alto Paraná<sup>11</sup>, especificamente na área ao norte do rio Verde até o rio Paranaíba.

Por fim, nesta breve exposição introdutória, ainda cabe citar a presença de mais dois tipos de tecnologia cerâmica na área estadual: a Tradição Pantanal e a Tradição Chaquenha.

A Tradição Pantanal, como o próprio título referencia, é encontrada em sítios localizados na extensa planície de inundação do rio Paraguai e baixo curso de seus afluentes da margem esquerda. Pesquisadores da Universidade Vale dos Sinos (Unisinos), no fim dos anos 1990, escavaram vários sítios na região do Pantanal da Nhecolândia e obtiveram alguns dados cronológicos. As datações mais antigas para essa tradição foram situadas bem próximas ao final do terceiro milênio antes do presente. Fragmentos dessa cerâmica foram coletados sobretudo em aterros artificiais arqueológicos nas áreas alagadas do Pantanal. Provavelmente, evidenciam vestígios arqueológicos da cultura material de sociedades indígenas canoieiras, tais como os índios Guató. Seriam etnias portadoras de uma horticultura simples e possuidoras de um modo de vida que, como estratégias de subsistência, teriam na pesca e coleta de frutos de palmeiras sua atividade central.

Conforme o que se pode extrair das publicações científicas que divulgaram essas pesquisas, o número de sítios arqueológicos depositários dessa cerâmica seria em torno de centenas. Em termos de exten-

Com o passar dos séculos houve no Brasil Central a consolidação da ocupação territorial por sociedades agrícolas ceramistas formando um complexo mosaico étnico.

---

10. Ver significado na página 40 deste Catálogo.

11. Datação de amostra de carvão do sítio Alto Paraná 75 (AP75), obtida pelo método do C<sup>14</sup>, resultou em 670 a 630 anos A.P. (Beta-346377, datação calibrada).

são da distribuição de fragmentos cerâmicos, os que apresentam vestígios dessa tradição são bem distintos dos até agora mencionados. O que se percebe nas escavações realizadas é que os vestígios cerâmicos não estão depositados em camadas profundas mas sim dispersos por áreas pequenas, demonstrando que os sítios não se referiam a aldeias indígenas extintas e sim a acampamentos de agrupamentos humanos compostos por apenas algumas famílias, distribuídos pela imensidão do espaço pantaneiro inundável. A cerâmica da Tradição Pantanal apresenta atributos que são singulares a essa área geográfica.

Na porção sudoeste do Estado, em alguns sítios, foi observada uma cerâmica que se faz muito presente nos sítios arqueológicos conhecidos na margem direita do rio Paraguai, na área do Chaco, integrantes da Tradição Chaquenha, como o próprio nome especifica. Em Mato Grosso do Sul, o registro dessa cerâmica é ainda pequeno se comparado ao universo de outros sítios ceramistas estaduais. No atual estágio da pesquisa arqueológica, a datação de cerca de 700 anos A.P.<sup>12</sup> constitui-se em uma referência cronológica, mas que não permite esclarecer a dinâmica temporal dessa tecnologia.

Embora ainda não esteja bem claro para a Arqueologia o momento do surgimento da cerâmica Chaquenha em Mato Grosso do Sul, parece que ela se intensificou após o início da colonização ibérica no vale do Médio Paraguai, Pantanal, quando as sociedades indígenas manufatureiras da cerâmica Tupiguarani, que viviam na região sudoeste do Estado, foram desalojadas pela ação dos bandeirantes colonizadores luso-brasileiros a partir do final do século XVI.

De modo geral, a cerâmica chaquenha caracteriza-se por formas cerâmicas com superfícies externas evidenciando alinhamentos de roletes, decoração por meio de impressão de cordinhas vegetais, policromia e apliques de cordões de argila. Também eram confeccionadas peças cerâmicas antropomórficas e zoomorfas. Considerando-se a grande diversidade cultural das etnias que habitaram a extensa região da planície chaquenha, no âmbito da taxionomia interna dessa tradição é visível a existência de subconjuntos. Essa variabilidade estilística e morfológica parece ter influência de origens diversas, tais como as de proveniência dos Andes, dos Pampas e da Amazônia, entre outras. Enfim, são processos culturais ainda desconhecidos da ciência arqueológica.

Todavia, no sudoeste do Estado, onde a ocorrência dessa tradição arqueológica está restrita, percebeu-se a existência de dois contextos ambientais e arqueológicos parcialmente distintos. O pri-

---

12. A amostra de cerâmica coletada no sítio Córrego Campina 1 (CM1) foi datada de 680 ± 80 anos A.P. (FATEC-177), pelo método da termoluminescência.

De modo geral,  
a cerâmica  
chaquenha  
caracteriza-se por  
formas cerâmicas  
com superfícies  
externas  
evidenciando  
alinhamentos  
de roletes,  
decoração  
por meio de  
impressão  
de cordinhas  
vegetais,  
policromia e  
apliques de  
cordões de argila.

meiro é o do conjunto de recipientes e outros artefatos, localizados em cavernas da serra da Bodoquena e em sítios descobertos em seu entorno, no Pantanal do rio Miranda, a oeste dessa serra; o outro é o dos poucos vestígios de grandes e médios recipientes coletados assistematicamente nos municípios de Porto Murtinho e de Corumbá. A cerâmica etnográfica Kadiwéu ou Guaicuru, em suas características gerais, no Estado, é a que mais se aproxima da cerâmica da Tradição Chaquenha. Por enquanto as abordagens analíticas da Arqueologia ficam muito restritas por causa do pouco conhecimento científico que se tem sobre os sítios existentes nessa vasta região. Para inverter essa situação serão necessários novos projetos de investigação arqueológica e etnográfica.

Concluindo esta breve e panorâmica abordagem sobre as tradições cerâmicas existentes no passado arqueológico da área estadual, devemos levar em conta, sobretudo, o quão incipientes ainda são as pesquisas. Grandes áreas de Mato Grosso do Sul nunca foram pesquisadas e as que já foram abordadas pela iniciativa científica foram pouco ou parcialmente aprofundadas. O único espaço territorial estadual satisfatoriamente pesquisado foi o trecho do rio Paraná impactado pelos reservatórios das Usinas Hidrelétricas Sérgio Motta, Jupiá e Ilha Solteira. Por isso, também não pode ser descartada a possibilidade de haver sítios arqueológicos ainda desconhecidos, depositários de vestígios cerâmicos cuja tecnologia não se enquadra em nenhuma das tradições aqui listadas.

Como reforço do que foi exposto, no inventário da Reserva Técnica do MuArq consta o registro de alguns sítios cerâmicos ainda não identificados em termos de filiação às tradições já catalogadas. Como exemplo, pode ser citado o sítio Córrego Prosa 1 (CG3), localizado no Parque das Nações Indígenas, no centro da cidade de Campo Grande. Esse sítio lítico-cerâmico, datado como sendo pré-colonial<sup>13</sup>, foi objeto de escavações arqueológicas pontuais que resultaram na coleta de alguns fragmentos de cerâmica e um recipiente quase inteiro. No entanto, após as análises laboratoriais convencionais, não foi possível enquadrar esses dados entre as tradições ceramistas conhecidas. Nessa área do planalto sul-mato-grossense, em Campo Grande e em Sidrolândia, foram localizados fragmentos de cerâmica com decoração de superfície tipo serrungulada e ungulada.

No sítio arqueológico Aquidauana 5, localizado no *front da cuesta* de Aquidauana, escavações arqueológicas recentes revelaram a ocorrência de fragmentos de cerâmica arqueológica, sem decoração, datadas em mais de 2.000 anos.

---

13. A amostra de cerâmica coletada no sítio CG3 foi datada de  $635 \pm 75$  anos A.P. (FATEC-176), pelo método da termoluminescência.

Considerando as pesquisas ainda incipientes, não se pode descartar a existência de vestígios cerâmicos que não se enquadrem nas tradições listadas neste Catálogo.

## A confecção de artefatos cerâmicos

A atividade cultural ceramista é aquela relacionada à produção de recipientes e outros objetos cuja matéria-prima é a argila submetida a um processo de manufatura e cozimento que a endurece, a mantém estável e a torna impermeável por longo tempo.

A cadeia operatória de confecção de artefatos cerâmicos pressupõe o domínio de gestos tecnológicos que são adquiridos por meio de transmissão cultural no seio de uma determinada sociedade e, como tal, em geral, reproduzem aspectos sociais e culturais identitários de seus fabricantes. A aquisição desse conhecimento por um determinado grupo social no passado arqueológico pode ter acontecido por vias endógenas ou exógenas. No contexto sul-mato-grossense prevaleceu a segunda influência. A maneira como se realiza o aprendizado das técnicas de fabricação desses objetos segue regras sociais que variam conforme o modo de ser de cada etnia. Obviamente, a produção ceramista arqueológica era calcada em um conhecimento compartilhado empiricamente entre os membros de uma sociedade específica, ação essa que era regida por meio da divisão social do trabalho em moldes familiares. Por conta disso, não havia uma uniformidade rigorosa nos resultados, como se observa na produção fabril no período histórico. Mesmo assim, a pesquisa arqueológica constata e registra grande homogeneidade tecnológica na cadeia operatória e nos produtos cerâmicos coletados em sítios arqueológicos de uma mesma área e horizonte cultural. São marcadores étnicos dos artesãos, diferenciando-os de outros grupos. Esse fato permite que seja possível uma taxionomia dessas tecnologias e, por consequência, também um mapeamento arqueológico das cadeias operatórias empregadas pelas sociedades que as praticaram.

A Arqueologia verificou também que as técnicas utilizadas na cadeia operatória oleira variaram no tempo, seja por meio de trocas culturais interétnicas, seja pelo aperfeiçoamento interno resultante das experiências sucessivas na produção ou, ainda, por novas necessidades ditadas pelas dinâmicas cotidianas.

É importante destacar que, por razões óbvias, nunca houve por parte da Arqueologia a observação direta e ocular e o consequente registro etno-arqueológico da produção de recipientes de cerâmica entre as sociedades que preteritamente viveram na área estadual. Assim, as descrições feitas a seguir são resultantes de análises arqueológicas que permitiram inferir parcialmente as cadeias operatórias praticadas na confecção dos vestígios cerâmicos arqueológicos apresentados e abordados neste Catálogo.

Sabe-se que alguns dos grupos indígenas atualmente viventes no Estado possuem um passado que retrocede séculos antes da chegada do colonizador ibérico. Porém, é sabido também que o contato com os colonizadores europeus produziu mudanças culturais que influenciaram os comportamentos tecnológicos autóctones. Como exemplo, o abandono do uso de machados de pedra polida, que foram substituídos pelos de ferro. Também na manufatura cerâmica houve a intrusão de procedimentos adventícios, como o uso do forno e outros aspectos tipológicos e tecnológicos. Assim, não é recomendada a aplicação direta da observação etnográfica proveniente do período colonial e dos dias atuais para o passado arqueológico. Todavia, a observação etnográfica analógica, remetida aos contextos etno-arqueológicos, permite que algumas deduções sejam possíveis na perspectiva de análise e interpretação dos vestígios e contextos arqueológicos.

O território de Mato Grosso do Sul, por sua complexa e densa malha fluvial favoreceu, ao longo de milhares de anos, a formação de depósitos sedimentares aluviais que, com o decorrer de longos períodos deposicionais, transformaram-se em expressivas jazidas de argila. No passado, a abundância de tais jazidas propiciou a expansão de grupos indígenas ceramistas agricultores por todas as áreas sul-mato-grossenses. A significativa presença de aldeamentos ceramistas em diferentes partes do território estadual gerou centenas, talvez, milhares de sítios arqueológicos, distribuídos por todos os municípios estaduais.

A obtenção da matéria-prima argilosa era a primeira etapa dos procedimentos artesanais. Portanto, a localização das fontes ou jazidas de argila era uma ação que implicava conhecimento geográfico e ambiental prévio e seletivo – talvez, por motivações culturais, em alguns casos, o conhecimento desses locais poderia ser até sigiloso. Em geral, os jazimentos argilosos estão localizados nas margens de rios e lagoas ou em áreas integrantes de planícies de inundação, em pontos que, de preferência, não deveriam estar muito distantes do lugar de modelagem, pois, o peso da argila em estado bruto, ainda úmida, é considerável, limitando, assim, a capacidade de transporte por uma única pessoa.

A coleta da matéria-prima poderia ser feita individual ou coletivamente. Por meio de analogia etnográfica presume-se que essa

A significativa presença pretérita de aldeamentos ceramistas no território estadual gerou inúmeros sítios arqueológicos, distribuídos por todos os municípios de MS.

atividade poderia ser feita só por mulheres, só por homens ou mista. Muito provavelmente, esse era um comportamento cultural específico e estaria revestido de acrescentamentos simbólicos conforme o modo de ser de cada grupo étnico. Se levamos em consideração, com as ressalvas anteriormente indicadas, os registros da crônica histórica do período de contato e o seguinte, verificou-se que, no conjunto de hábitos dos indígenas viventes no Estado, bem como em outros lugares do Brasil, a confecção de artefatos cerâmicos era uma atividade típica e quase que exclusiva de mulheres.

Uma vez coletada, a argila necessitava passar por um tratamento preparatório, eliminando as impurezas como galhos, raízes, fragmentos de rocha e outros elementos intrusivos que poderiam comprometer o cozimento e fazer o recipiente rachar durante a queima. A argila, coletada em torrões, era umedecida e deixada em descanso por alguns dias.

Com o objetivo de manter uma maior plasticidade e homogeneidade, a argila era amassada sucessivamente e, conforme o caso, acrescida de outros materiais minerais (areias, **cacos moídos** e outros) ou materiais orgânicos, como carvões moídos ou cinzas vegetais (**cariapé**). Esses elementos aditivos, **antiplásticos**, melhoravam a textura, a homogeneidade da pasta, a impermeabilidade, equilibrava a plasticidade e aumentava a resistência ao calor. Uma das finalidades principais da preparação da massa era evitar rachaduras durante ou após a queima ou ainda durante o uso futuro. Algumas vezes, parte da argila também era queimada produzindo **bolotas de cerâmica**.

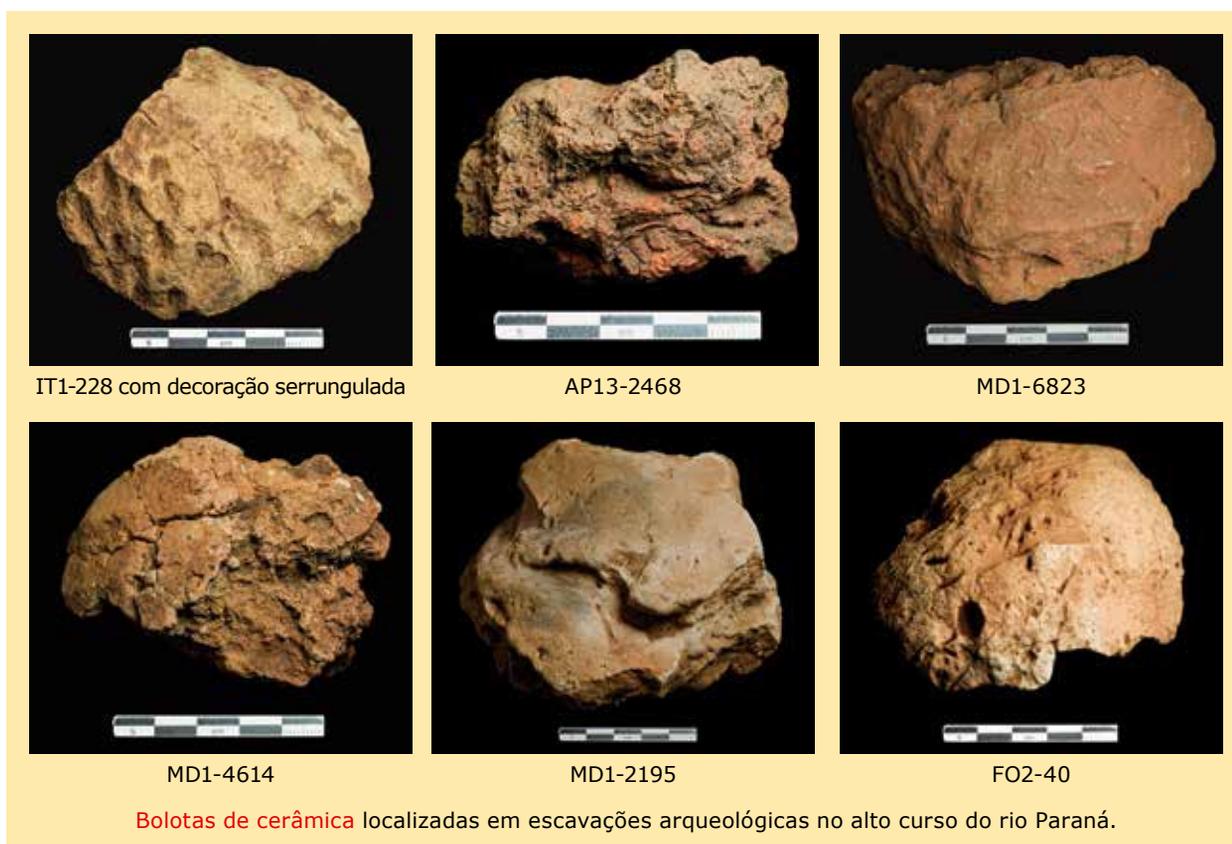
No registro arqueológico sul-mato-grossense, verificou-se que o manuseio com a finalidade de dar à pasta argilosa ainda crua, sem queima, uma forma, obedecia basicamente a dois procedimentos técnicos: a modelagem direta sobre a pasta (técnica **modelada**) e a modelagem indireta, realizada por meio da sobreposição de roletes de argila

**Antiplástico** – A argila em seu estado natural é muito plástica e pegajosa, podendo encolher muito rapidamente quando submetida à secagem e à queima, o que pode provocar rachaduras. Por isso, evita-se o uso da argila pura. À argila são acrescentados outros materiais moídos de origem mineral (areias, cerâmica moída e outros) ou vegetal (carvões moídos, conchas moídas e outros), que se adicionam à argila para formar a pasta, contribuindo assim para melhorar suas propriedades, como a plasticidade e a resistência na fase de secagem e cocção do recipiente cru.



**Cariapé** – Aditivo à pasta de argila composto de cinzas vegetais (AP75-4140 – peça e detalhe do cariapé).

**Cacos moídos** (fragmentos de cerâmica), peça MD1-1704.



de diferentes espessuras e tamanhos que, dispostos em espirais sucessivas (técnica **acordelada**), compunham ao final uma forma desejada.

Com a variação da sobreposição dos roletes a partir de uma base plana ou convexa, obtinha-se progressivamente o diâmetro e a altura desejada para o pote. Após esses gestos, as superfícies internas e externas eram alisadas por meio, por exemplo, do uso de um seixo ou de outro caco de cerâmica e, assim, era obtida a emenda/junção entre os roletes. O uso dessa técnica ocasionava, nas junções dos roletes, a ocorrência de pontos mais frágeis nas paredes dos recipientes. Geralmente, os fragmentos ou vestígios arqueológicos cerâmicos atestam o uso dessa técnica (acor-



As formas e as dimensões das vasilhas em geral eram determinadas pelo uso a que seria destinado cada recipiente ou artefato. O registro arqueológico demonstra uma variedade expressiva nessas possibilidades.

delamento), pois é visível que a ruptura da parede se dava, em geral, nesses segmentos de junções. Assim sendo, os fragmentos de peças cerâmicas acordeladas têm invariavelmente formatos quadrados ou retangulares, conforme se observa nas fotos da Parte Dois deste Catálogo. A grande maioria das peças cerâmicas arqueológicas de Mato Grosso do Sul foi confeccionada com a aplicação dessa técnica.

Mais raramente eram utilizados moldes, tais como cabaças, que eram revestidas com argila para a confecção de formatos cerâmicos específicos.

Dessa forma, existiam diferentes técnicas para se atingir a morfologia desejada dos recipientes, classificados em tipos. A tipologia dos recipientes cerâmicos arqueológicos também variava, no tempo e no espaço, conforme os perfis culturais de cada etnia. Nesse sentido, com a análise arqueológica se subentende a função dos objetos como bens de uso, mas também quais são os seus significados simbólicos para o respectivo grupo. Assim, a análise tipológica realizada pela pesquisa arqueológica visa situar de maneira estimativa o papel de cada artefato no âmbito da cultura material de um determinado sítio arqueológico ceramista.

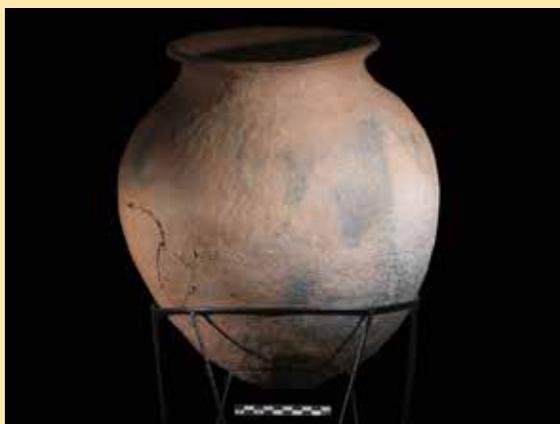
As formas e as dimensões das vasilhas em geral eram determinadas pelo uso a que seria destinado cada recipiente ou artefato; portanto, o registro arqueológico demonstra uma variedade expressiva nessas possibilidades. Todavia, um mesmo objeto poderia ter usos diferenciados no seio de uma mesma sociedade, por exemplo, um jarro grande que servia para armazenar líquidos poderia, em um segundo momento, ser reutilizado como uma urna funerária.

A inspiração para a escolha de modelos de formas tinha fontes diversas. Muitas vezes, além do pragmatismo, eram formas simbólicas que representavam valores culturais específicos e que impunham

formatos nem sempre os mais funcionais. Porém, no registro arqueológico, a finalidade prática parece se impor como muito influente na definição de formas/tipos, direcionando inclusive o índice da produção dos recipientes tipologicamente distintos e, em consequência, o *quantum* de vestígios arqueológicos que se farão presentes em um determinado sítio.

Podemos citar como exemplo da relação tipologia/função os recipientes **globulares** que possuíam um diâmetro na "boca" menor do que no meio do corpo do pote. Esses recipientes eram usados, em geral, para o trans-

**Globulares** – Recipientes cerâmicos com forma de globo, arredondados, possuem a propriedade de conservar melhor o calor interno do recipiente, muito usados para cozinhar ou armazenar líquidos (CM1-139).



**Alisamento** – Depois que a argila foi trabalhada na forma desejada, a peça, ainda crua, era alisada, utilizando, para tal, provavelmente um seixo ou um caco de cerâmica bem liso, objetivando-se com isso não só um acabamento estético mas também uma microuniformidade na superfície interna e externa da peça, de maneira que a impermeabilidade aumentasse e o risco de trincamento diminuísse.



AP44-2360

**Brunido** – Técnica de tratamento superficial de objetos cerâmicos que se realizava com a pasta ainda úmida, porém parcialmente endurecida, geralmente utilizando um seixo arredondado, o que conferia uniformidade à superfície e um certo brilho, além de contribuir para aumentar a impermeabilidade.



AQ4-354-452-769-665-449-776-772-775-771

porte e armazenamento de líquidos ou para cozinhar alimentos; recipientes com fundo chato e diâmetro da “boca” igual à base, em geral, eram usados na torrefação de farinhas e outros alimentos.

Os artefatos cerâmicos passavam por diferentes tratamentos antes da cocção. Estando ainda a argila maleável, as superfícies internas e externas eram objeto de alguns tratamentos prévios que visavam ao acabamento funcional e decorativo/simbólico das peças. As ações mais recorrentes eram: o **alisamento**, realizado com o uso de alguma ferramenta ou somente com os dedos; o polimento ou o **brunhido**, também realizado com o uso de alguma ferramenta, geralmente um seixo com superfície bem lisa, visando-se obter uma superfície mais brilhante e mais impermeável.

A **decoreção plástica** era feita por meio de incisões geométricas, sequências de pontos, ou linhas dispostas em alinhamentos diversos, isoladas ou paralelas, e para isso usavam-se instrumentos pontiagudos, como espinhos, ou inserindo-se sequências de marcas feitas com as unhas (ungulado). Além do caráter simbólico, tais incisões, muitas vezes, serviam para evitar que a peça ficasse escorregadia. Havia o corrugado, que eram sequências regulares de pontos de esmagamento da argila com os dedos, nas junções entre os roletes, visando à maior aderência deles entre si e também maior impermeabilidade e resistência ao trincamento e rachaduras, antes, durante e após a cocção.

A técnica acordelada, bem como as decorações plástica (corrugada, ungulada, serrungulada, linhas incisadas, ponteadas, escovadas, mamilonares), engobada e pintada (linhas vermelhas e pretas sobre o

**Decoração plástica** – É a ação de acabamento da peça, com a argila ainda crua, com o objetivo de atribuir aspectos simbólicos ou utilitários ao artefato. Poderia ser realizada com a pressão dos dedos (corrugado); unhas (ungulado e serrungulado); espinhos ou outros objetos pontiagudos (inciso, ponteadado); cordinhas ou outras fibras vegetais (impressão); ou escovado provavelmente com sabugo de milho.



CORRUGADO (AP8-567)



UNGULADO (RP20-24)



LINHAS INCISAS (MD1-1666)



PONTEADO (BR11-247)



ESCOVADO (IT1-148)



IMPRESSÃO DE CORDINHA (UR7-235)

**Engobo** – Solução líquida feita com argila muito fina, que recobre o recipiente cerâmico total ou parcialmente.



Engobo vermelho (AP13-2005)



Engobo branco (UR7-456)

engobo branco ou vermelho) são características da cerâmica arqueológica Guarani.

Além dos procedimentos anteriormente descritos, antes do cozimento das peças, poderia haver também a adição de **engobos**, isto é, o recipiente era banhado com a aplicação de uma fina camada de revestimento interno e/ou externo, empregando-se para tal uma solução feita com finíssimos pigmentos minerais, buscando-se assim colorir a peça ou aumentar a sua impermeabilidade. As cores dos engobos variavam pouco, predominando tons do ocre e branco. Geralmente, os engobos aplicados em cada peça eram monocromáticos, porém havia também recipientes com engobos bicolores em partes distintas do artefato.

Antes do cozimento, os recipientes eram deixados por um tempo variável, às vezes, alguns dias, secando para haver a perda total da umidade que lhes conferiria a plasticidade que permitiria modelá-los. Em geral, a seca-

gem era feita lentamente, em locais sombreados, pois a exposição direta ao sol poderia contrair rapidamente a argila e provocar rachaduras. Poderia ser que, após a lenta secagem na sombra, as peças ficassem ainda expostas um certo tempo ao sol para uma secagem mais completa.

Em seguida ocorria a queima. Nessa etapa, a peça de argila passava por uma metamorfose material e estrutural. A argila, ao término da queima, havia se transformado em cerâmica, um material duro, imutável, resistente, desidratado, impermeável e com nova coloração.

Os ceramistas do passado arqueológico de Mato Grosso do Sul não conheciam a técnica do uso de fornos para a cocção de objetos de argila. As características apontadas no parágrafo anterior eram mais consistentes quanto maior fosse a temperatura da cocção da argila.

Para a cocção dos recipientes, os povos ceramistas que habitaram o território estadual no passado pré-colonial inseriam seus potes de argila no interior de fogueiras a céu aberto para, com isso, obterem a transformação da argila em cerâmica. Todavia, as fogueiras eram limitadas quanto ao alcance de altas temperaturas, o que, muitas vezes, resultava em peças malcozidas, portanto, mais frágeis ao trincamento e rachaduras durante o processo da queima e quando do uso posterior. Também a impermeabilidade estava limitada por esse fator. O tempo de cozimento das peças variava conforme o teor de combustão das madeiras empregadas, a ventilação e em relação às dimensões das peças, podendo esse procedimento durar algumas horas.

Nessa maneira de proceder, as etapas e duração da cocção eram determinadas pelo aumento progressivo da temperatura. Em torno de 100°C obtinha-se a plena desidratação da argila, ao redor de 350°C havia a decomposição do material orgânico, e, com a temperatura atingindo um patamar entre 400°C e 850°C, ocorria a combustão e a união dos minerais argilosos, passando a argila a ser cerâmica.

Durante a queima, o aparecimento da tonalidade alaranjada/ avermelhada na peça levada ao fogo significava que a argila estava cozida e transformada em cerâmica, ou seja, teria havido uma oxidação completa. O enegrecimento e coloração irregular de partes da peça significava que a **queima ainda estava incompleta**.

Esses conhecimentos da cadeia operatória eram provenientes da observação empírica realizada durante séculos pelos praticantes dessa modalidade tecnológica de manufatura de artefatos cerâmicos.

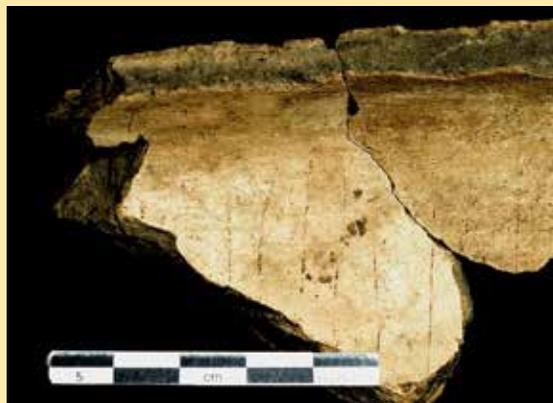
Nos conjuntos de fragmentos cerâmicos coletados nos sítios arqueológicos em Mato Grosso do Sul predominam as cerâmicas lisas sem pinturas. Em segundo lugar, o tipo de decoração ou acabamento mais expressivo é a decoração plástica, realizada antes da queima, quando a argila ainda crua apresentava a plasticidade original desse mineral.

Para a cocção dos recipientes, os povos ceramistas inseriam seus potes de argila no interior de fogueiras a céu aberto para, com isso, obterem a transformação da argila em cerâmica.

Registro etnográfico (1999) da técnica tradicional de confecção cerâmica Kadiwéu. Na foto, a peça cerâmica após a queima, ainda nas cinzas da fogueira.



Queima incompleta percebida pela cor cinza na lateral da peça.



AP13-90

Alguns fragmentos de cerâmica eram reutilizados como **calibradores**, para calibrar outros materiais, como segmentos de madeiras/taquaras usados como varetas ou hastes de flechas ou ainda instrumentos ósseos. Outros fragmentos foram reutilizados como **afiadores** de lâminas de machados de pedra polida.

Alguns recipientes, concluída a cocção, já estavam prontos e disponíveis para uso e não sofriam mais nenhum tipo de intervenção manufatureira – a cerâmica lisa. Porém, de acordo com a função da peça no contexto sociocultural do grupo produtor, como o transporte e a estocagem de líquidos e grãos, o cozimento de alimentos, a torrefação de farinhas, usos de recipientes cerimoniais, uso como adornos, brinquedos e outros, as peças poderiam receber um tratamento decorativo final.

Por exemplo, na cerâmica Guarani, a decoração feita após a queima/cocção das peças era por meio de pintura, predominantemente **policrômica**. A decoração pintada era feita adotando-se sequências de desenhos de signos geométricos como triângulos, losangos, espirais, linhas paralelas, linhas oblíquas e outros traçados. A decoração poderia ocorrer em alguma parte do pote, no recipiente inteiro, apenas na parede externa, só na parede interna ou em ambas as faces. Neste catálogo foi aplicada a nomenclatura de Prous (2010).

Somente algumas peças cerâmicas recebiam ambos os padrões decorativos, plástico e pintado.

As cores empregadas na decoração da cerâmica arqueológica de Mato Grosso do Sul

Afiador  
(CR1-934)



Calibrador (fragmento com decoração corrugada, PD9-182)

Pintura policrômica  
(BI1-1040)



Decoração corrugada e pintada  
(CD1-2709)

variavam conforme a etnia, o lugar e o momento em que foram produzidas. Em geral, os tipos de pintura encontrados são os monocromáticos sobre engobo branco e, mais raramente, sobre o vermelho. As tonalidades de cores derivadas do ocre eram as mais recorrentes, em seguida, as linhas brancas sobre a cor original da cerâmica ou sobre o engobo vermelho. Linhas traçadas na coloração preta sobre fundo de engobo branco também são comumente encontradas.

São raros na cerâmica arqueológica estadual os casos de preenchimento de campos delimitados na superfície das paredes de recipientes em policromia. O emprego dessa técnica surgirá somente após o início do período colonial tendo como suporte a cerâmica feita pelas índias Guaicuru que se estabeleceram no Estado durante o período colonial. Essa manifestação pictórica também pode ser observada na cerâmica arqueológica da Tradição Chaquenha.

Diferentemente das pinturas da cerâmica grega arqueológica, por exemplo, que representava e retratava personagens heróicos e narrativas mitológicas e cotidianas, na cerâmica arqueológica de Mato Grosso do Sul eram raras as representações figurativas, como figuras antropomorfas e zoomorfas até agora só identificadas entre as peças da tradição Chaquenha. Nos demais sítios, as representações existentes são desenhos de formas geométricas com sentido abstrato, não figurativas.

Por fim, deve-se realçar que no passado arqueológico de Mato Grosso do Sul houve uma complexa diversidade cultural e étnica à qual corresponderam distintas expressões tecnológicas ceramistas, que é o que este Catálogo se propõe a ilustrar, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar o assunto, pois as pesquisas ainda são insuficientes e a ampliação desse conhecimento demanda novos projetos.

**Antropomorfos** –  
Figuras reproduzindo formas humanas, estilizadas ou não (CM1-132).



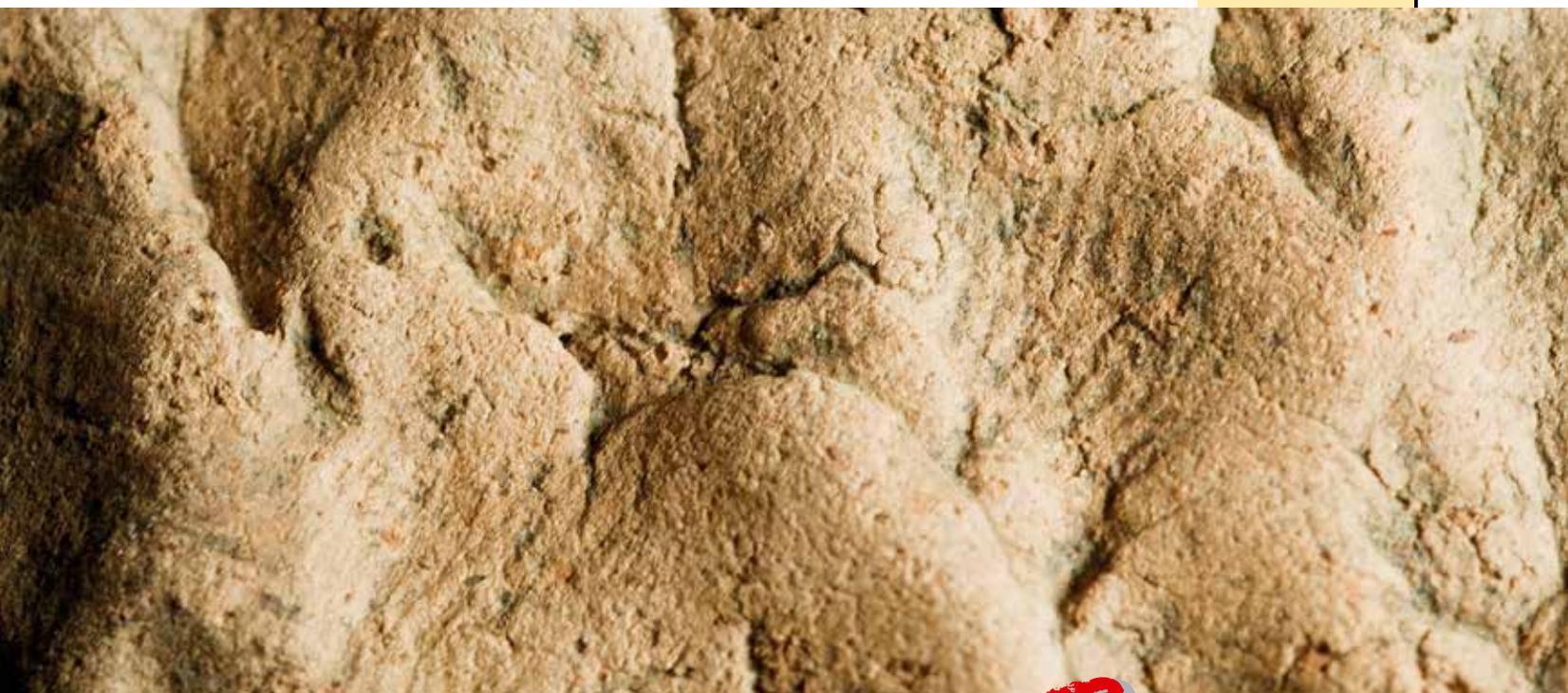
**Zoomorfas** - Figura reproduzindo forma de animal, coletada em caverna próxima ao sítio CM1.



Importante lembrar também aos leitores e usuários deste Catálogo que este é um trabalho construído exclusivamente com os dados disponíveis pelos projetos de pesquisa que foram desenvolvidos no contexto institucional do Museu de Arqueologia da UFMS e estão disponíveis, em sua maioria, no acervo de sua Reserva Técnica. Por isso, o universo de vestígios arqueológicos cerâmicos – peças inteiras e fragmentos (base, paredes e bordas de vasilhas) – aqui apresentados é parcial e não representa todas as manifestações ceramistas e possibilidades arqueológicas que se deram no território de Mato Grosso do Sul.

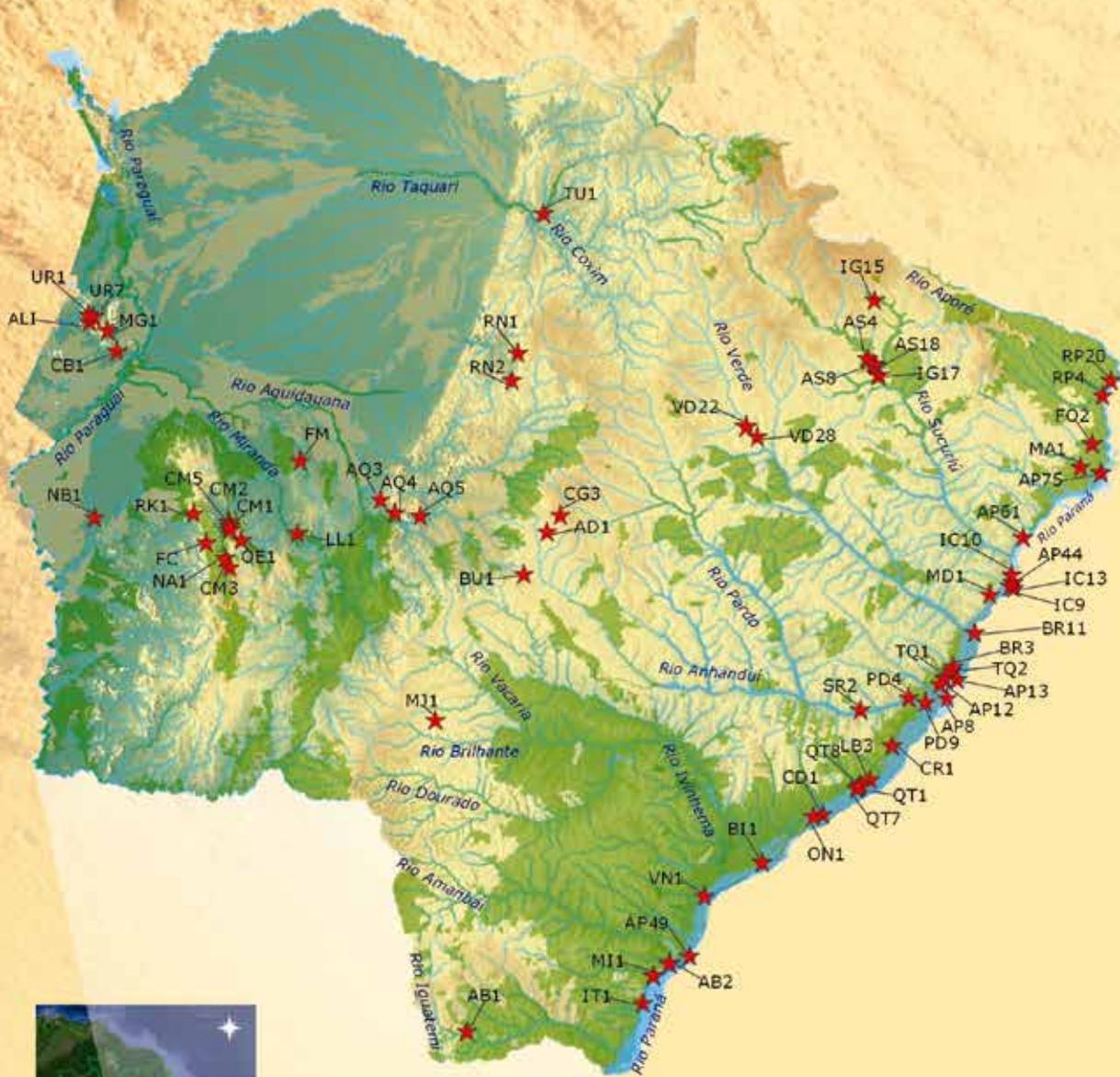


PARTE  
**DOIS**

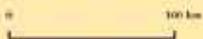


# **A DIVERSIDADE CULTURAL NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA EM MATO GROSSO DO SUL**

No passado arqueológico do atual território de Mato Grosso do Sul houve uma complexa diversidade cultural e étnica à qual corresponderam distintas expressões tecnológicas ceramistas. Tradições traduzidas em gestos testemunhados por impressões digitais na argila como as da foto acima. Este Catálogo se propõe a ilustrar tais cenários, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar o assunto, pois a continuidade de pesquisas certamente ampliará esse conhecimento.



Fonte:  
Imagem Usgs-Earth Explorer; SRTM;  
Sistemas de conversão; Sistema SIGAS  
UTM 2018 21/ WGS 84/Projeto  
RADAMBRASIL - Vegetação



- Floresta estacional
- Cerrado residual
- Pantanal
- ~ Canais fluviais
- ★ Sítio arqueológico lito-cerâmico apresentados neste catálogo  
(sítios localizados pela equipe MuArq/UFMS)

1

Cerâmica arqueológica  
TUPIGUARANI



Sítios

RP20 – AP75 – IG15  
AS4 – AS8 – AS18  
VD28 – FO2 – AP61  
AP44 – IC13 – IC10  
IC9 – MD1 – BR11 – BR3

2

Cerâmica arqueológica  
GUARANI



Sítios

Bacia do Alto Paraguai  
AB1 – IT1 – AB2 – MI1  
AP49 – VN1 – BI1 – MJ1 – ON1  
CD1 – QT1 – QT7 – QT8  
LB3 – CR1 – PD4 – PD9  
SR2 – AP8 – AP12 – AP13  
TQ1 – TQ2

3

Cerâmica arqueológica  
ARATU/SAPUCAÍ



Sítios

VD22  
IG17

Sítios

Bacia do Médio Paraguai  
UR1 – UR7 – AL1  
MG1 – RK1  
CB1 – NA1 – LL1

4

Cerâmica arqueológica  
URU



Sítios

RP4  
AP75  
MA1

5

Cerâmica arqueológica  
CHAQUENHA



Sítios

UR1 – UR7  
CM1 – CM3  
CM5 – AQ4  
CM2 – OE1

6

Cerâmica arqueológica  
PANTANAL



Sítios

CB1  
NB1  
AL1

7

Cerâmicas arqueológicas  
não classificadas



Sítios

da borda do planalto  
RN2 – AD1 – CG3 – AQ3  
BU1 – AQ5 – TU1



# 1

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA TUPIGUARANI DAS PAISAGENS DE CERRADO

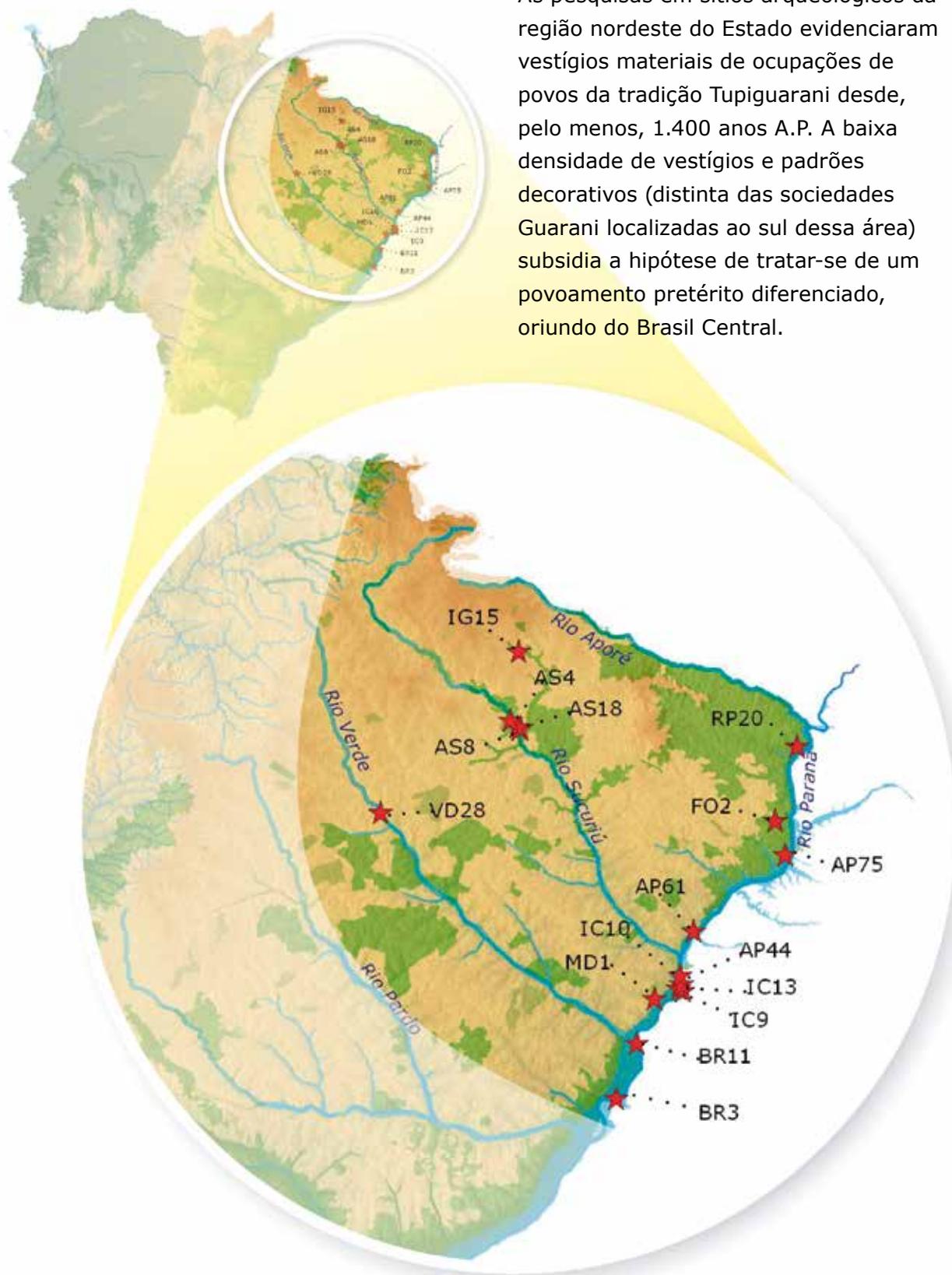
---

A tradição ceramista arqueológica no Brasil com maior expressão territorial é a Tradição Tupiguarani. Poder-se-ia dizer até que é uma tradição pan-brasileira, pois são encontrados sítios arqueológicos depositários desse tipo de vestígio arqueológico praticamente em todos os Estados brasileiros. Os vestígios reveladores dessas ocupações são fragmentos de cerâmica acordelada, com superfícies alisadas, eventualmente com decoração plástica (ungulado, serrungulado, corrugado, mamelonar, linhas incisas ou escovado), com pintura policrômica ou engobo.



## Localização dos sítios arqueológicos Tupiguarani

As pesquisas em sítios arqueológicos da região nordeste do Estado evidenciaram vestígios materiais de ocupações de povos da tradição Tupiguarani desde, pelo menos, 1.400 anos A.P. A baixa densidade de vestígios e padrões decorativos (distinta das sociedades Guarani localizadas ao sul dessa área) subsidia a hipótese de tratar-se de um povoamento pretérito diferenciado, oriundo do Brasil Central.



RP20 – SÍTIO RIO PARANAÍBA 20



Município: Paranaíba

AP75 – SÍTIO ALTO PARANÁ 75



Município: Aparecida do Taboado

IG15 – SÍTIO RIO INDAIÁ GRANDE 15



Município: Chapadão do Sul

AS4 – SITIO ALTO SUCURIÚ 4



Município: Paraíso das Águas

AS8 – SÍTIO ALTO SUCURIÚ 8



Município: Chapadão do Sul

AS18 – SÍTIO ALTO SUCURIÚ 18



Município: Chapadão do Sul

VD28 – SÍTIO RIO VERDE 28



Município: Ribas do Rio Pardo

FO2 – RIO FORMOSO 2



Município: Aparecida do Taboado

AP61 – SÍTIO ALTO PARANÁ 61



Município: Selvíria

AP44 – SÍTIO ALTO PARANÁ 44



Município: Três Lagoas

IC13 – SÍTIO ILHA COMPRIDA 13



Município: Três Lagoas

IC10 – ILHA COMPRIDA 10



Município: Três Lagoas

IC9 – SÍTIO ILHA COMPRIDA 9



Município: Três Lagoas

MD1 – SÍTIO CORREGO MOEDA 1



Município: Três Lagoas

BR11 – SÍTIO BRASILÂNDIA 11



Município: Brasilândia

BR3 – SÍTIO BRASILÂNDIA 3



Município: Brasilândia



BR3 – Peça cerâmica evidenciada na escavação do sítio BR3 (ver na página seguinte, a foto da peça reconstituída<sup>14</sup>).

14. BR3-4498-4493-4426-4502-4503-4100-4488-4496-4501-4453-4933-4534-4532-4491-4487-4497-4490-4492-4495-4494.

## 1.2

### Artefatos cerâmicos arqueológicos Tupiguarani

#### Recipientes cerâmicos



BR3<sup>15</sup>



MD1<sup>16</sup> (vista lateral e da face externa)

15. Vasilha parcialmente reconstituída com a junção dos fragmentos BR3-4498-4493-4426-4502-4503-4100-4488-4496-4501-4453-4933-4534-4532-4491-4487-4497-4490-4492-4495-4494.

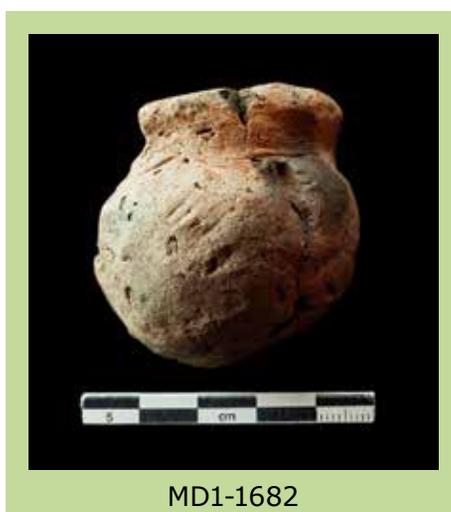
16. Vasilha parcialmente reconstituída com a junção dos fragmentos MD1-873-1267-1234-1232-1224-1084-1162-1101-309-653-1223.



BR3<sup>17</sup>



AP75-364 (mesma peça vista sob dois ângulos diferentes;  
dimensões: 7 cm x 7 cm x 7 cm)<sup>18</sup>



MD1-1682

17. Vasilha parcialmente reconstituída com a junção dos fragmentos BR3-4400-4407-4403-4404-4406-4408-4409-4413-4414-4416-4405-4395-4398-4401-4397-4399-4391.

18. Dimensões: altura x diâmetro maior da peça x diâmetro da borda.



BR11-1824 (vista da face externa e da lateral)

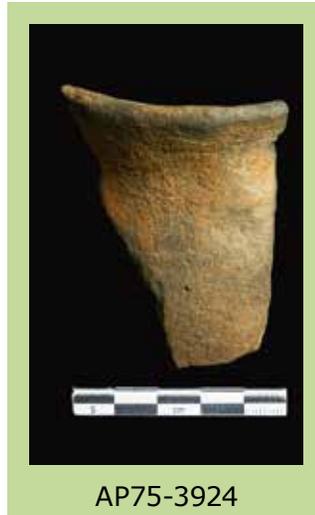


BR11-3  
(vasilha cerâmica  
com decoração  
corrugada em destaque)

## Bordas de recipientes cerâmicos



AP75-1747



AP75-3924



AP75-363



AS8-2



AS8-48



VD28-1

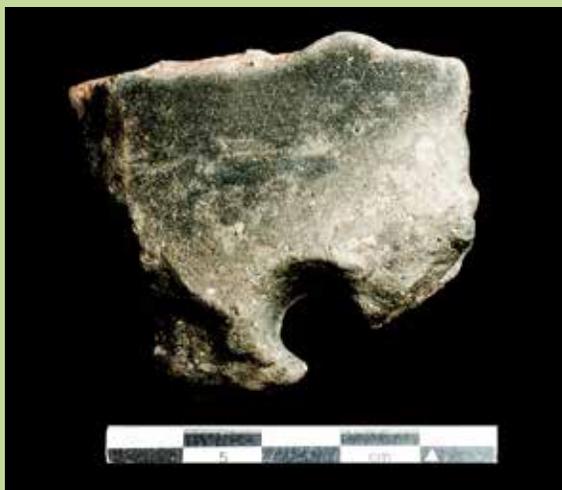


VD28-6

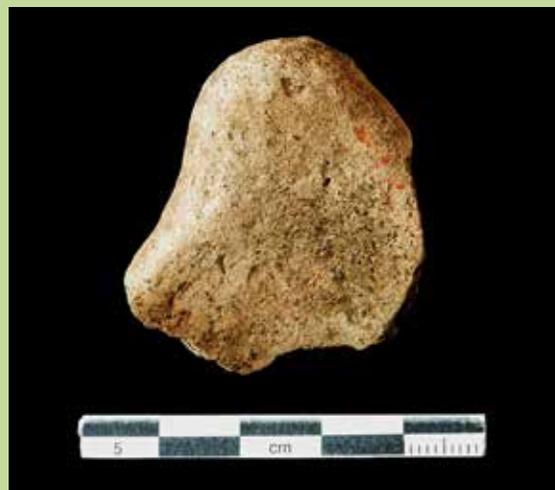


AS8-4-5

## Furo e apêndices em bordas de recipientes cerâmicos



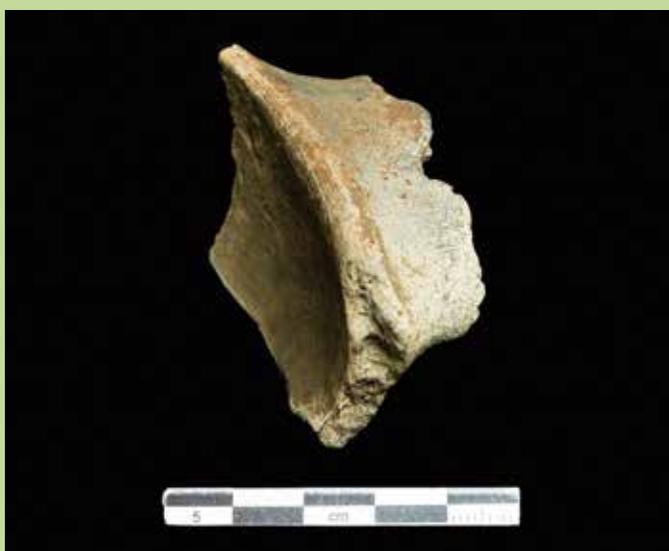
AP75-644



MD1-1698



AP75-872 (vista de perfil e face externa)



MD1-1653 (mesma peça vista sob dois ângulos diferentes)

## Outros artefatos cerâmicos

Polidores, calibradores e afiadores  
confeccionados sobre fragmentos de cerâmica



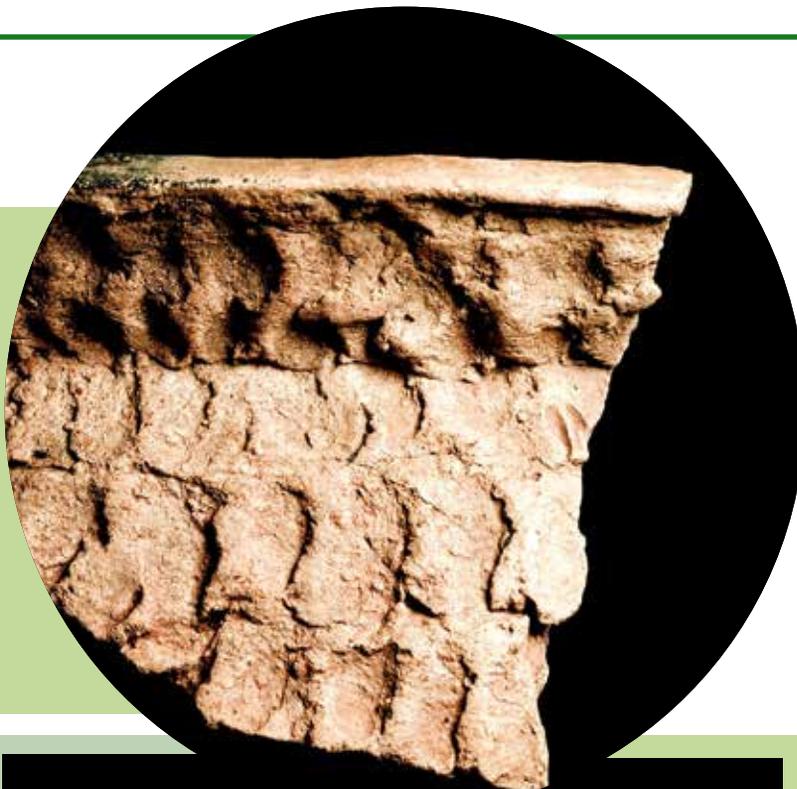
### Rodela de fuso confeccionada sobre fragmento de cerâmica



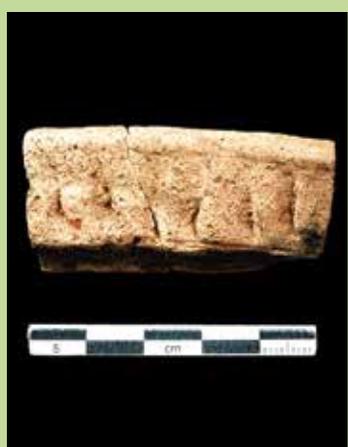
## 1.3

### Decoração cerâmica arqueológica Tupiguarani

#### Decoração plástica Corrugada



IC13-129 (borda)



MD1-1754 (borda)



BR11-2435 (parede)



AP61-52 (parede)



BR11-2010 (parede)

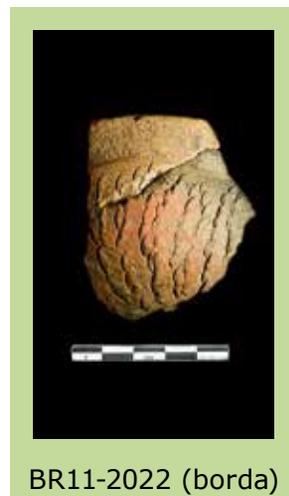
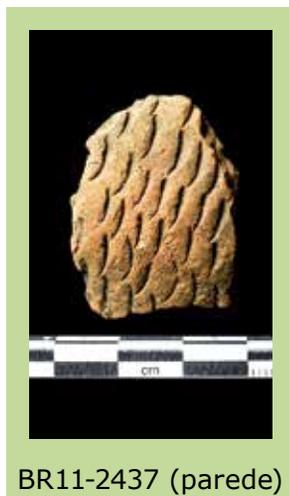


AP61-425 (parede)

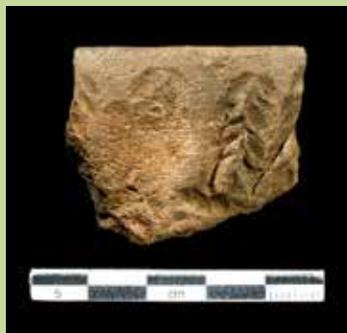


AP44-72 (borda)

## Ungulada



## Serrungulada



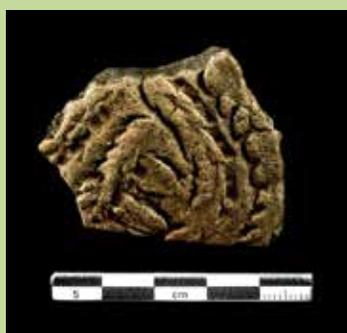
AS18-173 (borda)



MD1-1624 (borda)



MD1-1849 (parede)



MD1-1632 (parede)



MD1-1629 (borda)



MD1-1689 (parede)



MD1-6810 (borda)



IG15-5 (parede)



MD1-2358 (parede)



MD1-1646 (parede)



MD1-1903 (parede)

## Linhas incisas e pontos



BR11-2590 (parede)



AS18-186-187-189 (parede)



BR11-2053 (parede)



AP75-1075 (borda)



MD1-1630 (parede)



MD1-1672 (parede)



MD1-1795 (parede)

Linhas incisas sinuosas



AP61-492 (parede)

Ponteado  
(no lábio da borda)



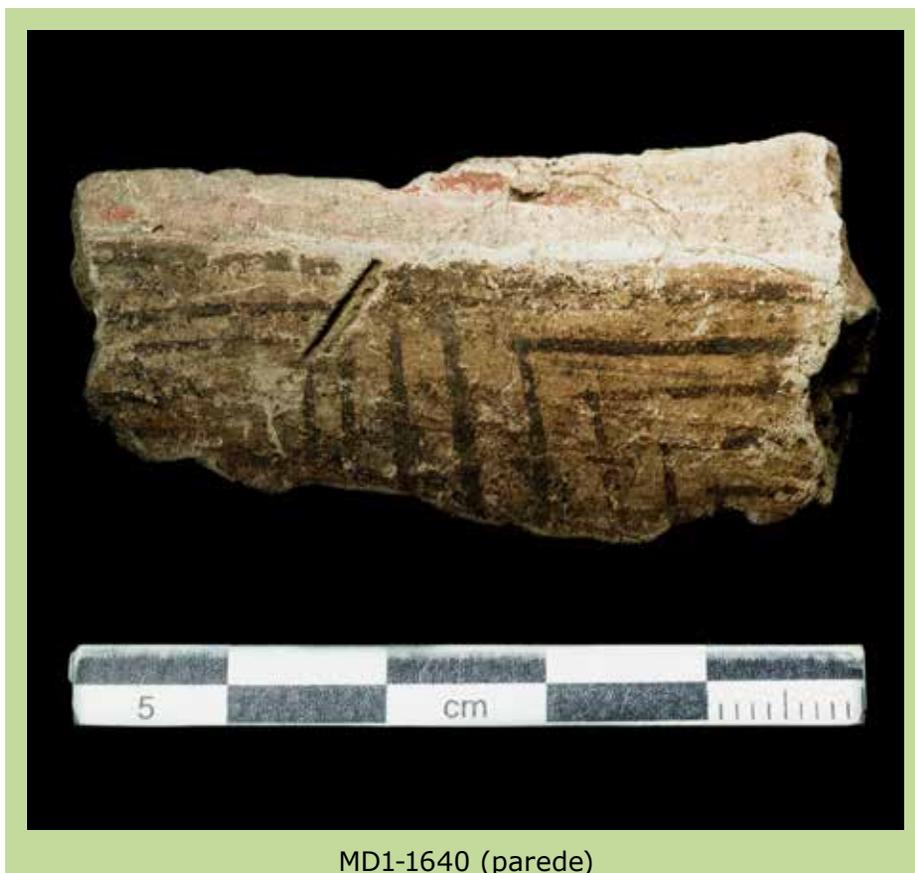
MD1-802

Malha trançada vegetal



MD1-1233 (parede)

Decoração pintada  
Linhas quadrangulares





MD1-1662 (parede)



MD1-1699 (borda)



AS18-117 (parede)



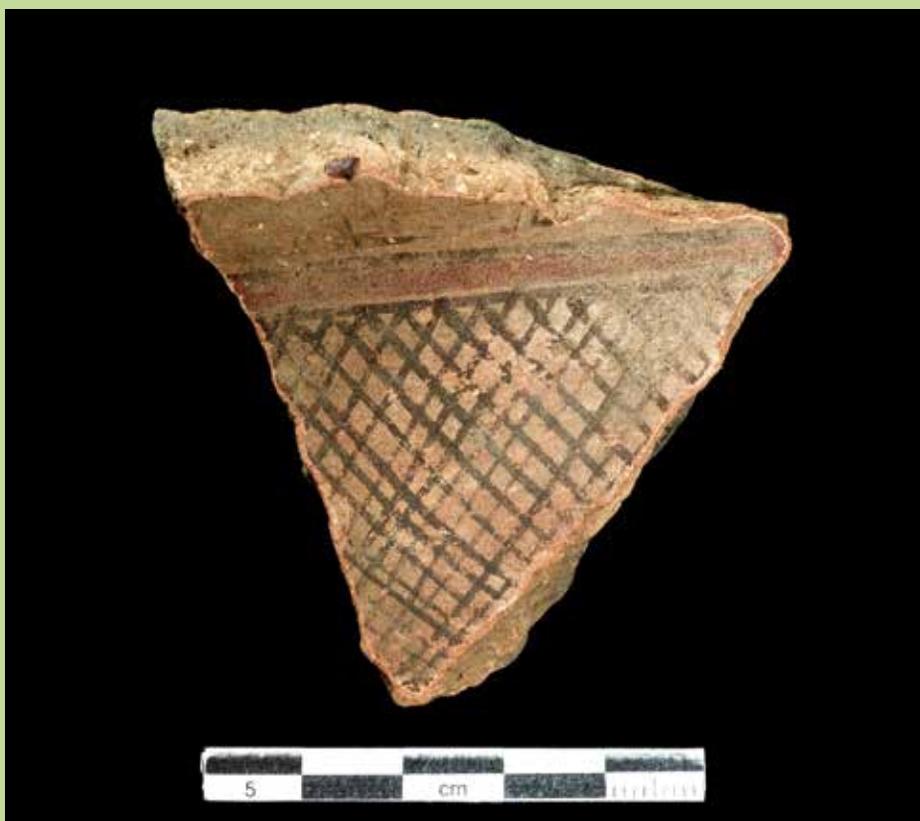
AP75-308 (parede)



AP75-158 (parede)

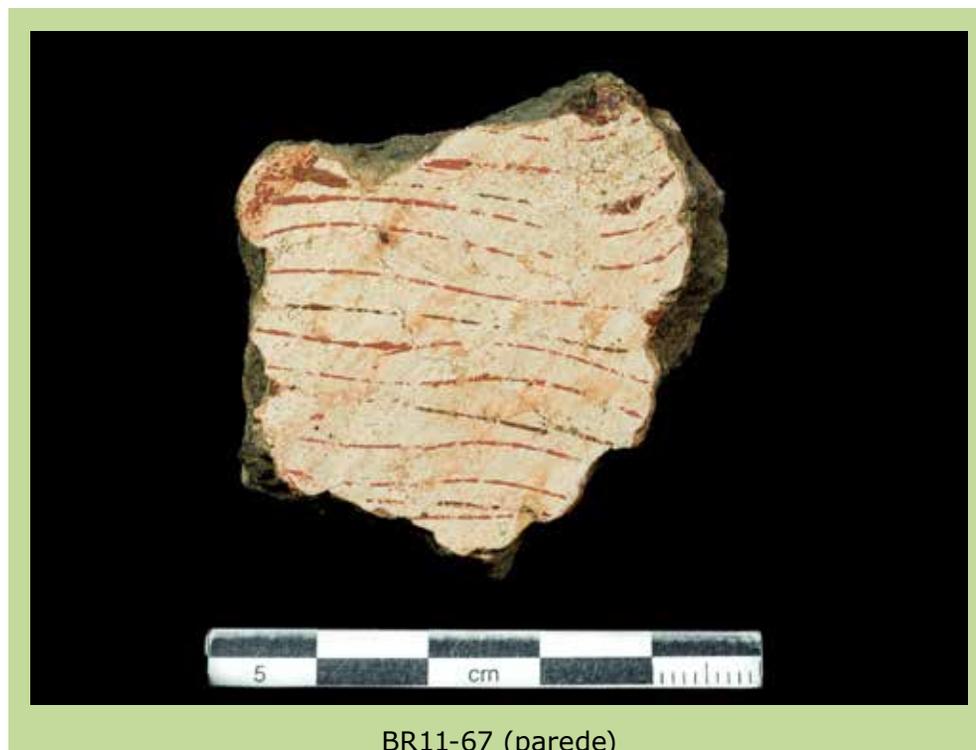


AP75-281 (parede)

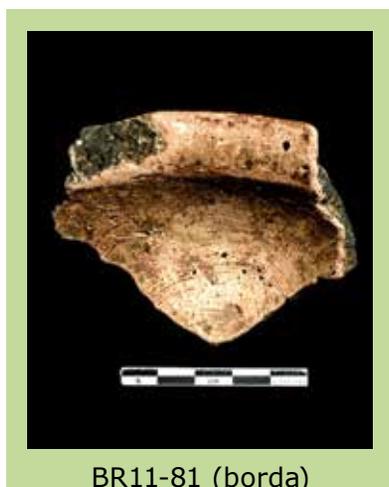


BR11-1912 (parede)

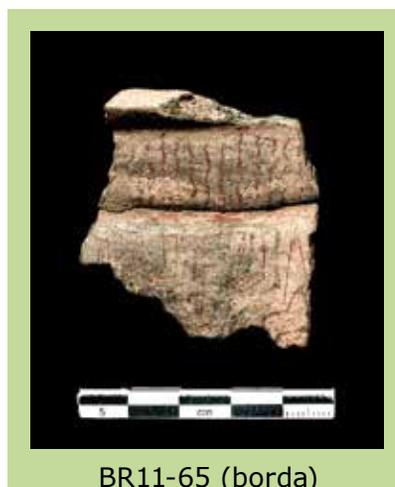
## Linhas sinuosas



BR11-67 (parede)



BR11-81 (borda)



BR11-65 (borda)



BR11-2582 (parede)

## Linhas espessas e dentações

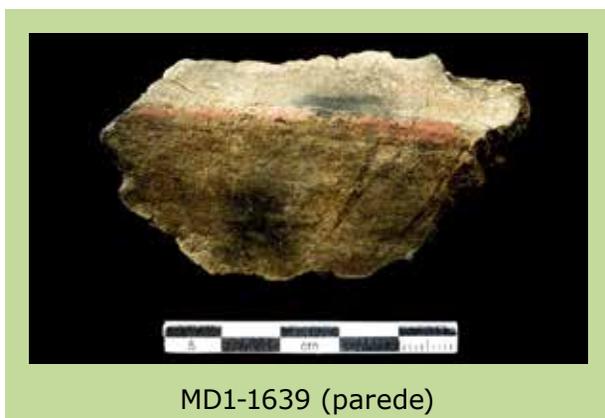


BR11-2266 (borda)

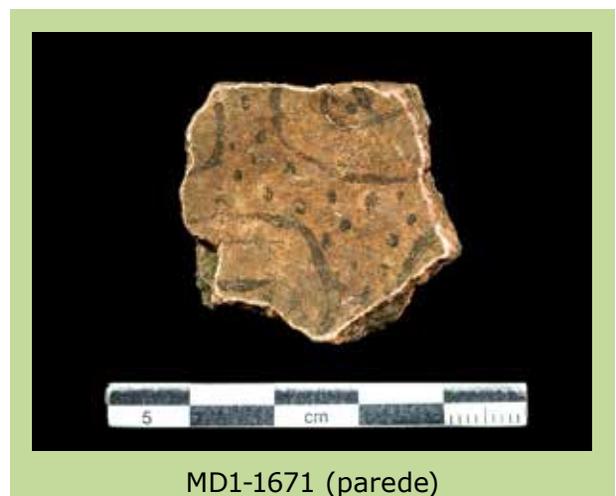
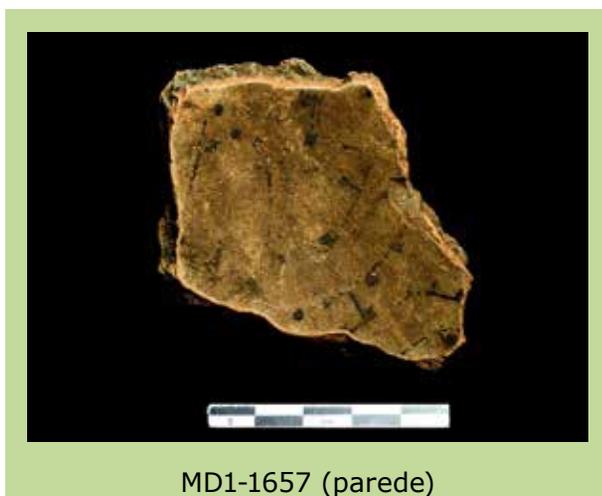


BR11-57 (parede)

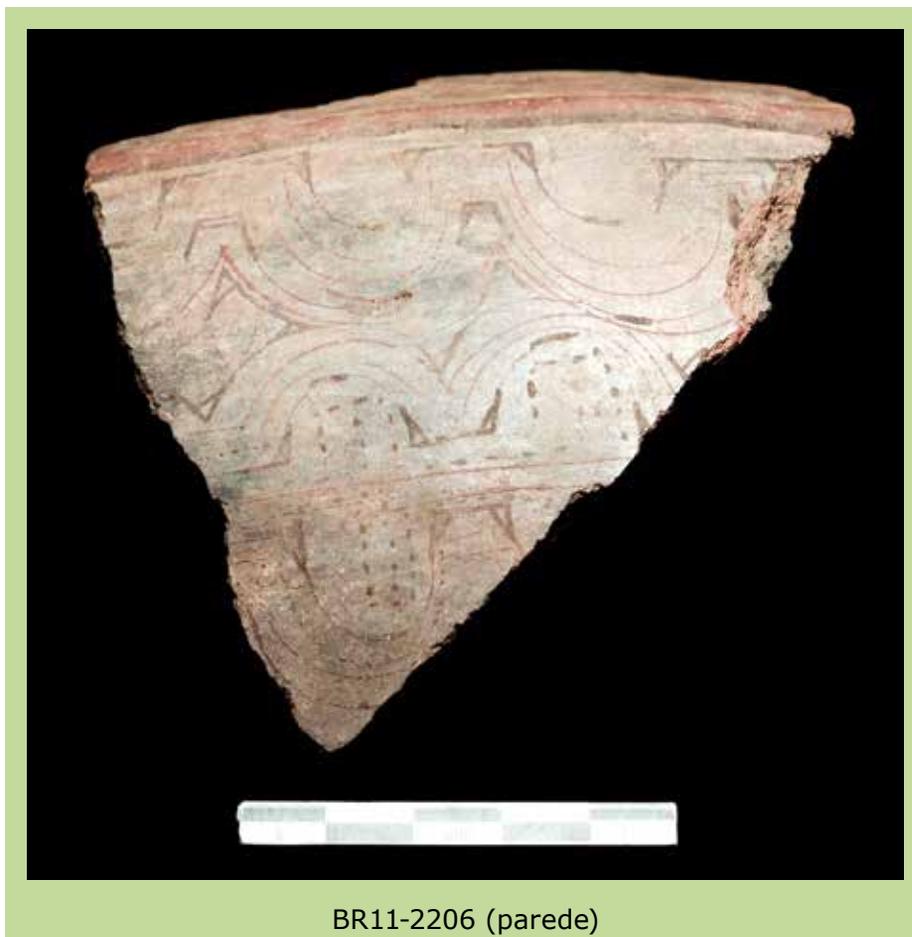
## Lábios e bandas vermelhas



## Linhas e pontos



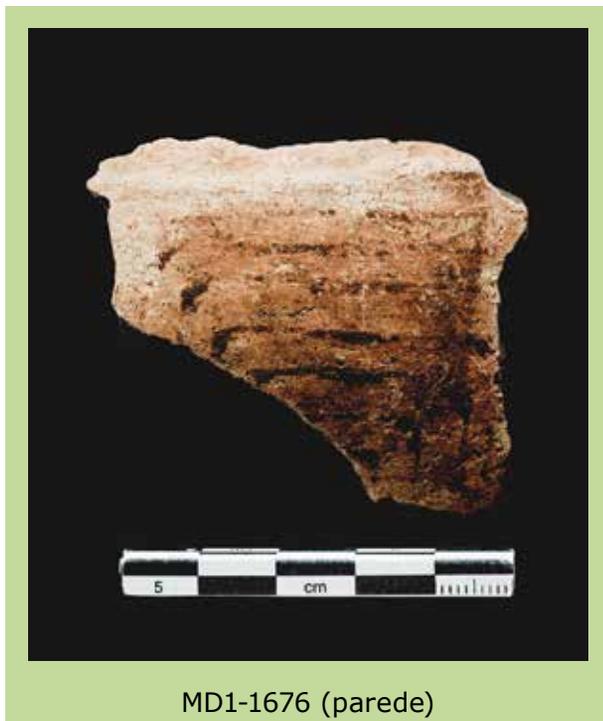
Linhas com triângulos e pastilhas



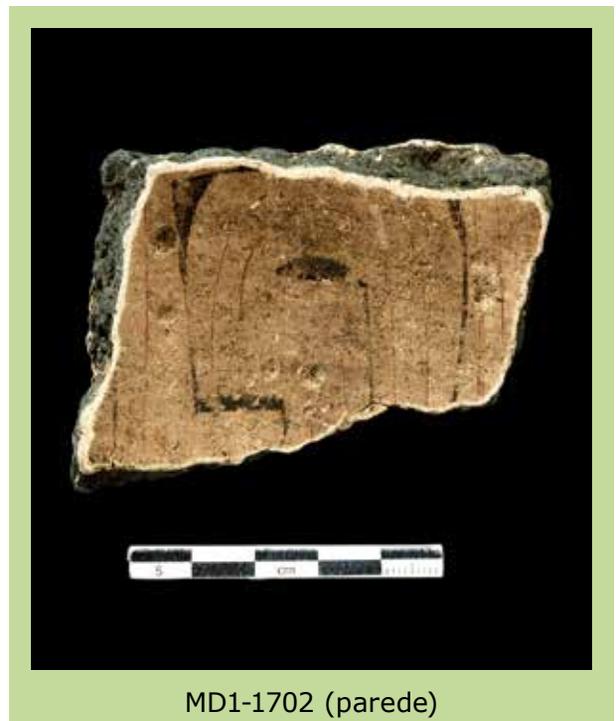
BR11-2206 (parede)



BR11-1654 (borda)



MD1-1676 (parede)



MD1-1702 (parede)



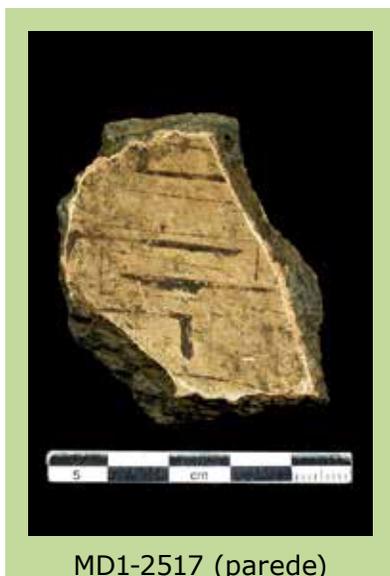
AS8-1 (parede)



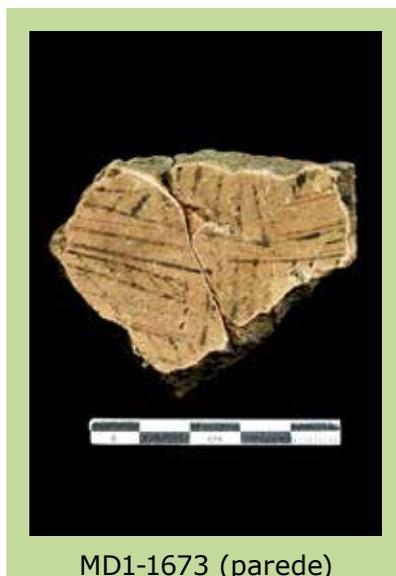
AS8-3 (parede)



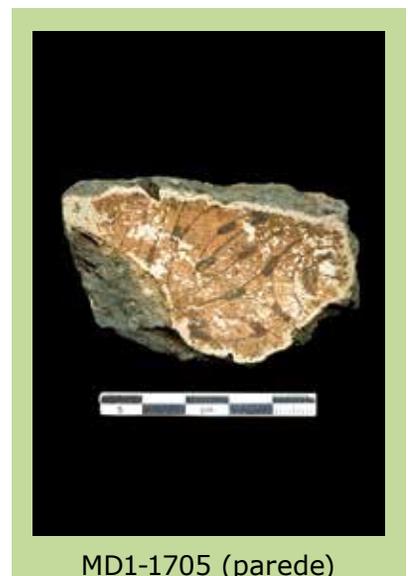
MD1-1706 (parede)



MD1-2517 (parede)



MD1-1673 (parede)



MD1-1705 (parede)





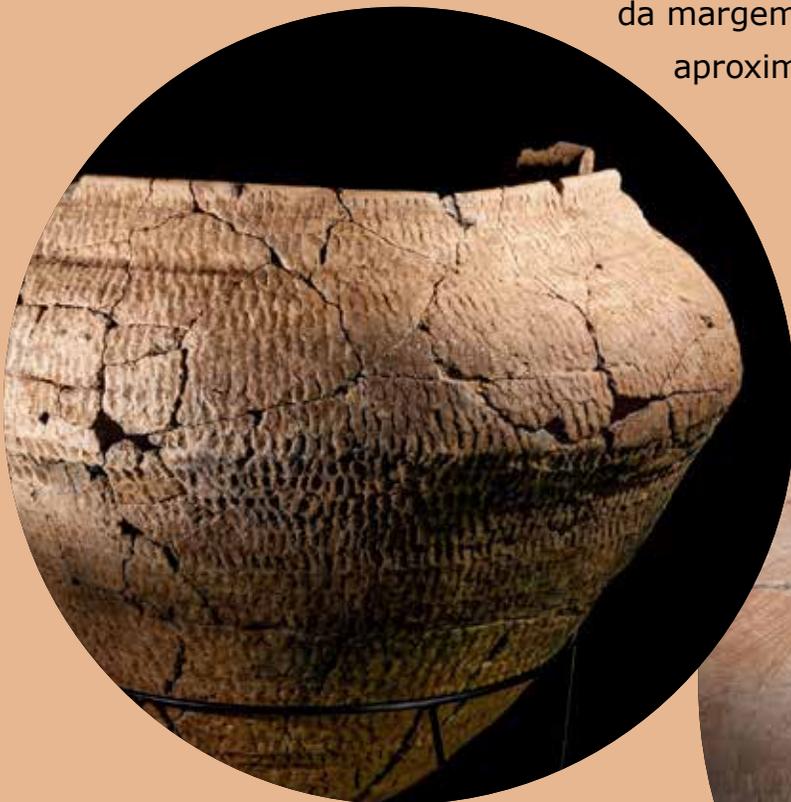


## 2.1

# A cerâmica arqueológica Guarani na Bacia do Alto Paraná

---

Os sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos da subtradição Guarani em Mato Grosso do Sul são testemunhos dos movimentos migratórios de povos indígenas ceramistas que teriam migrado do sudoeste amazônico. Na área banhada pela Bacia do Alto Paraná, os sítios com a cerâmica Guarani são encontrados sobretudo ao sul do paralelo 21°40'S. As datações mais antigas para esse povoamento da margem do Alto Paraná remontam a aproximadamente 2.000 anos A.P.



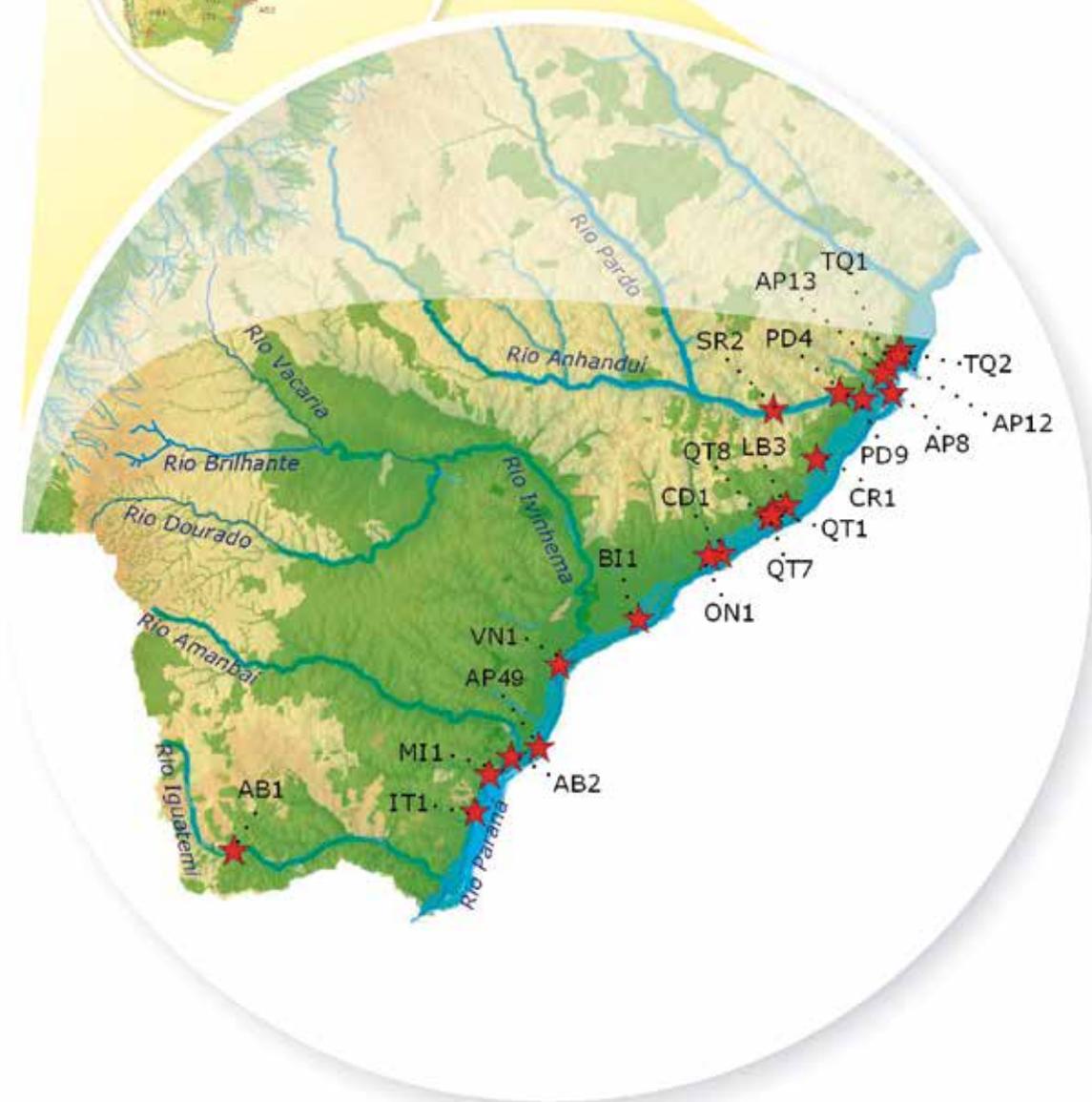
## 2.1.1

### Localização dos sítios arqueológicos Guarani na Bacia do Alto Paraná



Nessa região, sobretudo ao sul da foz do rio Pardo, os sítios arqueológicos Guarani são mais numerosos.

Esse contexto arqueológico do vale do rio Paraná coincide, em grande parte, com a área de influência das Missões Jesuíticas do Guairá, na primeira metade do século XVII.



AB1 – SÍTIO RIO AMAMBAI 1



Município: Paranhos

IT1 – SÍTIO ITAQUIRAÍ 1 – Vista geral do sítio e afloramento de borda de vasilha cerâmica.



Município: Itaquiraí

AB2 – SÍTIO RIO AMAMBAI 2



Município: Itaquiraí

MI1 – SÍTIO RIO MARACAÍ 1



Município: Itaquiraí

AP49 – SÍTIO ALTO PARANÁ 49



Município: Naviraí

VN1 – SÍTIO RIO IVINHEMA 1



Município: Naviraí

VN1 - SÍTIO RIO IVINHEMA 1



Município: Naviraí

VN1 - SÍTIO RIO IVINHEMA 1



Município: Naviraí

BI1 - SÍTIO RIO BAÍA 1



Município: Taquarussu

MJ1 - SÍTIO MARACAJU 1



Município: Maracaju

ON1 - SÍTIO BAÍA DO ONÇA 1



Município: Anaurilândia

CD1 - SÍTIO LAGOA DO CUSTÓDIO 1



Município: Anaurilândia

QT1 - SÍTIO RIBEIRÃO QUITERÓI 1



Município: Anaurilândia

QT7 - SÍTIO RIBEIRÃO QUITERÓI 7



Município: Anaurilândia

QT8 - SÍTIO RIBEIRÃO QUITERÓI 8



Município: Anaurilândia

LB3 - SÍTIO CÓRREGO LAMBARI 3



Município: Anaurilândia

CR1 - SÍTIO RIBEIRÃO CARAGUATÁ 1



Município: Bataguassu

PD4 - SÍTIO RIO PARDO 4



Município: Santa Rita do Pardo

PD9 - SÍTIO RIO PARDO 9



Município: Santa Rita do Pardo

PD9 – SÍTIO RIO PARDO 9



Município: Santa Rita do Pardo

SR2 – SÍTIO SANTA RITA DO PARDO 2



Município: Santa Rita do Pardo

AP8 – SÍTIO ALTO PARANÁ 8



Município: Santa Rita do Pardo

AP12 – SÍTIO ALTO PARANÁ 12



Município: Brasilândia

AP13 – SÍTIO ALTO PARANÁ 13



Município: Brasilândia

TQ1 – SÍTIO RIBEIRÃO TAQUARI 1



Município: Brasilândia

TQ2 – SÍTIO RIBEIRÃO TAQUARI 2



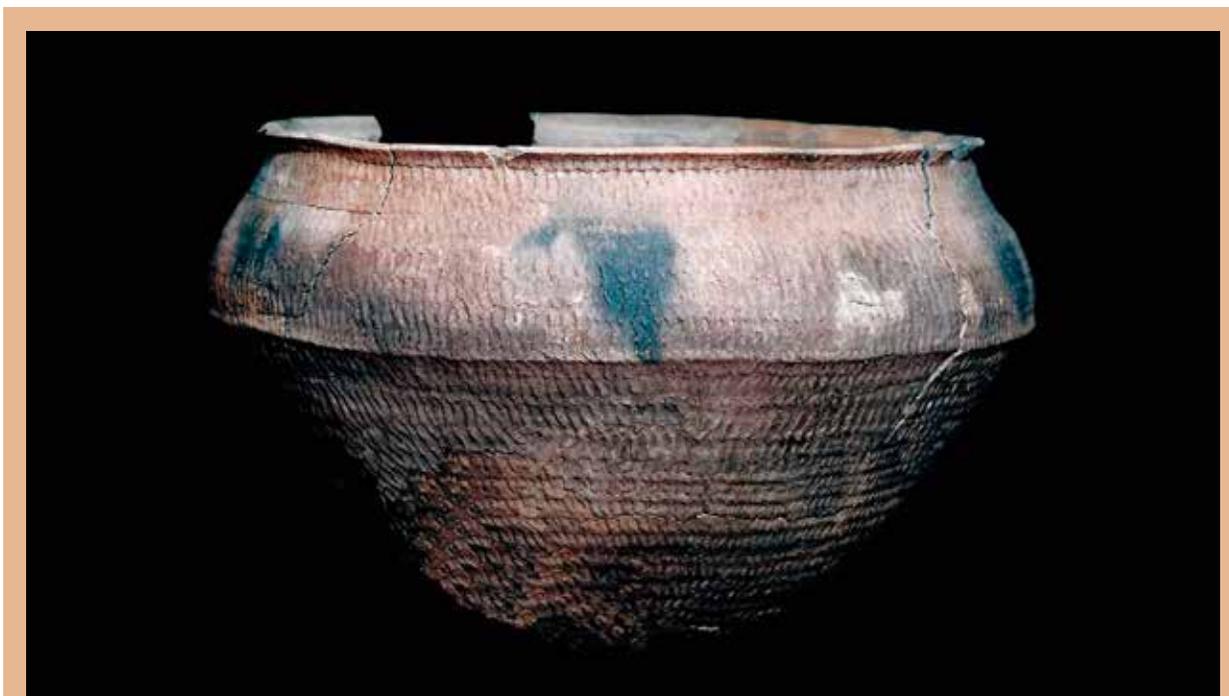
Município: Brasilândia

## 2.1.2

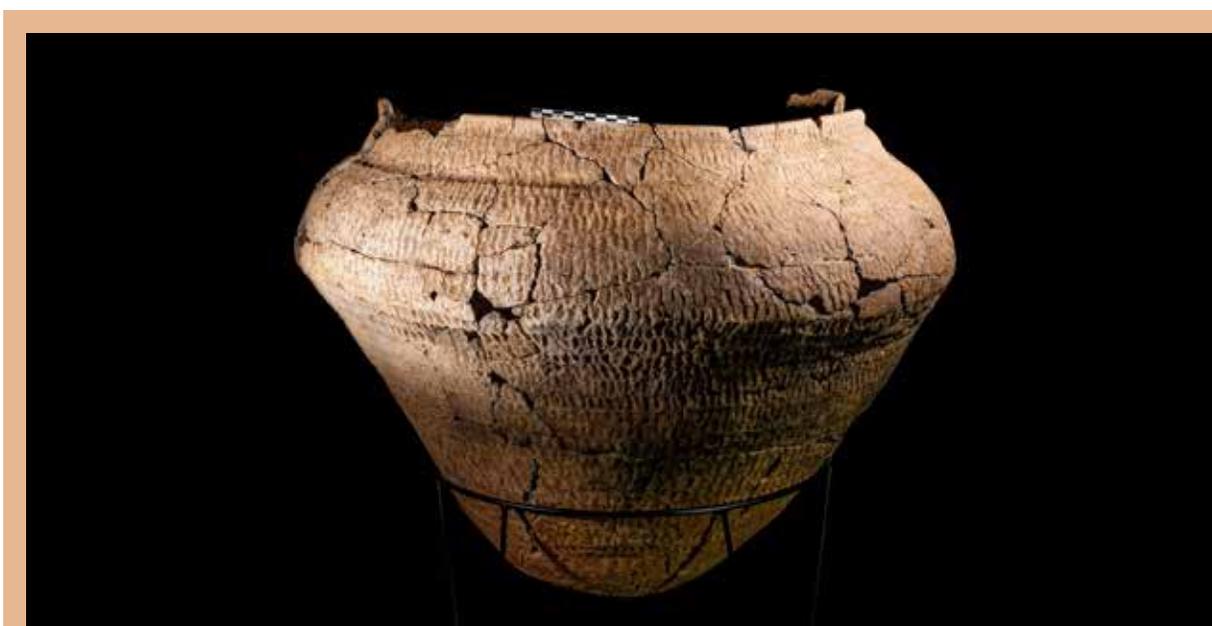
### Artefatos cerâmicos arqueológicos Guarani na Bacia do Alto Paraná

---

#### Recipientes cerâmicos

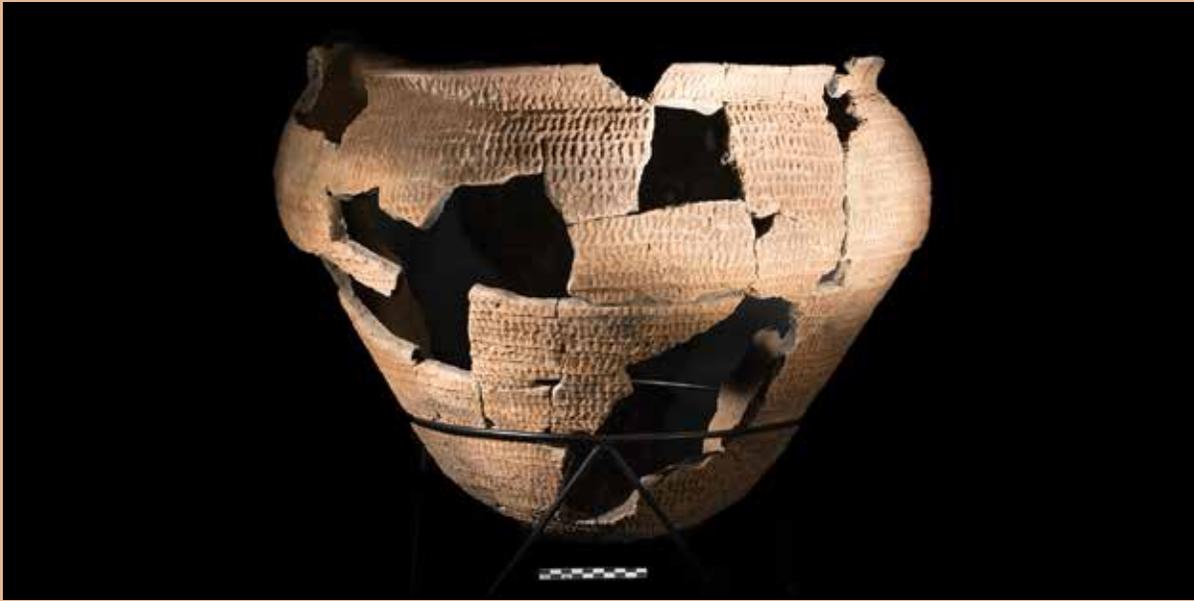


AP8-128 (Dimensões: 40 cm x 57,5 cm x 51 cm)



VN1<sup>19</sup> (Dimensões: 58 cm x 60 cm x 53 cm)

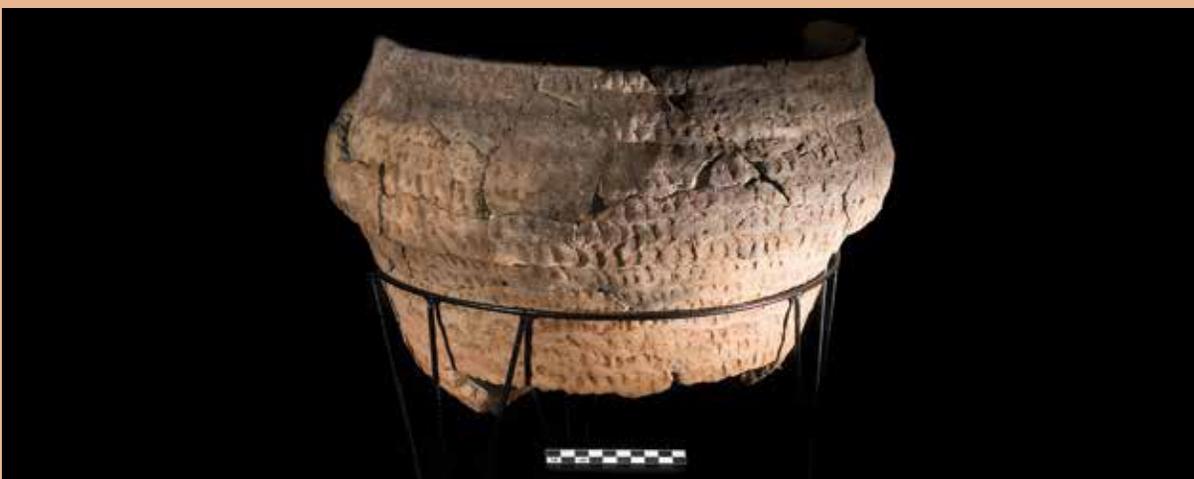
19. Vasilha reconstituída com a junção dos fragmentos VN1-3216-3618-3185-3185-3180



AP8<sup>20</sup> (Dimensões: 48 cm x 60 cm x 56 cm)



AP13-2169 (Dimensões: 30 cm x 35 cm x 42 cm)



QT7-866 (Dimensões: 41cm de diâmetro maior x 35 cm de borda)

20. Vasilha parcialmente reconstituída com a junção dos fragmentos AP8-346-345-177-342



QT1- 57 (Dimensões: 21 cm x 24 cm x 28 cm)



AP8-2931 (peça vista em dois ângulos diferentes; dimensões: 30 cm x 73 cm x 84 cm)



VN1-12465 (Dimensões: 15 cm de altura x 15 cm de borda)



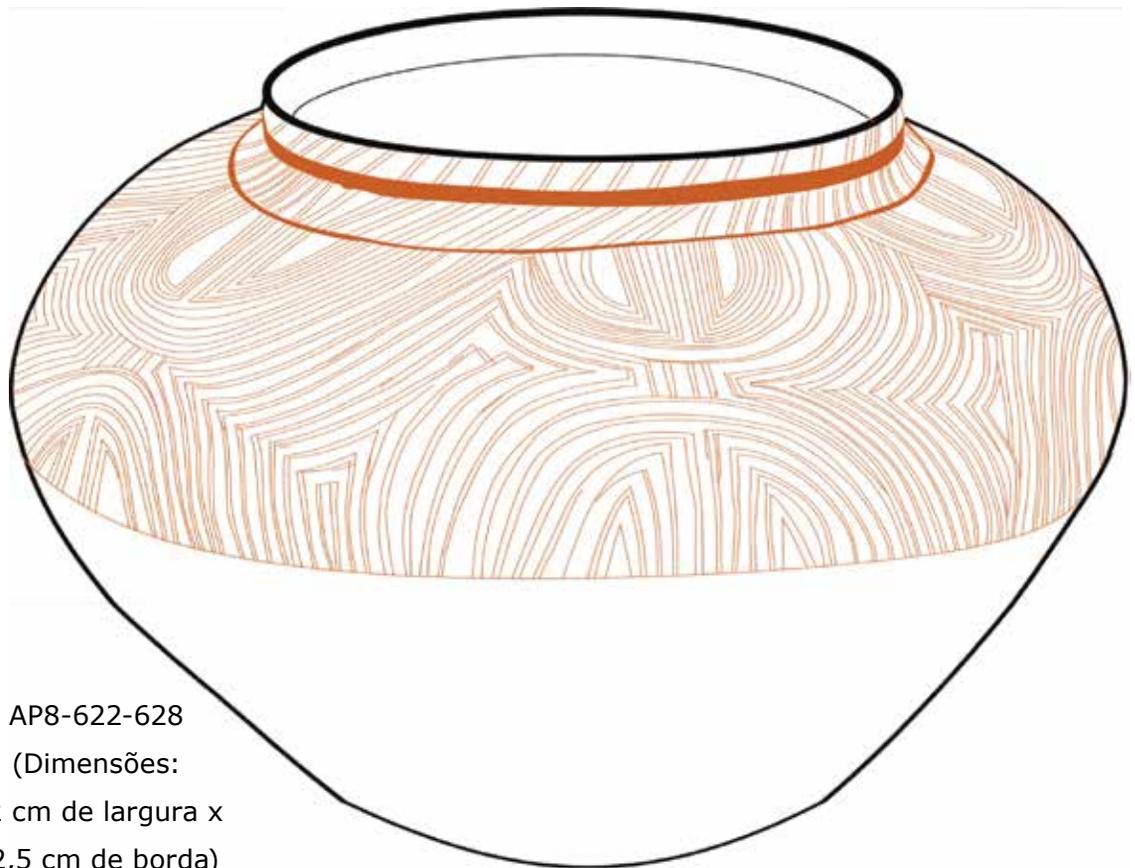
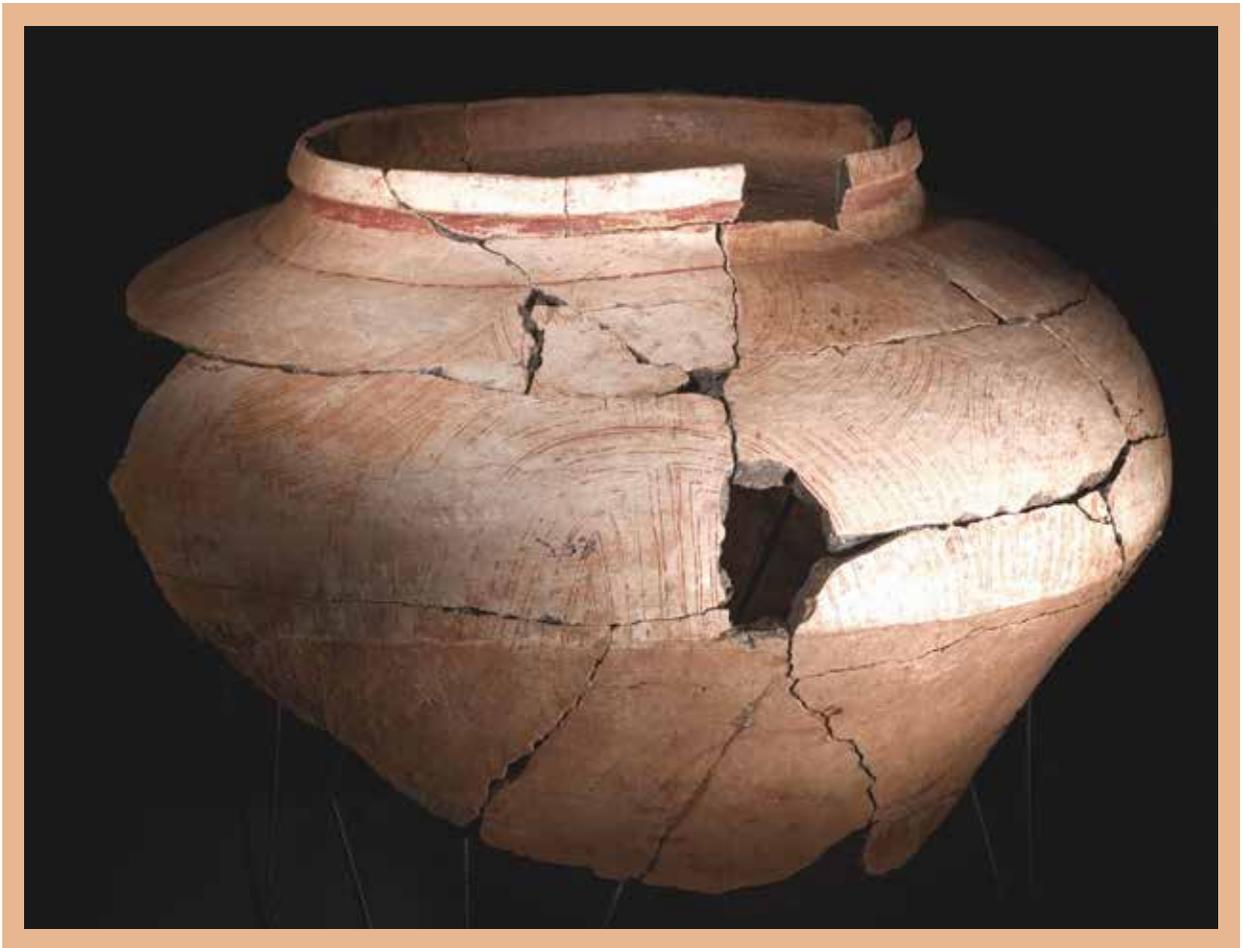
VN1-7113-6625 (Dimensões: 20 cm de altura x 39 cm de borda)



VN1-12462



CD1-6229



AP8-622-628  
(Dimensões:  
62 cm de largura x  
32,5 cm de borda)



VN1-12461



VN1<sup>21</sup> (Fotos da vasilha e detalhe da pintura, representada em desenho. Dimensões: 39 cm x 84 cm x 61 cm)

21. Vasilha reconstituída com a junção dos fragmentos VN1-5350-5427-5351-5438



VN1<sup>22</sup> (Dimensões: 40 cm x 75 cm x 63 cm)



PD9-1371



PD9-1370 (Dimensões: 21 cm x 52 cm x 50 cm)

22. VN1-6400-6445-6651-6431



AP8-626-627 (Fotos da vasilha e detalhe da pintura na face interna da borda.  
Dimensões: 16 cm x 42,5 cm x 41 cm)



CD1-5630  
(Foto e desenho da peça.  
Dimensões: 16 cm x  
42,5 cm x 38 cm)



VN1-7288 (Dimensões: 17 cm x 35 cm x 29 cm)



QT7-802-798 (peça vista na face externa e na interna)



AP8-618-619 (peça vista em dois ângulos diferentes;  
dimensões: 12 cm x 22 cm x 19 cm)



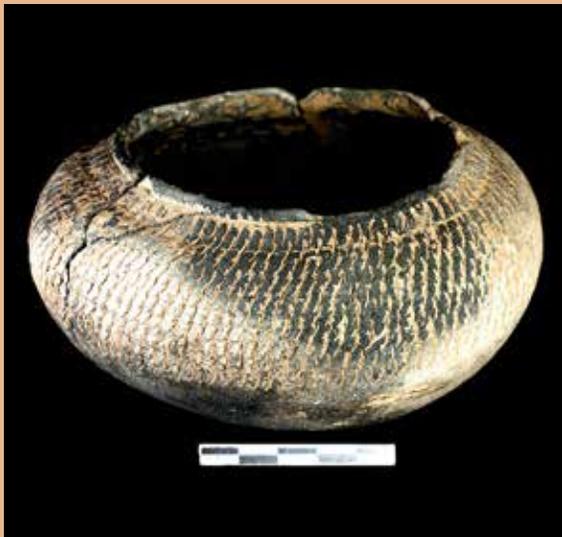
QT7-801-862 (dimensões: 11 cm x 21 cm x 19 cm)



IT1-216 (dimensões: 9,5 cm x 15,5 cm x 15 cm)



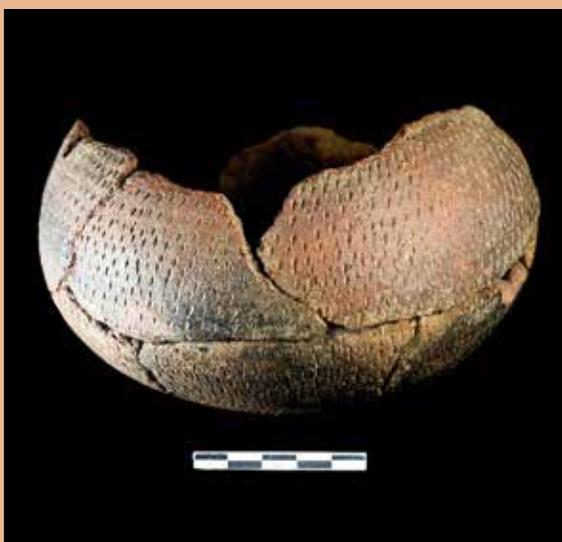
QT7-851-215-  
613-831-830-  
837-836  
(borda e  
parede)



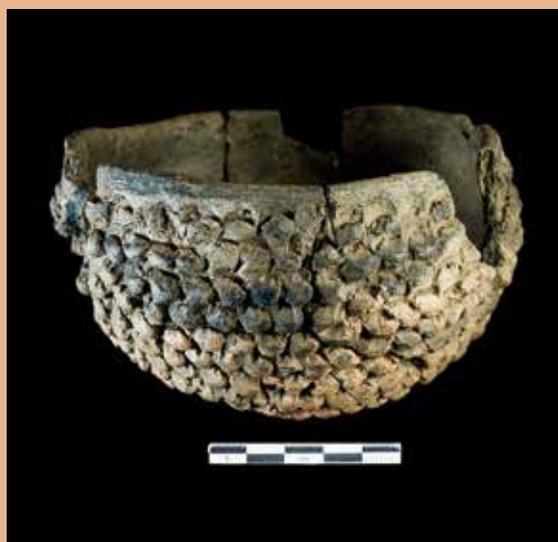
VN1-12459 (dim.: 7,5 cm x 14 cm x 7 cm)



AP13-780 (dim.: 8 cm x 13 cm)



AP12-4635-4639-4634 (dim.: 9 cm x 15 cm)



AP12-2798-2197-2998 (dim.: 7,5 x 13,5 x 12cm)



VN1-12461 (dim.: 5 cm x 11 cm x 10 cm)



CR1-978 (dimensões: 5 cm x 10 cm)



AP13-402  
(dimensões: 5 cm x 8,5 cm)



AP13-2430  
(borda e parede)



BI1-1225



AP13-777



AP12-4528



VN1-12460 (dimensões: 12 cm x 14 cm)

## Fragmento com furo de suspensão



## Fragmentos com apêndices



Outros artefatos cerâmicos  
Calibradores  
(fragmentos cerâmicos Guarani reutilizados)



VN1-3109



ON1-5



PD9-1261



PD9-1259



BI1-2876



PD9-1258



PD4-18-19



PD9-1260



TQ2-76



BI1-844



BI1-2540

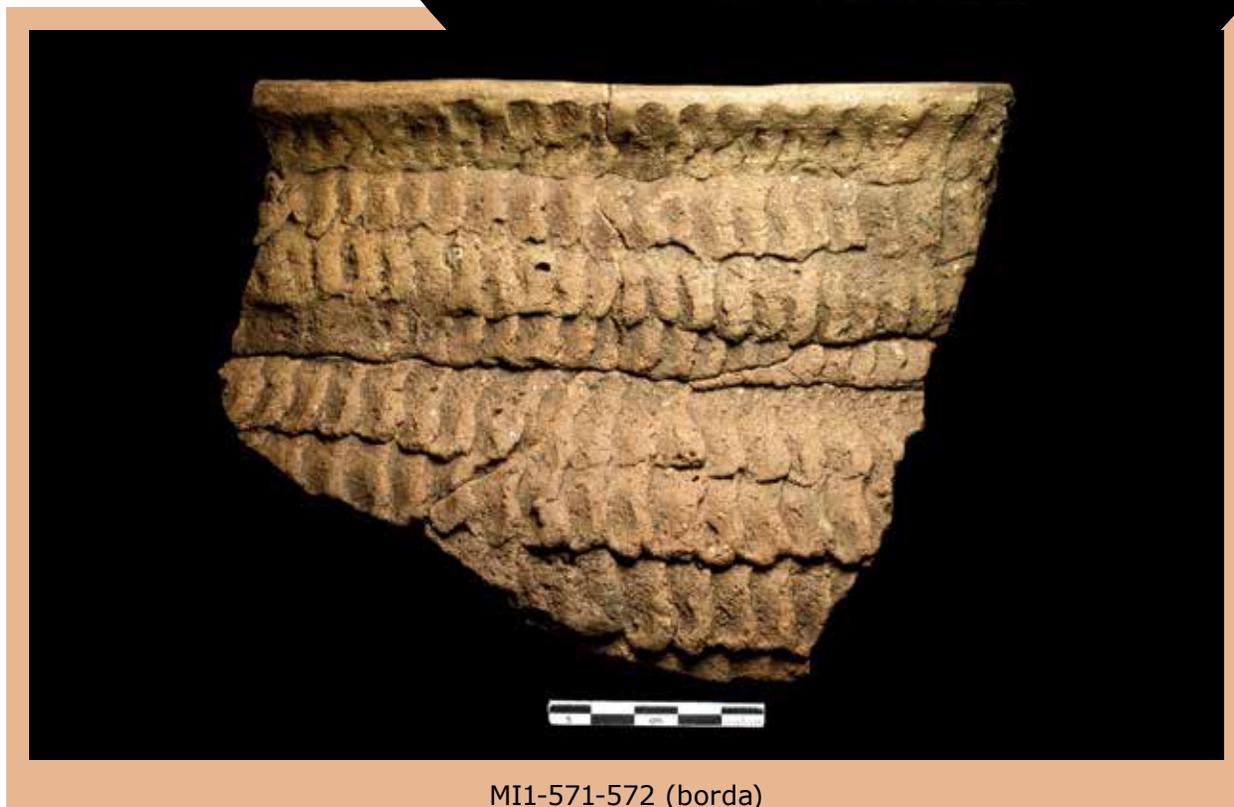
### 2.1.3

## Decoração cerâmica arqueológica Guarani na Bacia do Alto Paraná

Decoração plástica  
Corrugada



AP12-1480  
(borda)



MI1-571-572 (borda)



CD1-2927 (borda)



CD1-41 (borda e parede)



CD1-1625-1626 (borda e parede)



AP8-213 (borda)



LB3-93-106 (borda)



AP8-209 (borda)



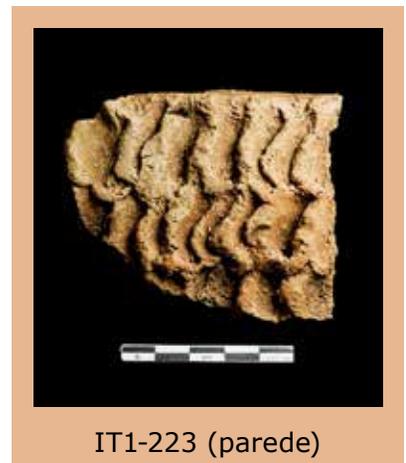
AP8-235 (borda)



AP8-225 (borda)



QT7-5 (parede)



IT1-223 (parede)



AP8-567 (parede)



AP8-566 (parede)



IT1-89 (parede)

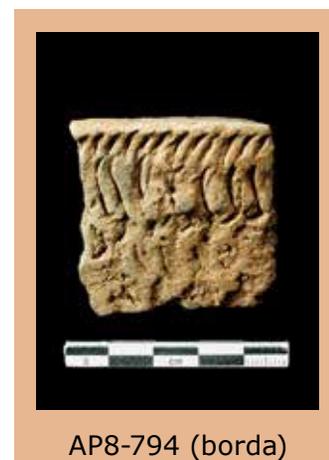
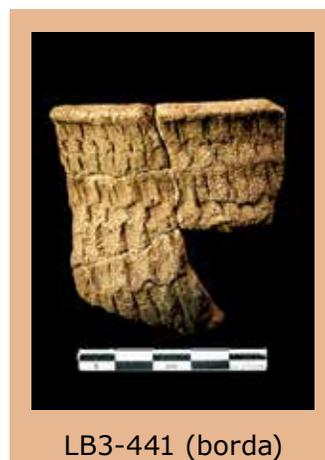


AP13-1504 (base)



IT1-214 (base)

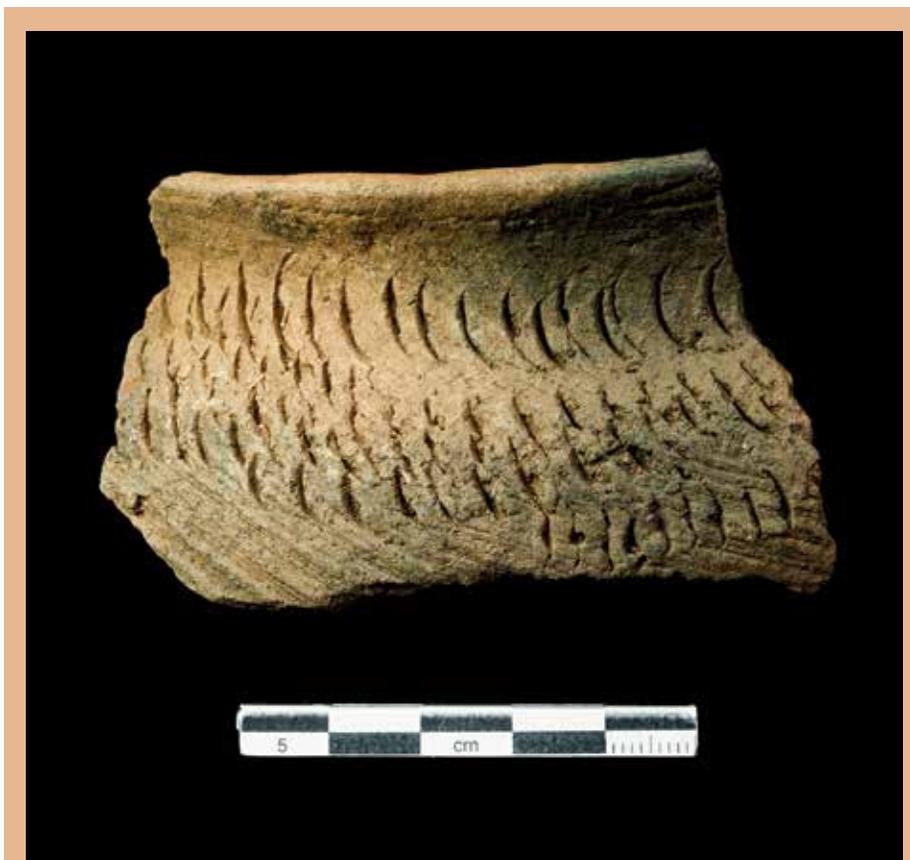
## Corrugada e ungulada



## Ungulada



AP49-79 (borda)



AP49-43 (borda)

## Ungulada



CD1-1562 (parede)



AP13-832 (parede)



CR1-930 (borda)



AP13-1973 (borda)



AP13-1453 (borda)



AP13-1110 (borda)



QT7-25 (parede)



AP13-2335 (parede)



QT7-1 (parede)



QT1-3957 (parede)



TQ1-30 (parede)



AP13-2204 (base)

Serrungulada



LB3-1102  
(borda)



SR2-71 (parede)



SR2-72 (parede)



SR2-73 (parede)



CD1-2919 (parede)

Linha incisa



AP13-2015 (parede)



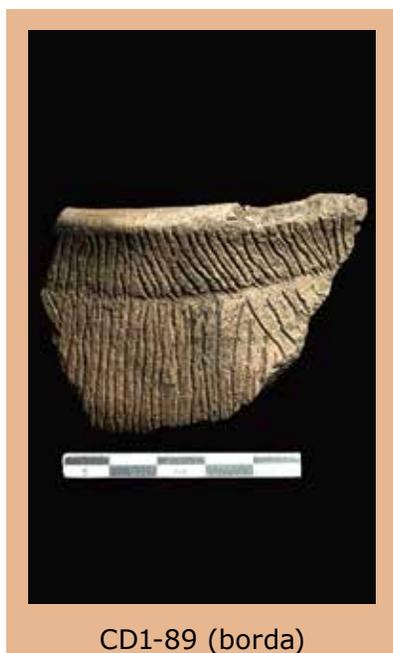
AP13-1154 (parede)



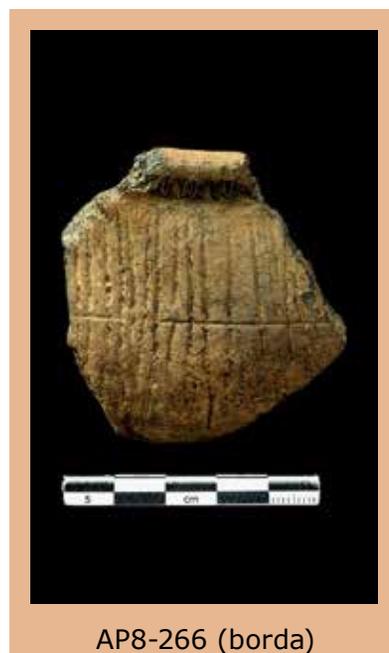
AP13-772 (parede)



AP13-2018 (parede)



CD1-89 (borda)



AP8-266 (borda)



CD1-6111 (borda)



AP13-2222 (borda)



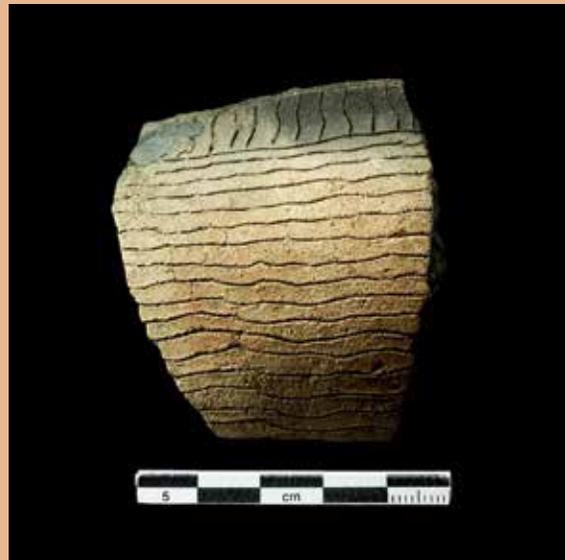
AP13-1966 (borda)



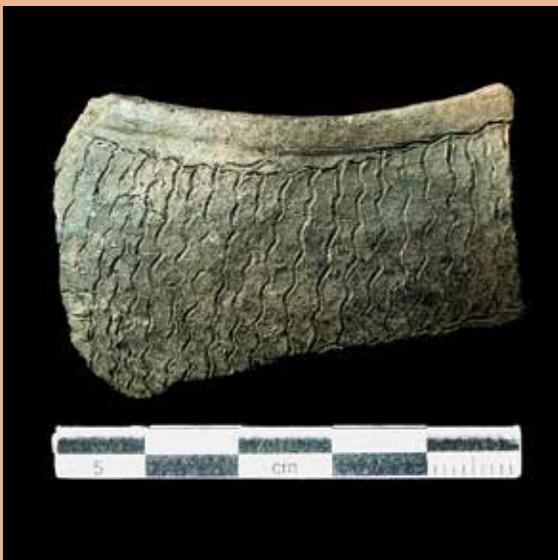
AP13-2029 (borda)



AP13-768 (borda)



AP13-142 (borda)

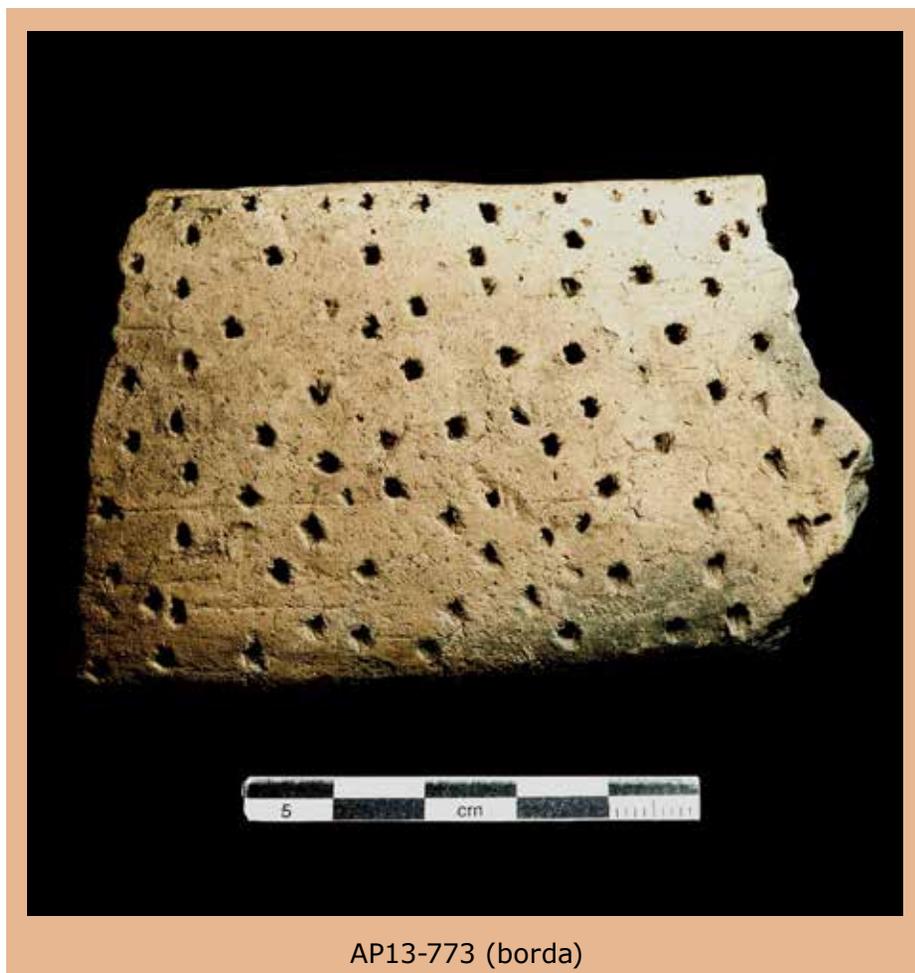


AP13-1122 (borda)



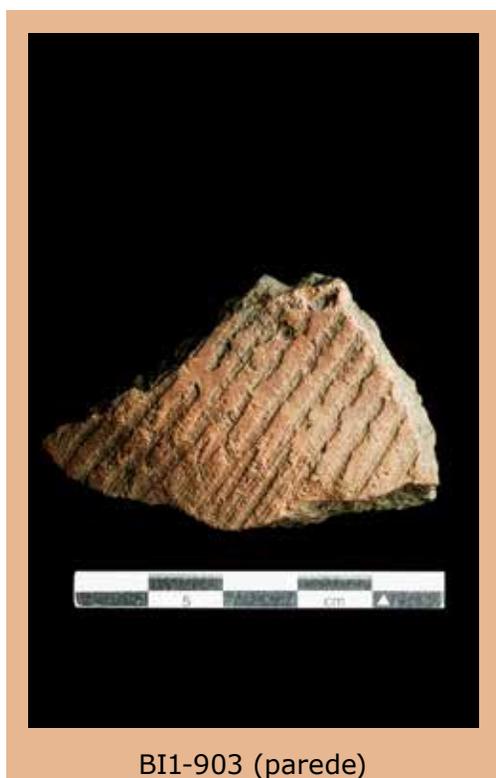
BI1-375 (parede)

## Ponteada



AP13-773 (borda)

## Escovada



BI1-903 (parede)



AP13-3350 (parede)

## Decoração pintada

Engobo vermelho com linhas espessas e digitações



AP13-90 (parede)



AP13-775 (borda e parede)



AP13-2285 (borda)



CD1-2392 (borda)



AB2-170 (borda)



BI1-3027 (borda)

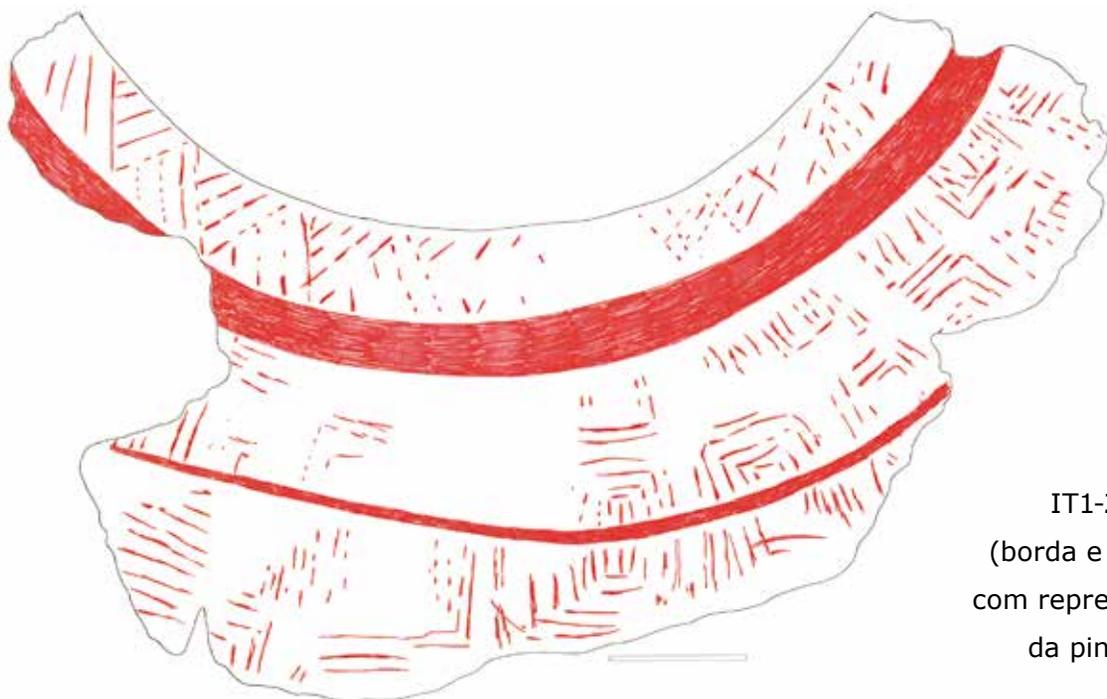


AP13-774 (borda)

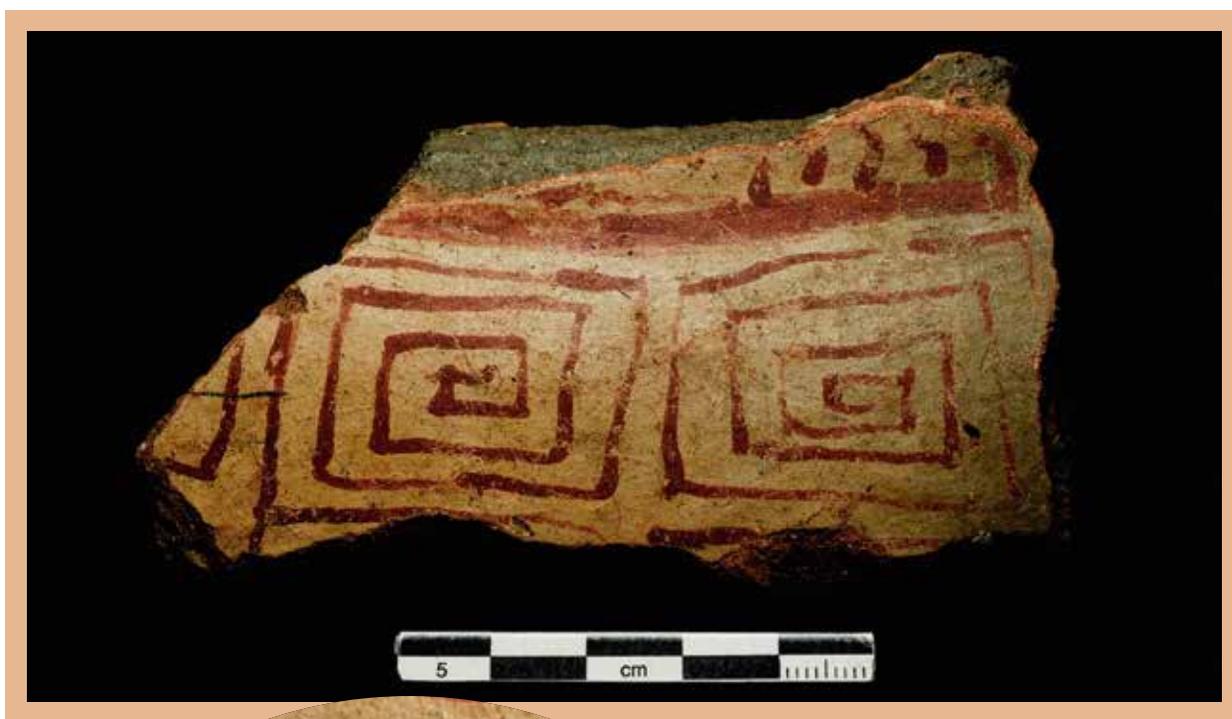


AP13-1754 (borda)

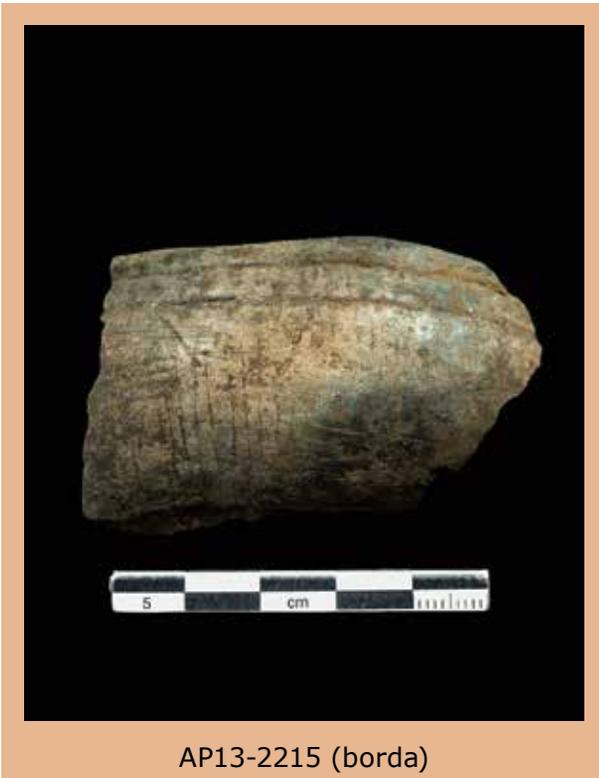
## Linhas quadrangulares vermelhas



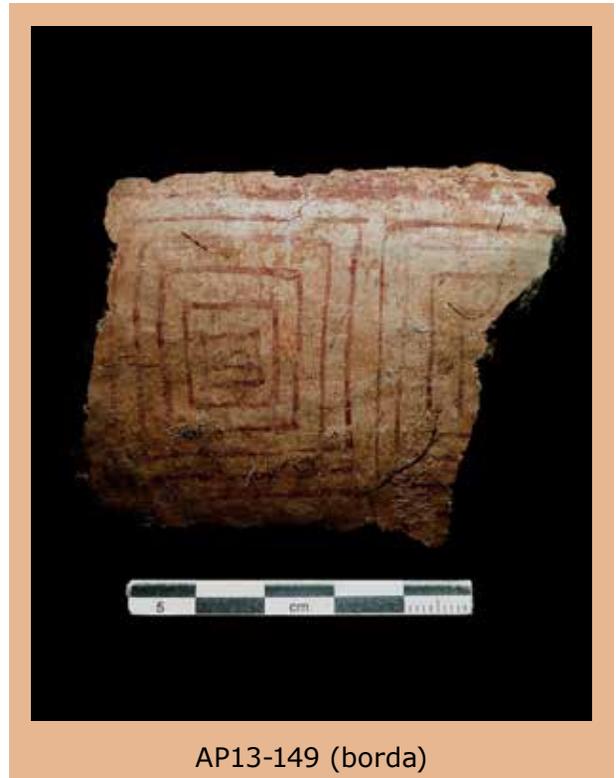
IT1-219  
(borda e parede,  
com representação  
da pintura)



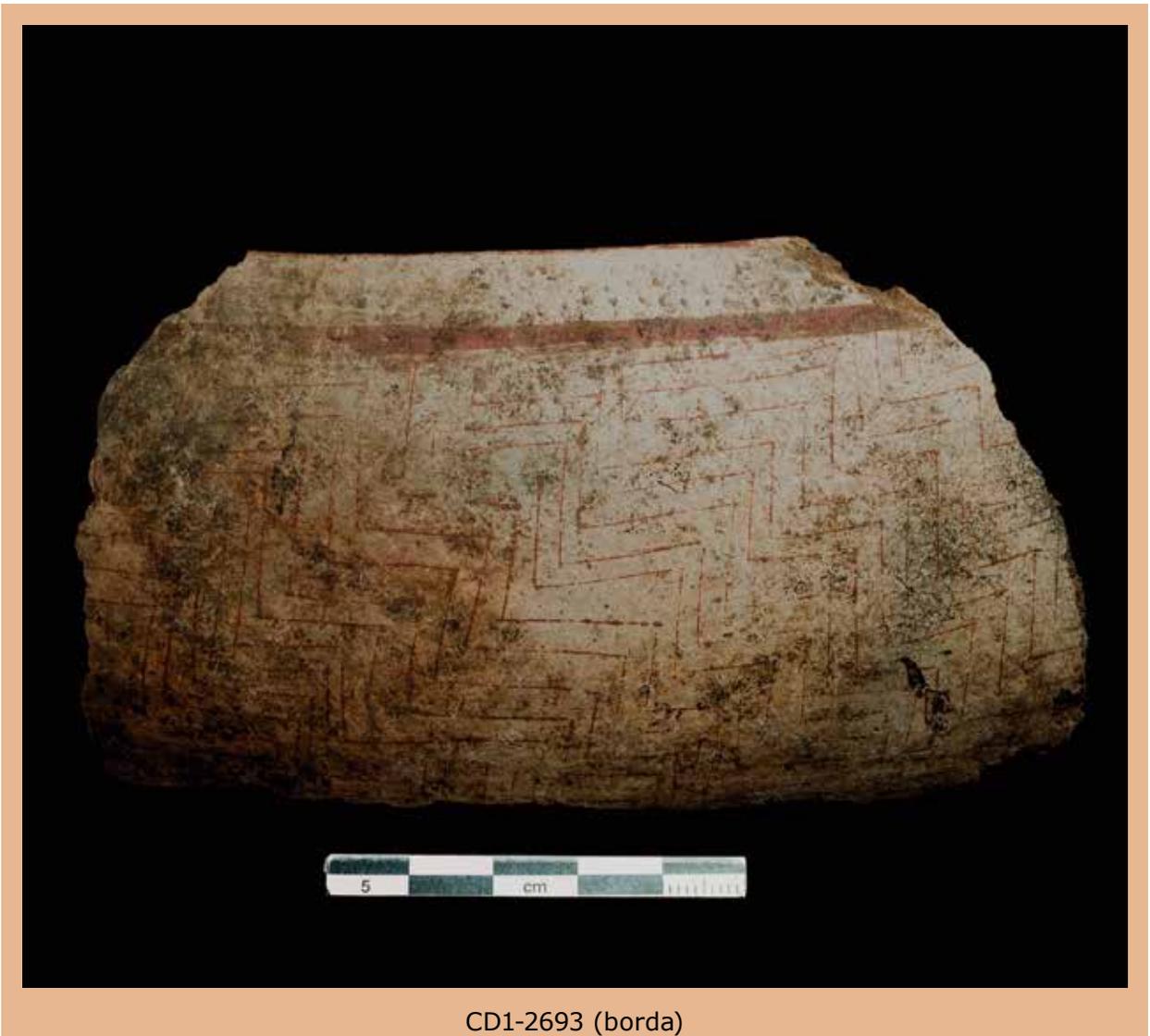
CD1-3654  
(face externa da  
parede e detalhes  
da pintura)



AP13-2215 (borda)

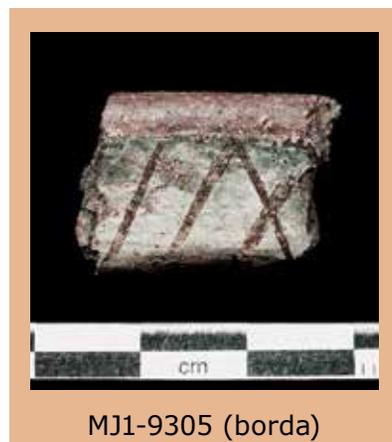
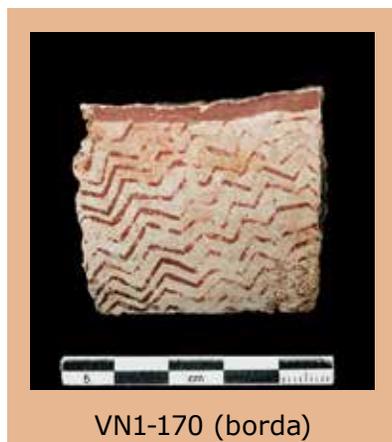


AP13-149 (borda)



CD1-2693 (borda)

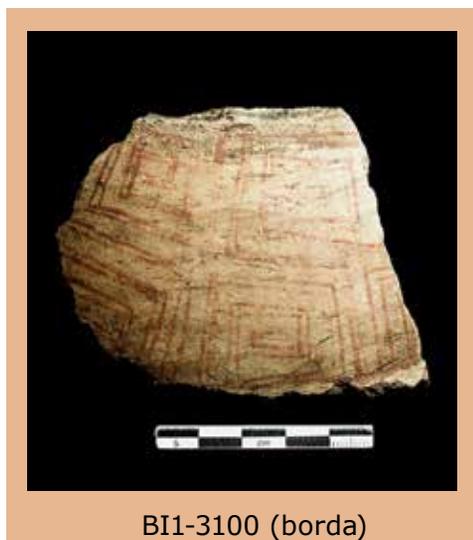
## Outras linhas



Linhas duplas quadrangulares vermelhas



VN1-171 (parede)



BI1-3100 (borda)



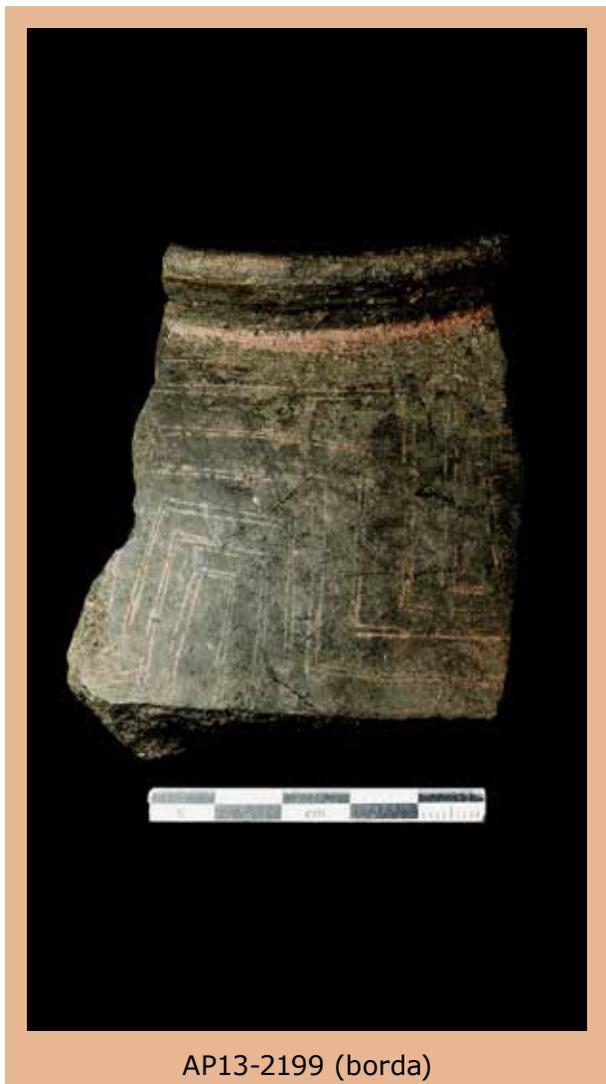
VN1-10890 (borda)



AP49-68 (borda)



AP49-69 (parede)



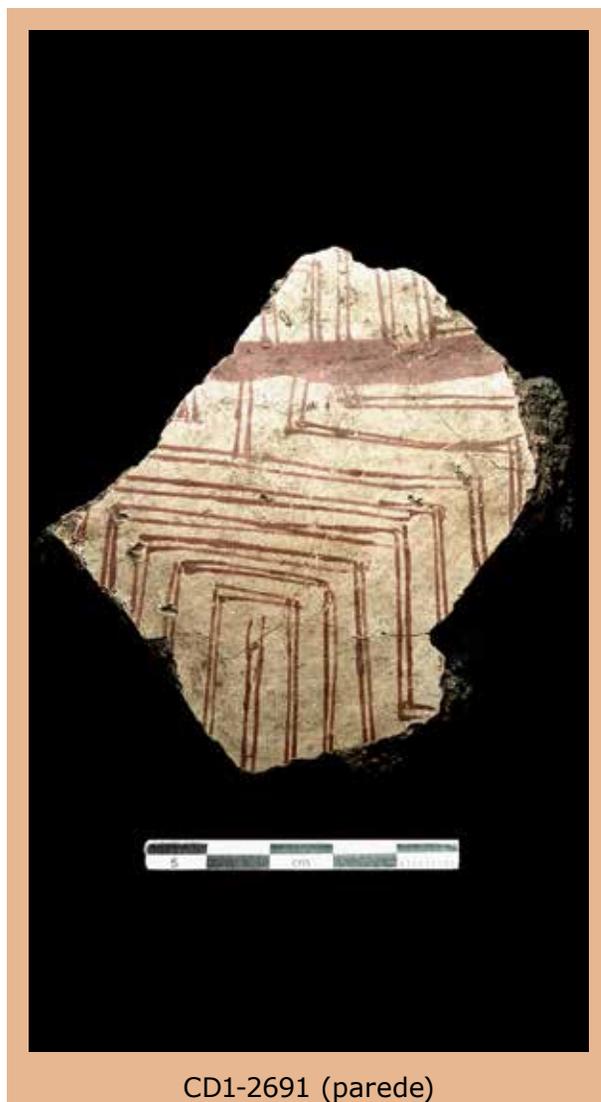
AP13-2199 (borda)



AP13-2221 (parede)



BI1-3392 (borda)



CD1-2691 (parede)

## Linhas duplas vermelhas



AP13-147 (borda)



BI1-1901 (borda)



AP13-731 (borda e parede)



IT1-151 (parede)



BI1-4092 (parede)

## Lábios e bandas vermelhas



CD1-3653 (borda)



VN1-4891 (borda)



BI1-2254 (borda)



AP13-252 (borda)



BI1-1171 (borda)



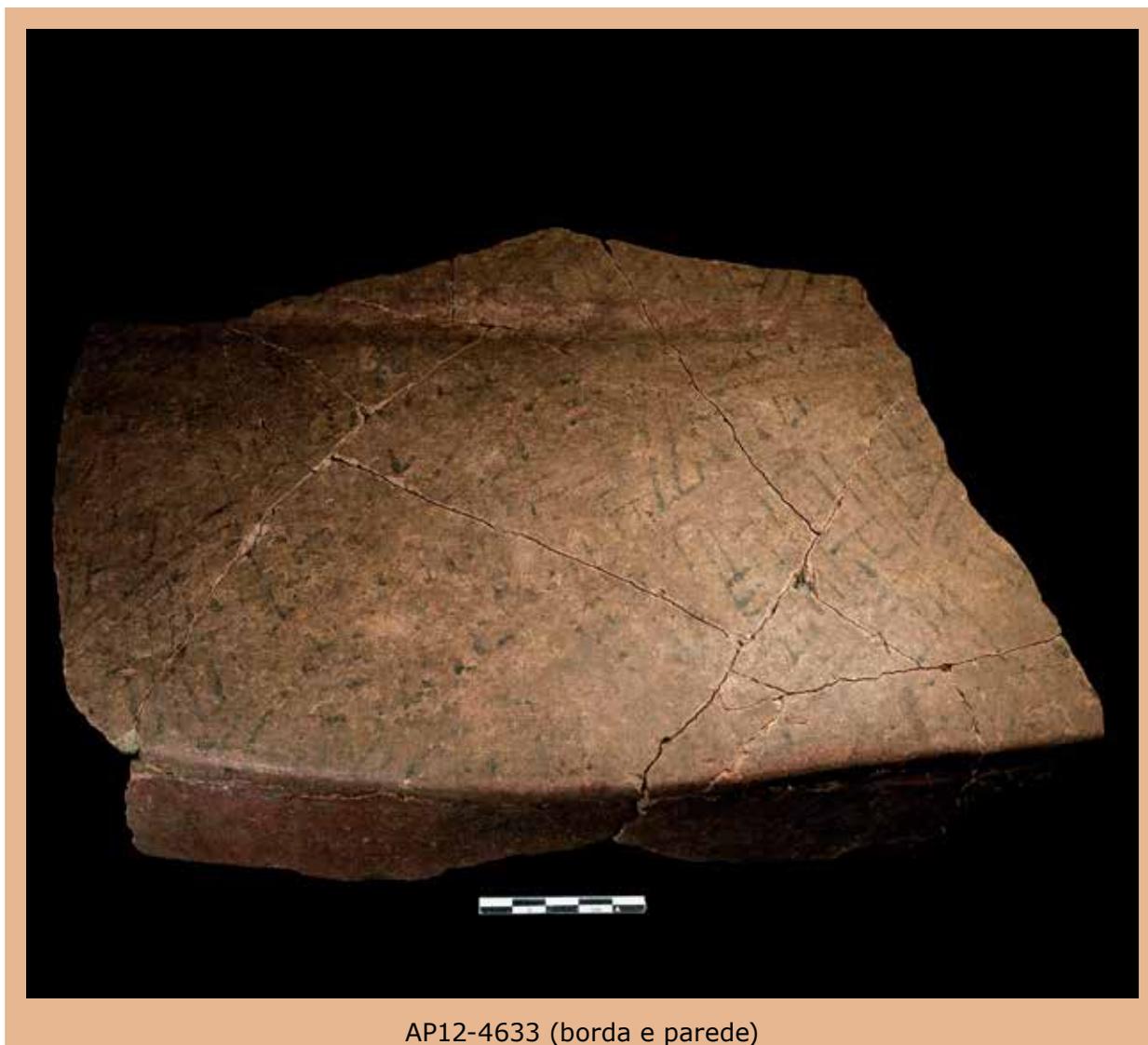
IT1-187 (borda)



AP12-606 (borda)



CD1-3651 (borda)



AP12-4633 (borda e parede)

Semi-círculos na borda



VN1-177 (borda)



AP13-1754 (borda)

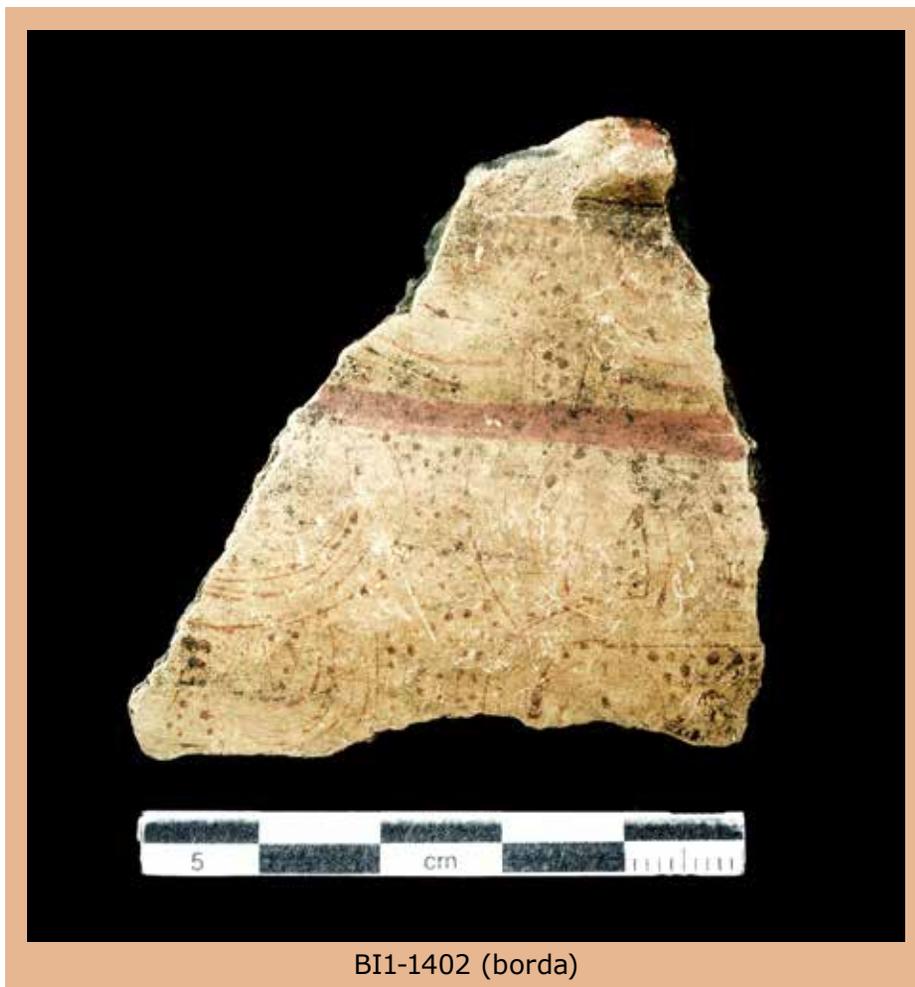


BI1-3027 (borda)

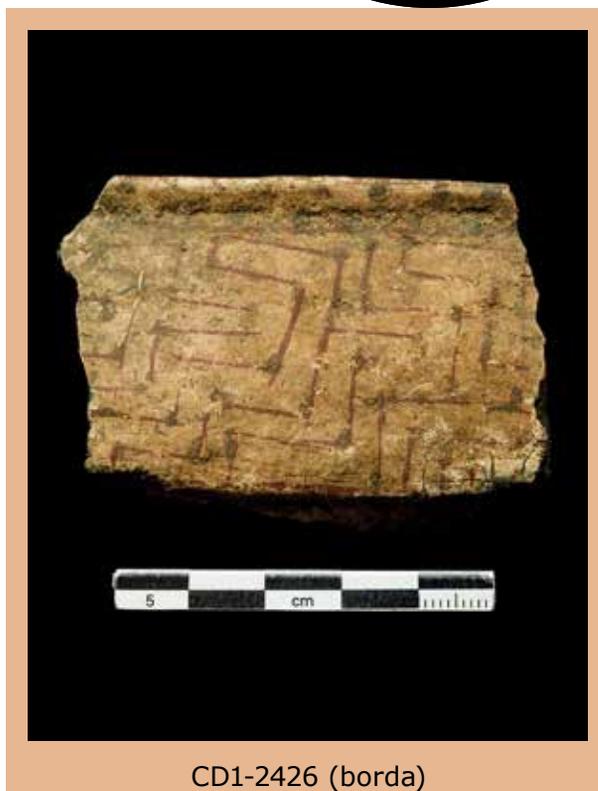
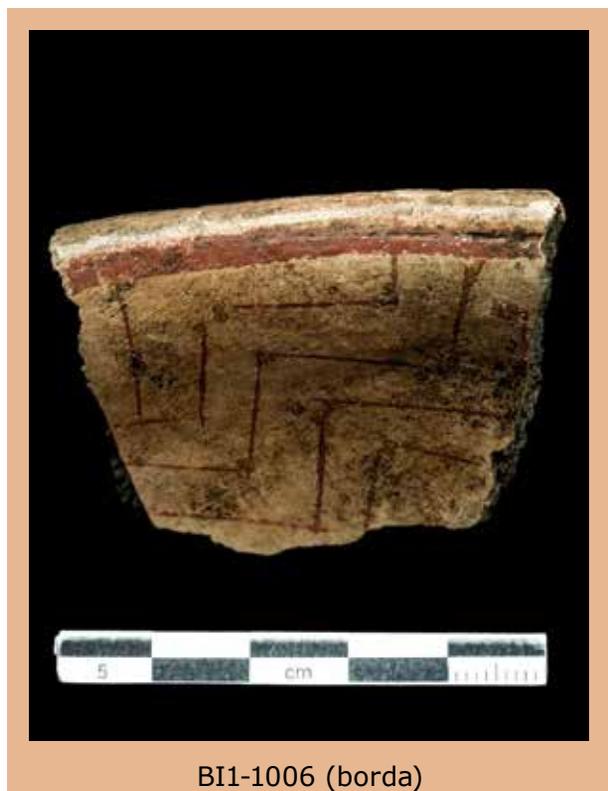
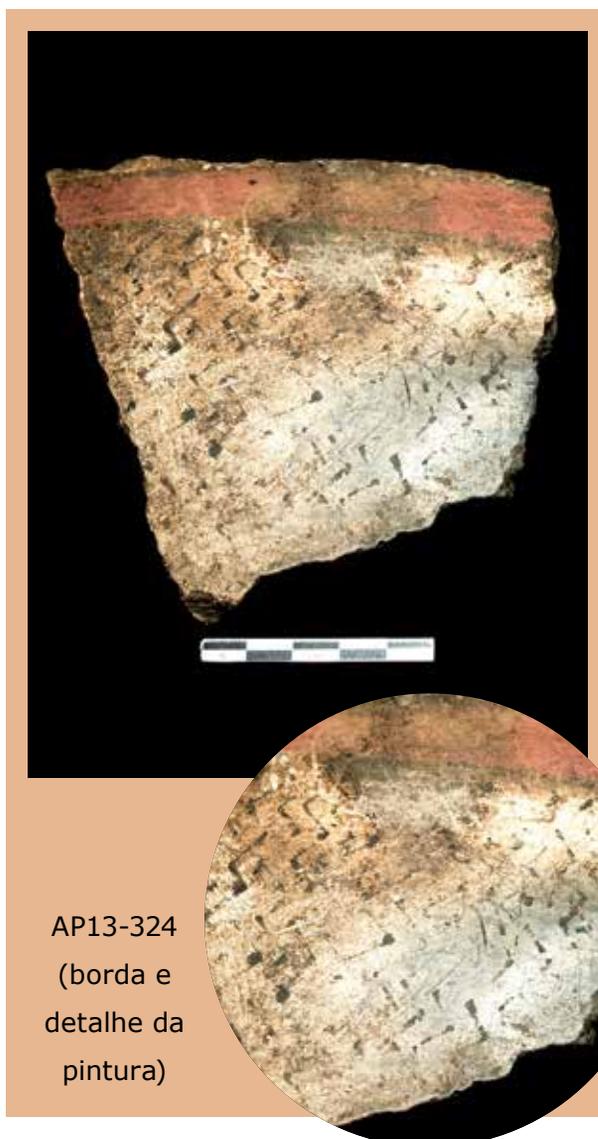
## Linhas e pontos



BI1-814 (borda)



BI1-1402 (borda)



Linhas com triângulos e pastilhas





PD9-518  
(vasilha  
fragmentada e  
detalhe da  
pintura)





SR2-76 (borda)



SR2-473 (parede)



AP13-1914 (parede)



VN1-25 (parede)



BI1-2678 (parede)



CD1-6113 (parede)



VN1-6895 (parede)

## Decoração plástica e engobada ou pintada

Decoração plástica, engobo e pintura



QT7-796

(borda e parede,  
vistas das faces  
externa e da interna)

## Decoração plástica e pintura



AP13-1371 (borda e parede)



VN1-12458 (parede vista na face externa (corrugada) e na interna (pintada))



## 2.2

# A cerâmica arqueológica Guarani na Bacia do Médio Paraguai

---

Além da área banhada pela Bacia do Alto Paraná, os sítios arqueológicos com a cerâmica Guarani são encontrados também na Bacia do Paraguai, especialmente nas áreas florestadas da Morraria do Urucum (Corumbá) e do alto e médio curso do rio Miranda, nas bordas da Serra da Bodoquena. Esse contexto arqueológico coincide, em parte, com a área de influência das Missões Jesuíticas do Itatim, na primeira metade do século XVII.

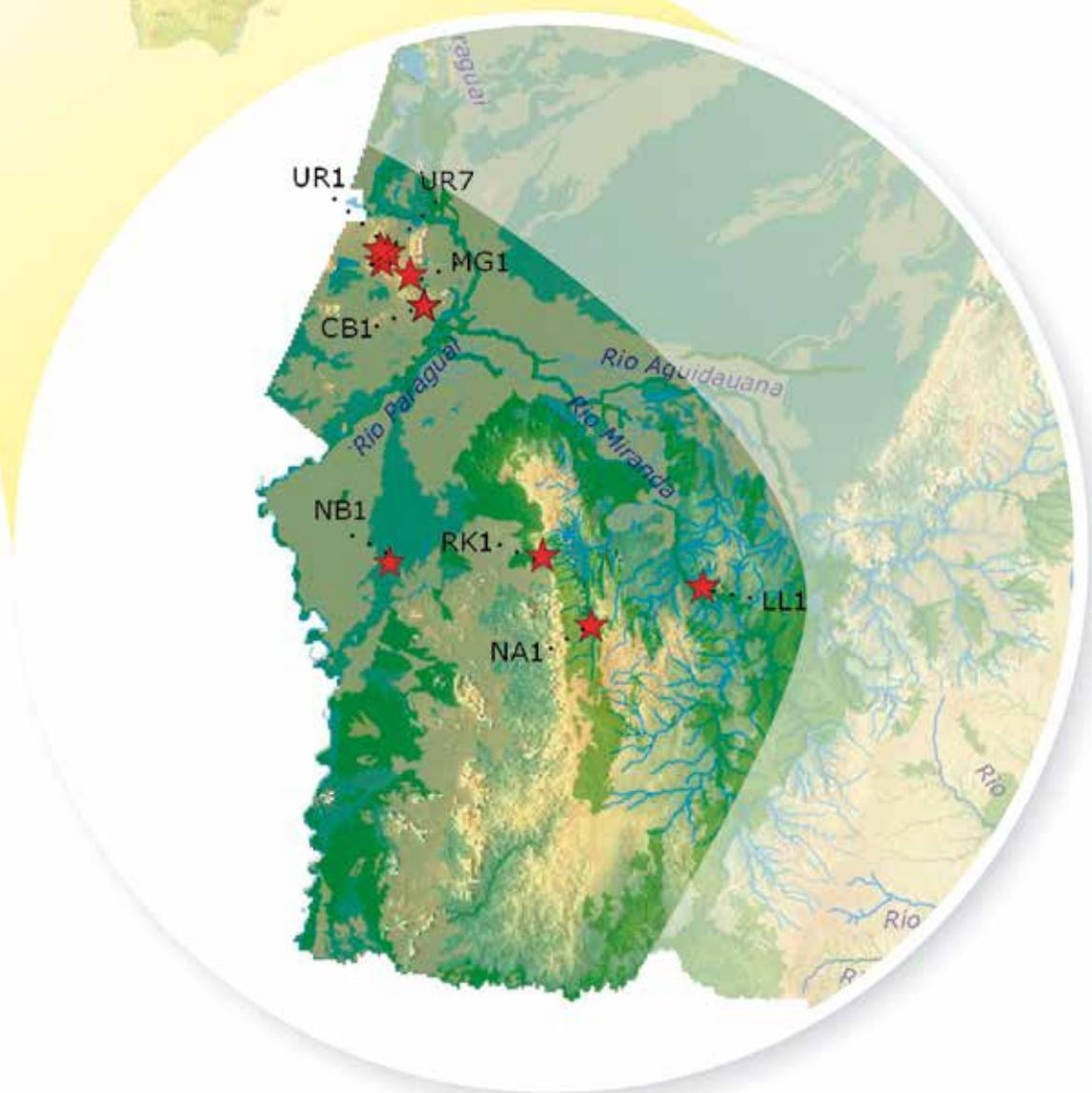


## 2.2.1

### Localização dos sítios arqueológicos Guarani na Bacia do Médio Paraguai



A cerâmica Guarani é caracterizada pela forte presença de recipientes com decoração plástica corrugada, grandes recipientes para armazenamento de líquidos com formato de "cuiá" ou carenado, determinado padrão estético de pinturas, entre outras propriedades.



UR1 – SÍTIO URUCUM 1



Município: Corumbá

UR7 – SÍTIO URUCUM 7



Município: Corumbá

AL1 – SÍTIO CÓRREGO ARIGOLÂNDIA 1



Município: Corumbá

MG1 – SÍTIO BAÍA MATO GRANDE 1



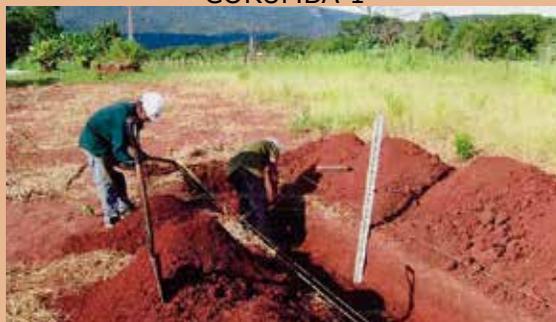
Município: Corumbá

RK1 – SÍTIO RESERVA KADIWÉU 1



Município: Porto Murtinho

CB1 – SÍTIO CÓRREGO PIRAPUTANGA/  
CORUMBÁ 1



Município: Corumbá

NA1 – SÍTIO CANAÃ 1  
(detalhe de afloramento de cerâmica)



Município: Bodoquena

LL1 – SÍTIO LALIMA 1



Município - Miranda

## 2.2.2

### A cerâmica arqueológica Guarani do maciço do Urucum

---

#### Artefato cerâmico



UR1-1052 (dimensões: 48cm x 54cm x 50cm)

Decoração plástica  
Corrugado



UR7-677



UR1-409



UR7-11



UR7-1006



AL1-63



CB1-203



AL1-38

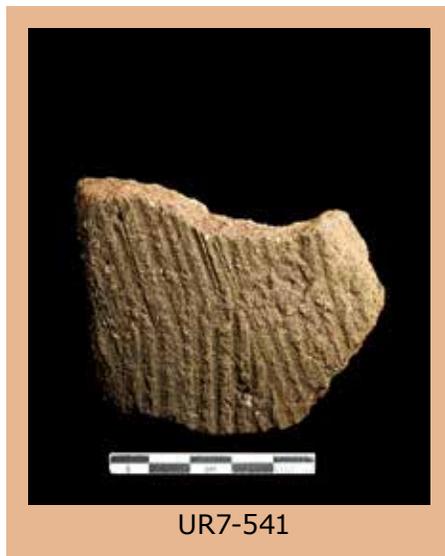
Ungulado



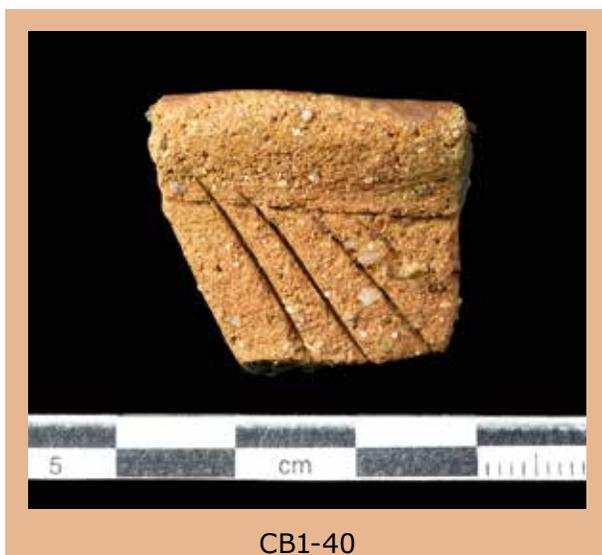
Ponteado



Escovado



Linhas incisas



## Decoração engobada ou pintada



UR7-455



UR7-725



UR7-726

### 2.2.3

## A cerâmica arqueológica Guarani da baía Mato Grande

---

### Decoração plástica



### Decoração pintada



## 2.2.4

### A cerâmica arqueológica Guarani do *piemonte* ocidental da Serra da Bodoquena

---

Decoração escovada



RK1-63 (Dimensões: 52 cm x 60 cm x 57 cm)

## Engobo e pintura



RK1-62 (Dimensões: 16 cm x 34 cm x 30 cm)

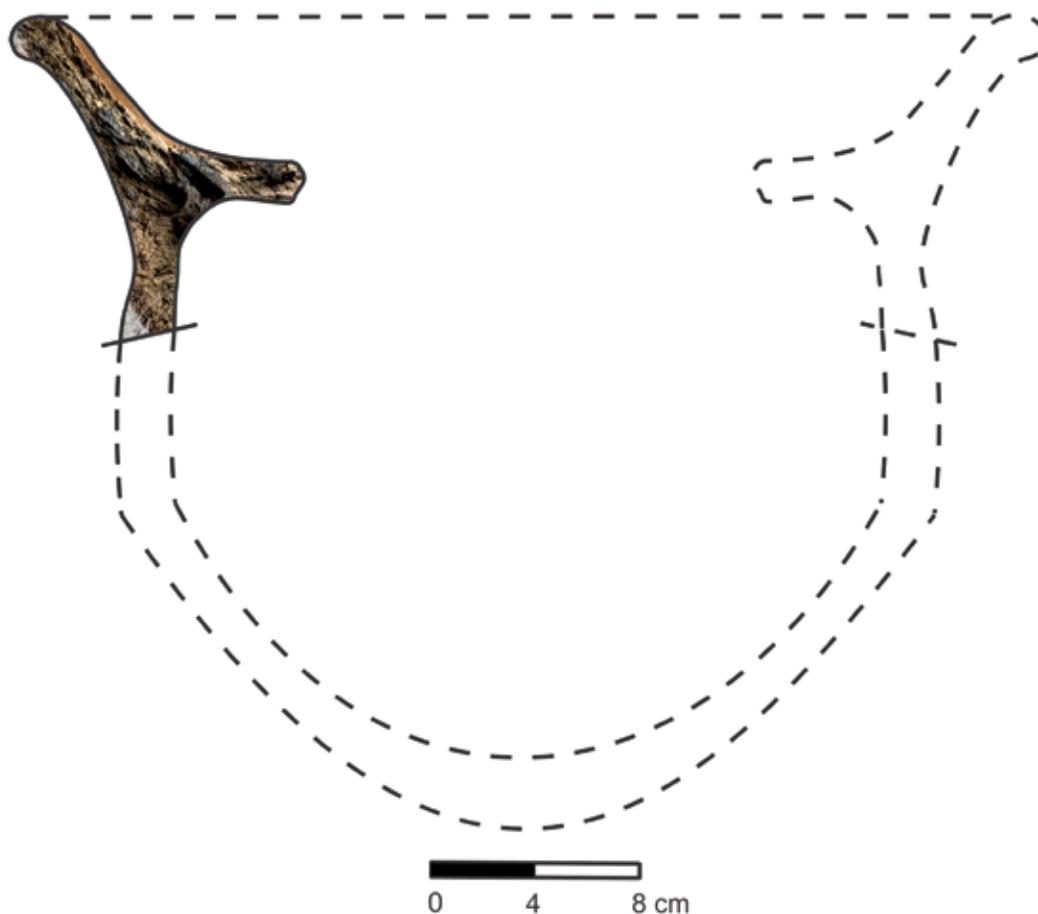


RK1-61 (Dimensões: 18 cm de altura x 38 cm de borda)

## 2.2.5

### A cerâmica arqueológica Guarani na Serra da Bodoquena

#### Artefato cerâmico



NA1-27 borda dupla pintada (vistas de perfil, face externa e desenho da projeção da forma da vasilha a partir do fragmento da borda)



NA1-21 borda de vasilha com superfície lisa

### Decoração plástica: ungulada



NA1-22 (parede)

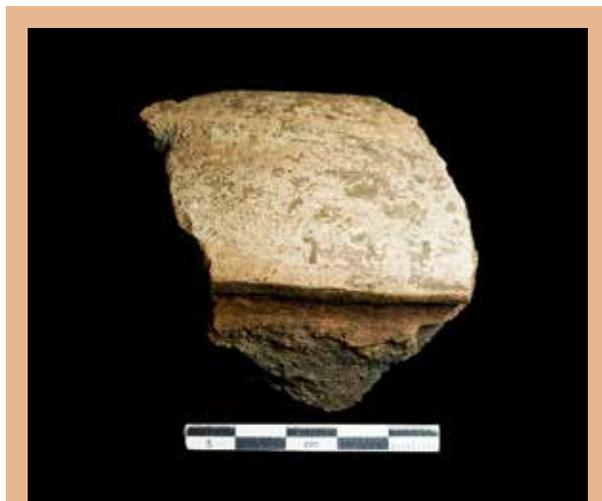
## Decoração pintada



NA1-26 (borda dupla)



NA1-24 (borda)



NA1-23 (borda)



NA1-25 (borda)



NA1-28 (parede)

## 2.2.6

### A cerâmica arqueológica Guarani no médio curso do rio Miranda

---

#### Decoração plástica: corrugado



LL1-41 (borda)



LL1-21 (borda)



LL1-42 (borda)



LL1-48 (borda)

#### Decoração pintada



LL1-19 (borda)



LL1-80 (borda)

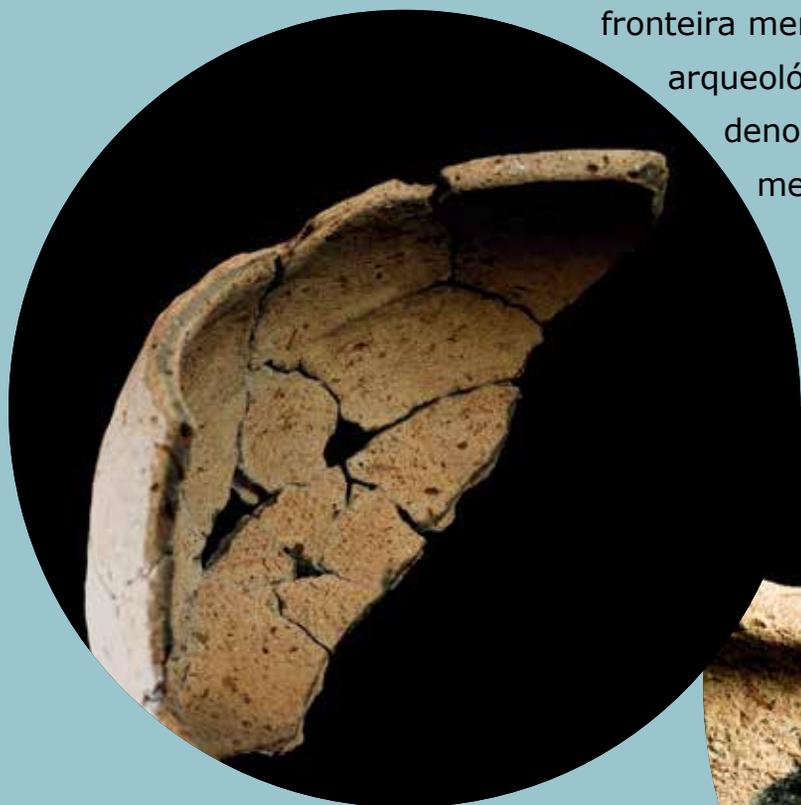


# 3

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA ARATU/SAPUCAÍ

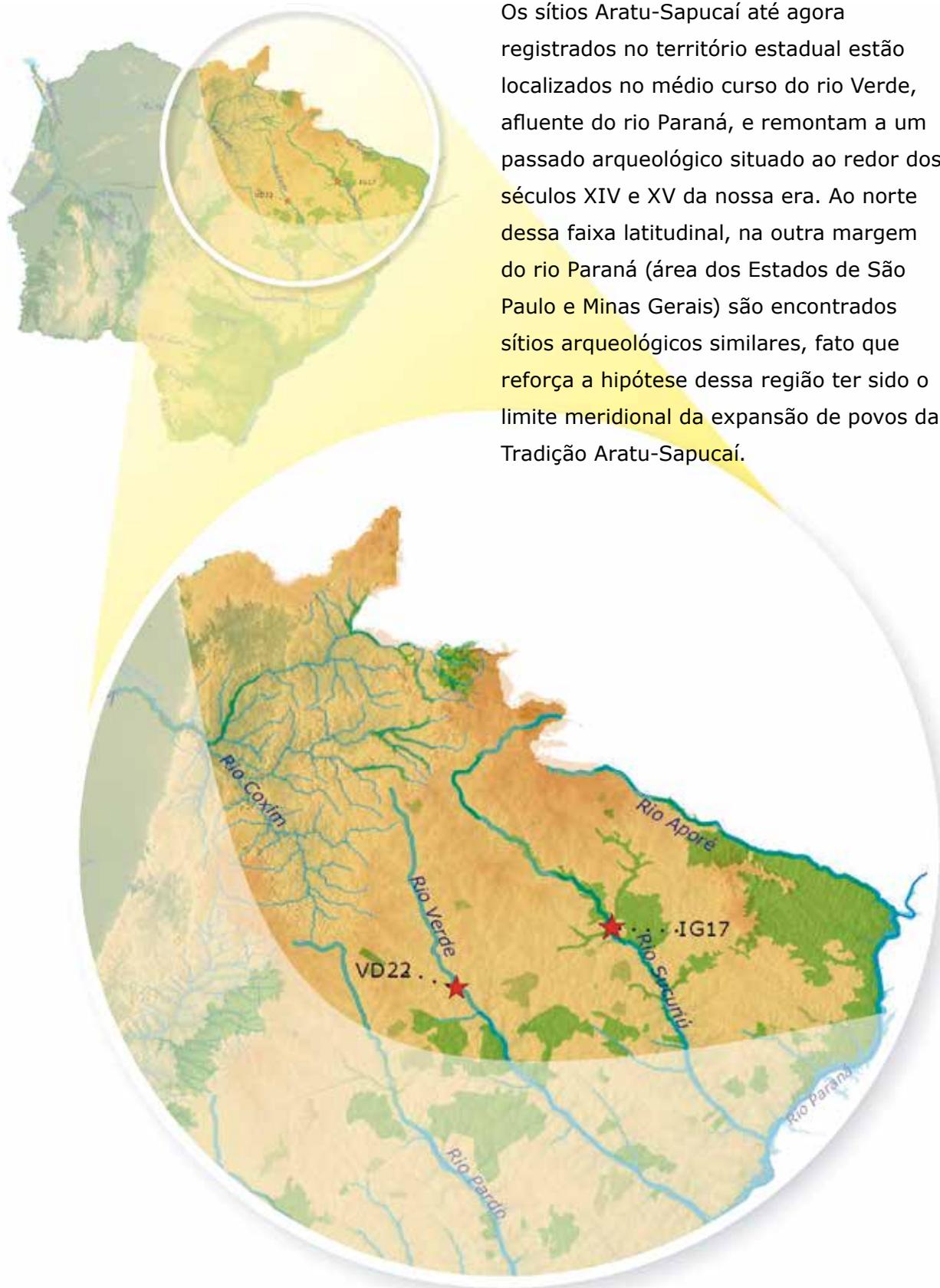
---

A partir de 2.000 anos A.P., aproximadamente, sociedades agrícolas ceramistas consolidaram-se territorialmente nas paisagens do Cerrado do Brasil Central. Num complexo mosaico étnico de dinâmicas e trocas culturais, originou-se, provavelmente na área estadual de Goiás, a Tradição Aratu – caracterizada por um sistema tecnológico de produção ceramista, distinguido por grandes vasilhas piriformes. As pesquisas sinalizam que a região de Cerrado de Mato Grosso do Sul possivelmente constitui a fronteira meridional de expansão dessa tradição arqueológica, por meio de sua variação regional denominada Tradição Aratu-Sapucaí – sítios menores e com peças cerâmicas pequenas.



## Localização dos sítios arqueológicos Aratu/Sapucaí

Os sítios Aratu-Sapucaí até agora registrados no território estadual estão localizados no médio curso do rio Verde, afluente do rio Paraná, e remontam a um passado arqueológico situado ao redor dos séculos XIV e XV da nossa era. Ao norte dessa faixa latitudinal, na outra margem do rio Paraná (área dos Estados de São Paulo e Minas Gerais) são encontrados sítios arqueológicos similares, fato que reforça a hipótese dessa região ter sido o limite meridional da expansão de povos da Tradição Aratu-Sapucaí.



VD22 - SÍTIO RIO VERDE 22



Município: Água Clara (escavação arqueológica)

IG17 - SÍTIO RIO INDAIÁ GRANDE 17\*



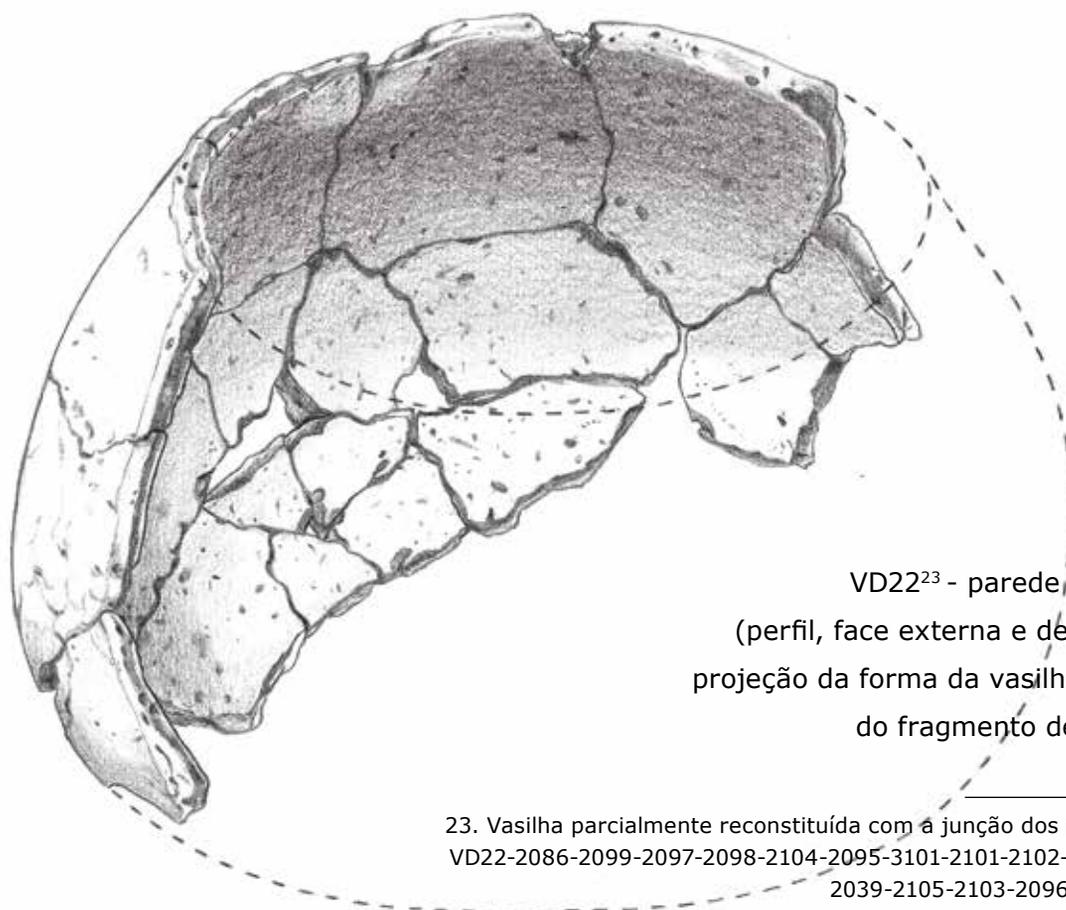
Município: Chapadão do Sul (escavação arqueológica)

\* A amostra de carvão coletada na camada cerâmica do sítio IG17 (profundidade de 10 a 20 cm) foi datada de 675 a 626 anos A.P. (Beta-496362, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.

## 3.2

### Artefatos e fragmentos cerâmicos arqueológicos Aratu/Sapucai

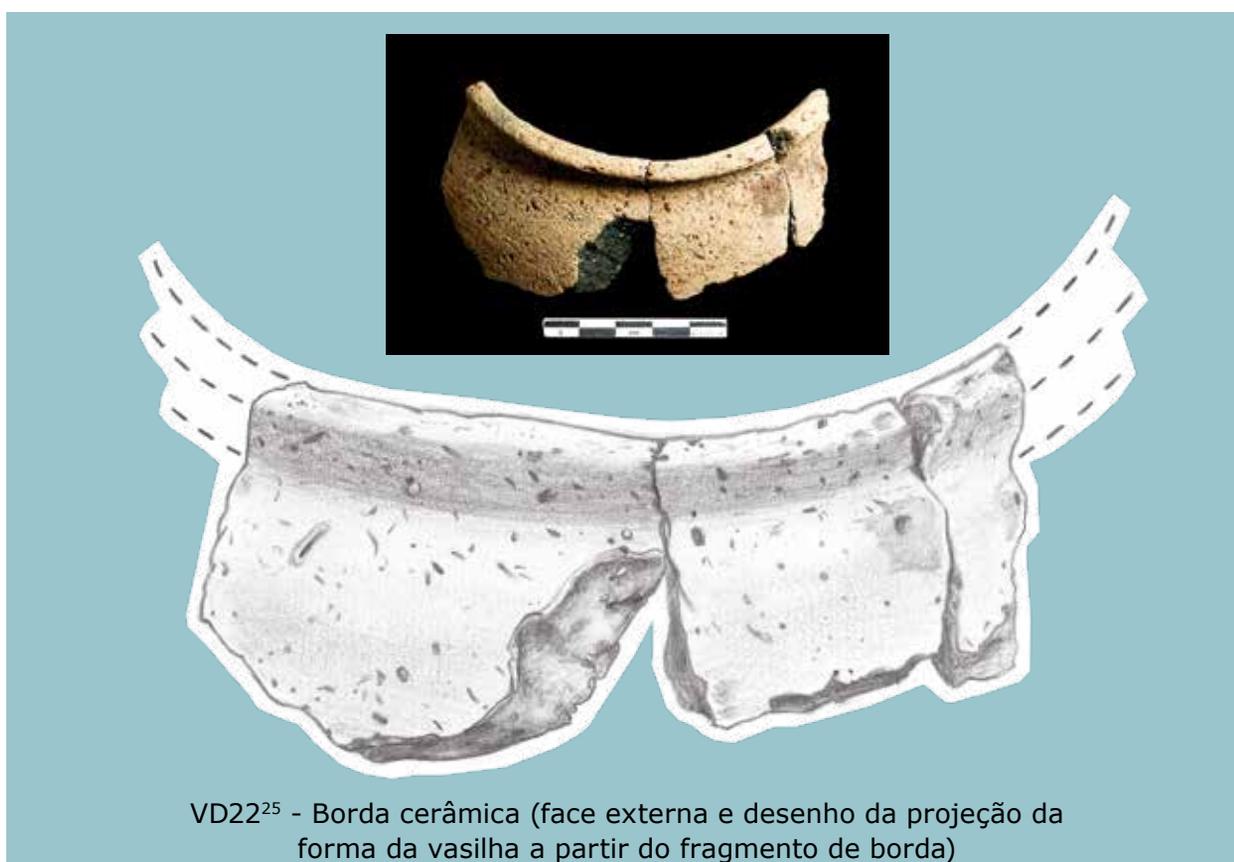
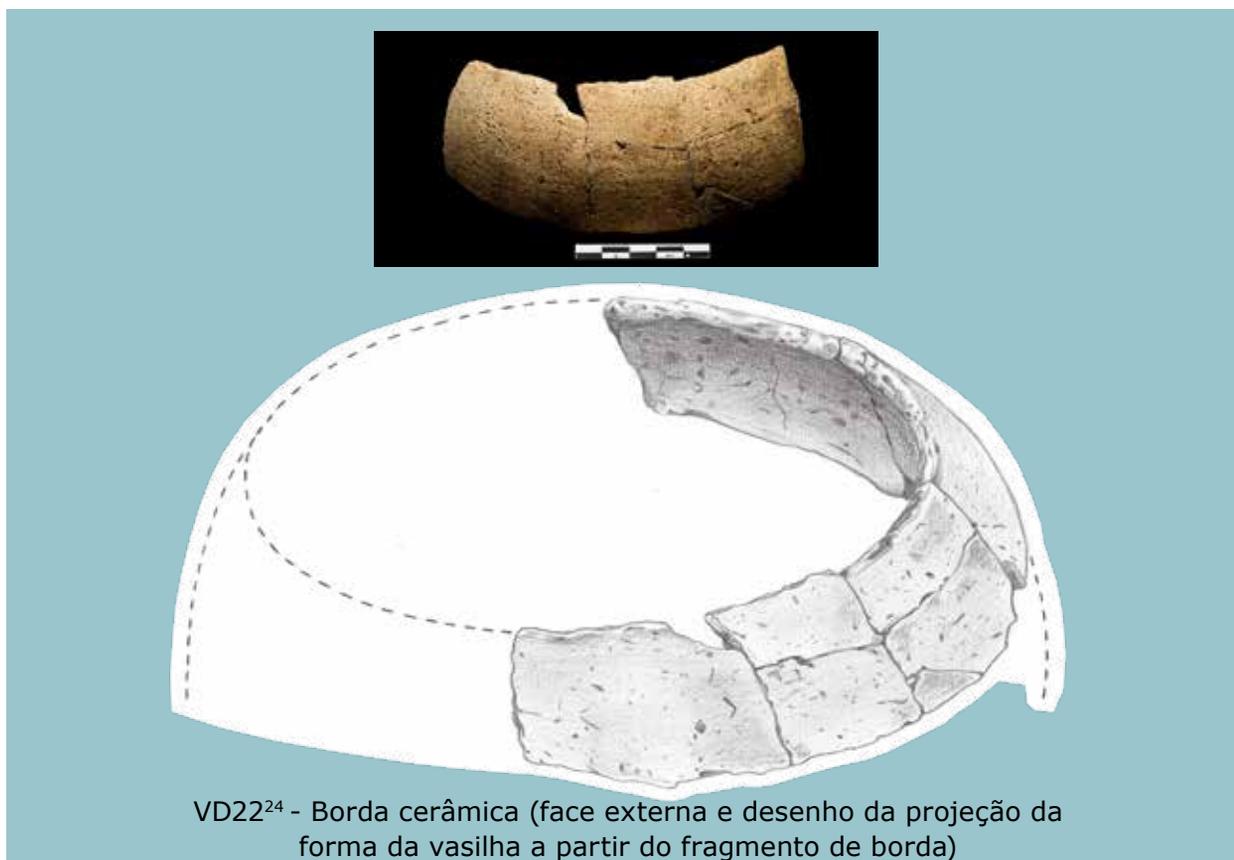
#### Fragmentos de parede



VD22<sup>23</sup> - parede cerâmica  
(perfil, face externa e desenho da  
projeção da forma da vasilha a partir  
do fragmento de parede)

23. Vasilha parcialmente reconstituída com a junção dos fragmentos  
VD22-2086-2099-2097-2098-2104-2095-3101-2101-2102-2019-2107-  
2039-2105-2103-2096-2112-2113

## Fragmentos de bordas

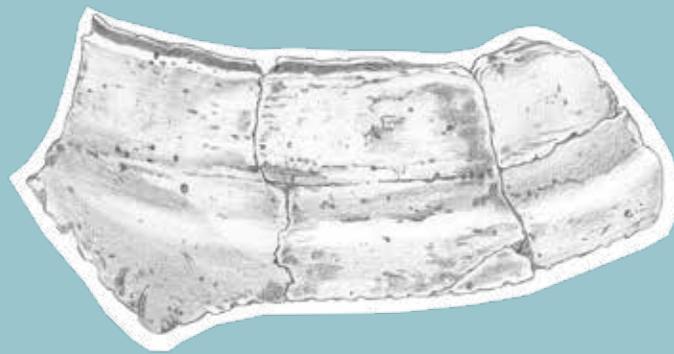


24. Borda parcialmente reconstruída com a junção dos fragmentos VD22-2061-2065-2084-2088-2048-2062

25. Borda parcialmente reconstruída com a junção dos fragmentos VD22-2185-2184-2183

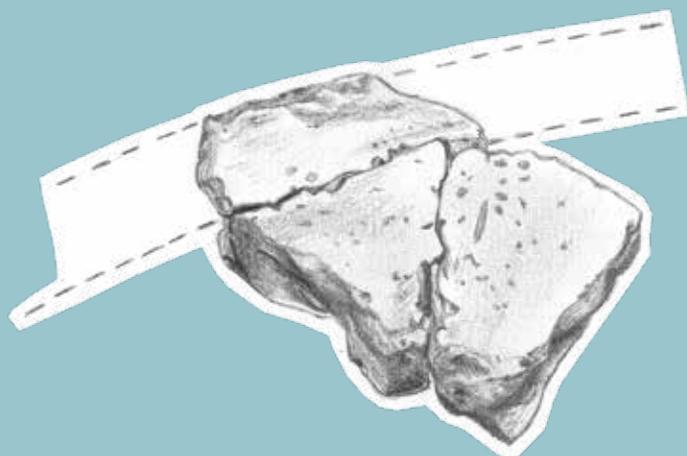
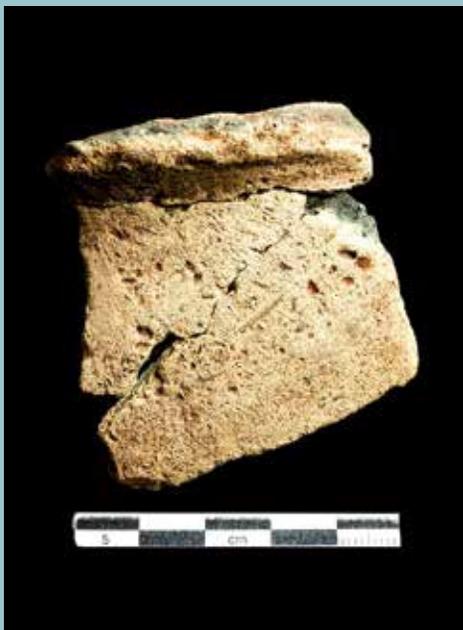


VD22-2692 (borda dupla)



VD22<sup>26</sup> (borda)

## Fragmentos de base



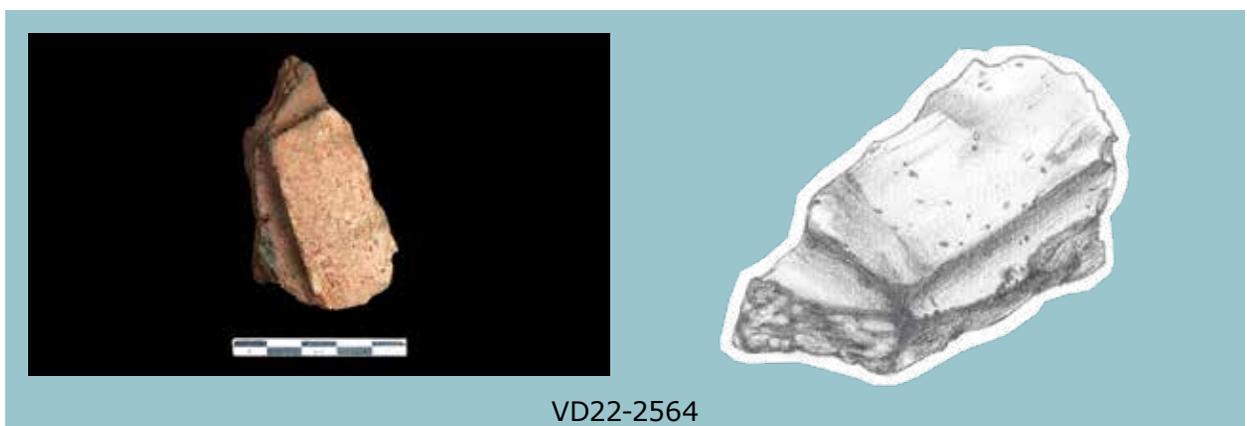
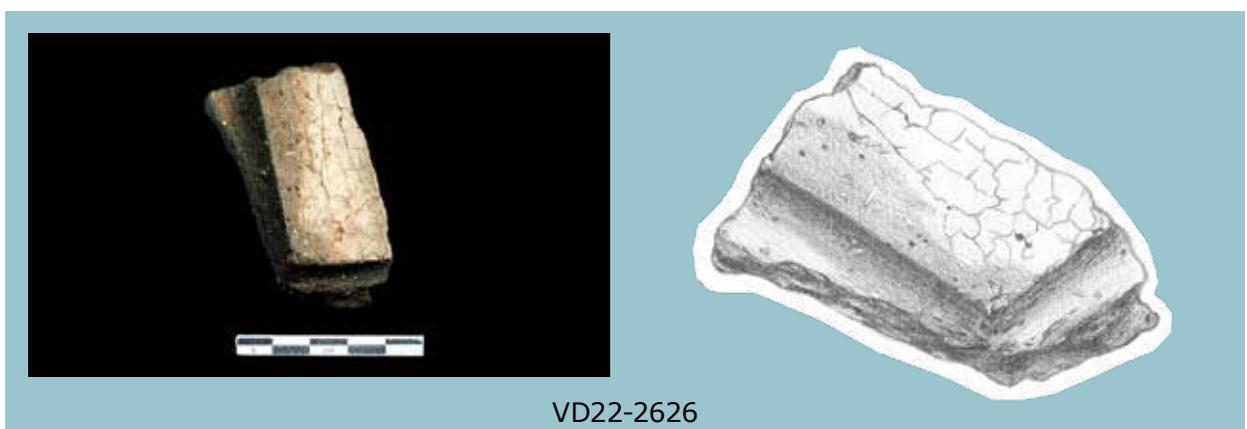
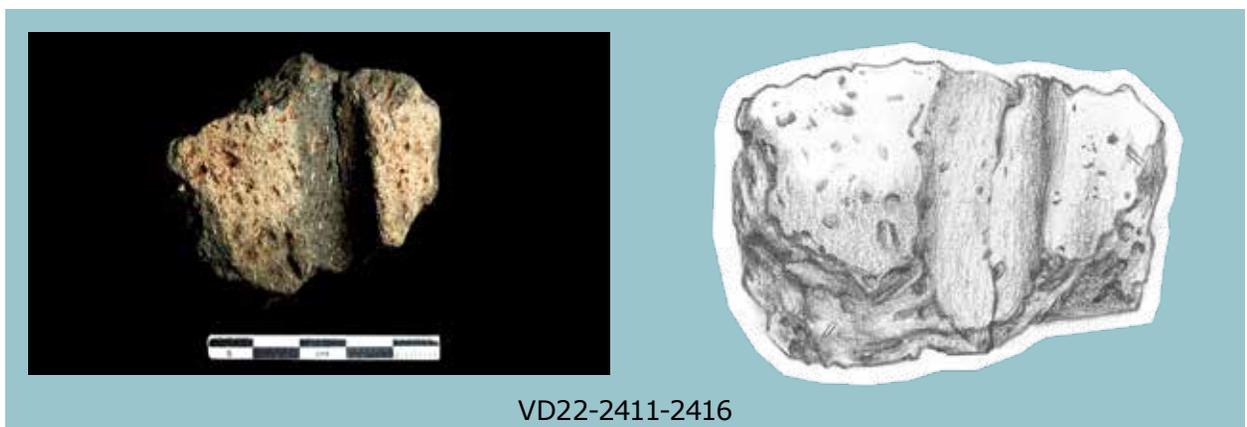
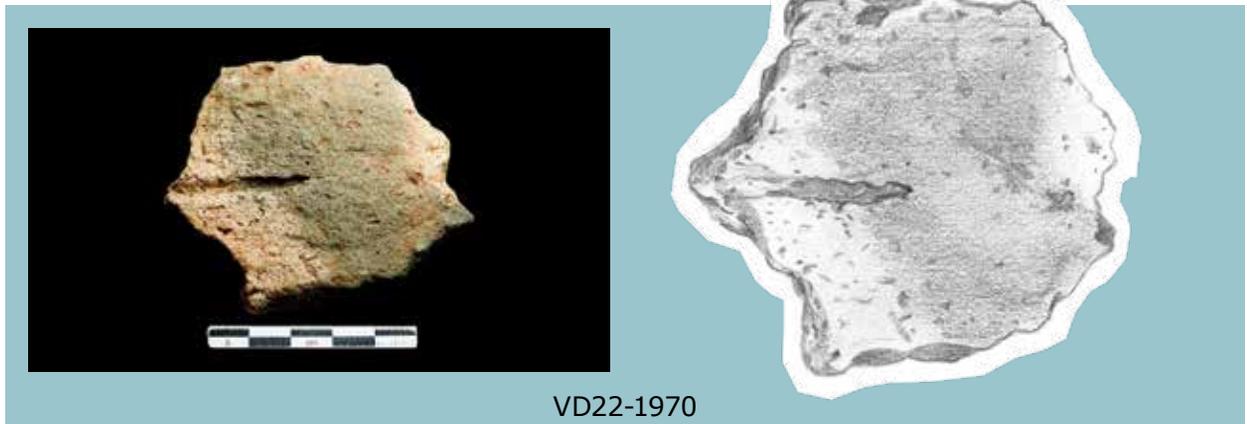
VD22<sup>27</sup> (base)

26. Borda parcialmente reconstruída com a junção dos fragmentos VD22-2049-2056-2035

27. Borda parcialmente reconstruída com a junção dos fragmentos 2298-2299-2300

## Calibradores

(Fragmentos cerâmicos aratu/sapucai reaproveitados)





# 4

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA URU

---

No âmbito da complexidade das interações culturais arqueológicas do Brasil Central, configurou-se a Tradição Uru, singularizada em decorrência das numerosas peças cerâmicas de base plana, associadas a assadores utilizados para o preparo do beiju de mandioca amarga. Essa prática cultural sugere a origem amazônica dessas sociedades que, migrando para o Brasil Central, teriam alcançado, na área estadual de MS, o seu limite de expansão meridional.



## Localização dos sítios arqueológicos Uru

O número de sítios descobertos pela pesquisa arqueológica, passíveis de serem associados à Tradição Uru, não é grande no Estado. Os registros, por enquanto, estão concentrados na região do Alto Paraná, especificamente na área ao norte do rio Verde até o rio Paranaíba. Nessa faixa latitudinal, na outra margem do rio Paraná (área dos Estados de São Paulo e Minas Gerais) são encontrados sítios arqueológicos similares, fato que reforça a hipótese dessa região ter sido o limite meridional da expansão de povos da Tradição Uru.



#### RP4 – SÍTIO RIO PARANAÍBA 4



Município: Paranaíba (escavação e evidência de estrutura de argila queimada)

#### AP75 – SÍTIO ALTO PARANÁ 75\*



Município: Aparecida do Taboado (escavação e fragmentos de cerâmica)

\* A amostra de carvão coletada na camada cerâmica do sítio AP75 (profundidade de 15 cm) foi datada de 670 a 630 anos A.P. (Beta-346377, datação calibrada), pelo método do C<sup>14</sup>.

#### MA1 – SÍTIO CÓRREGO DA MACACA 1

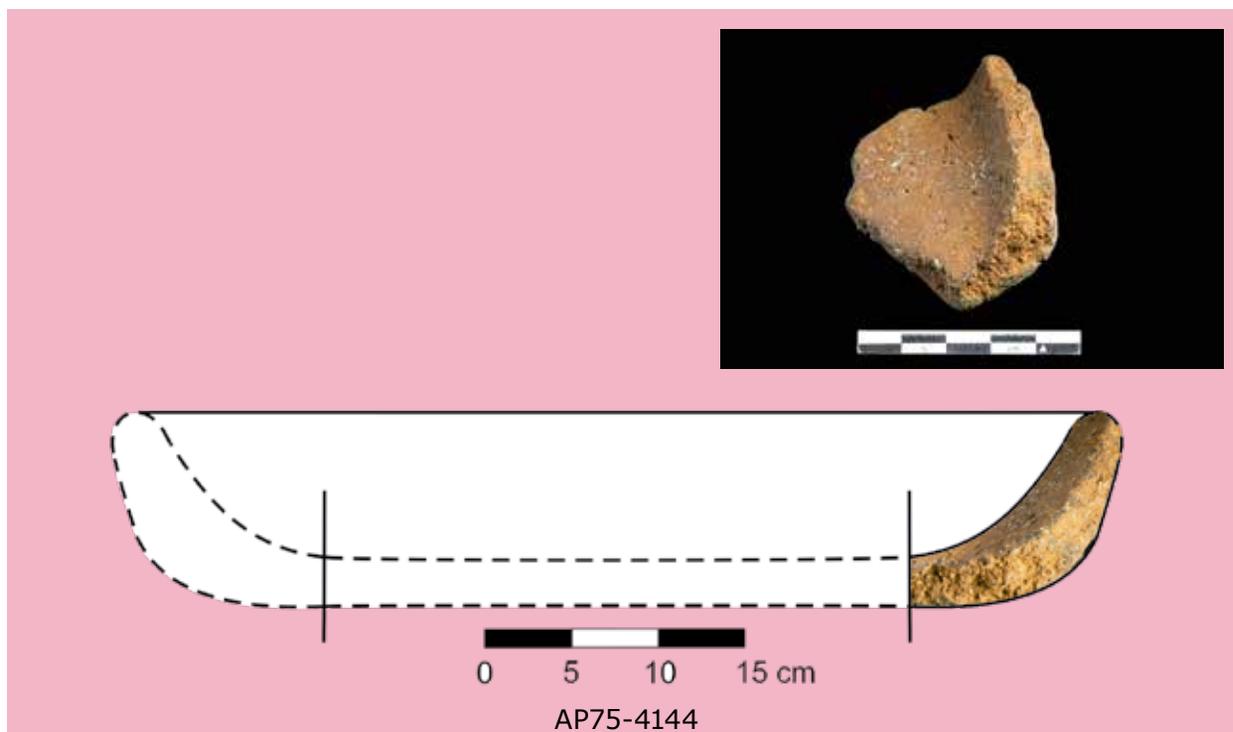
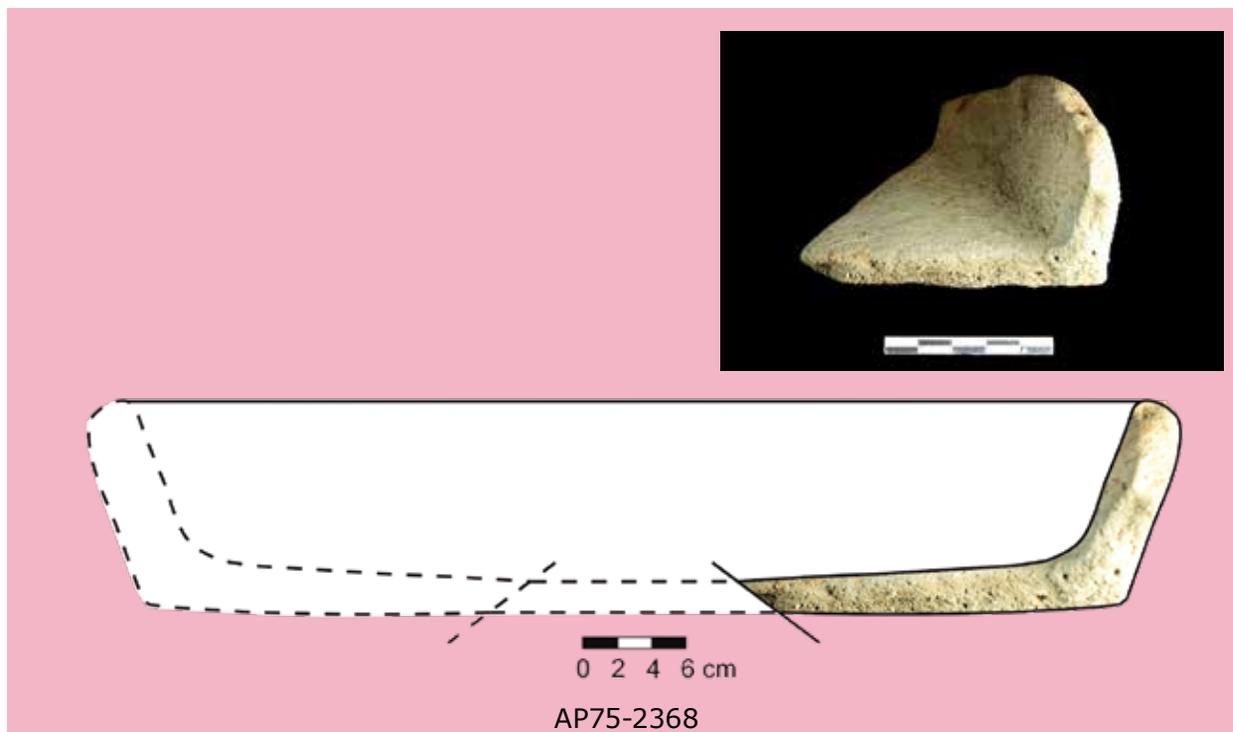


Município: Aparecida do Taboado (fragmento de cerâmica)

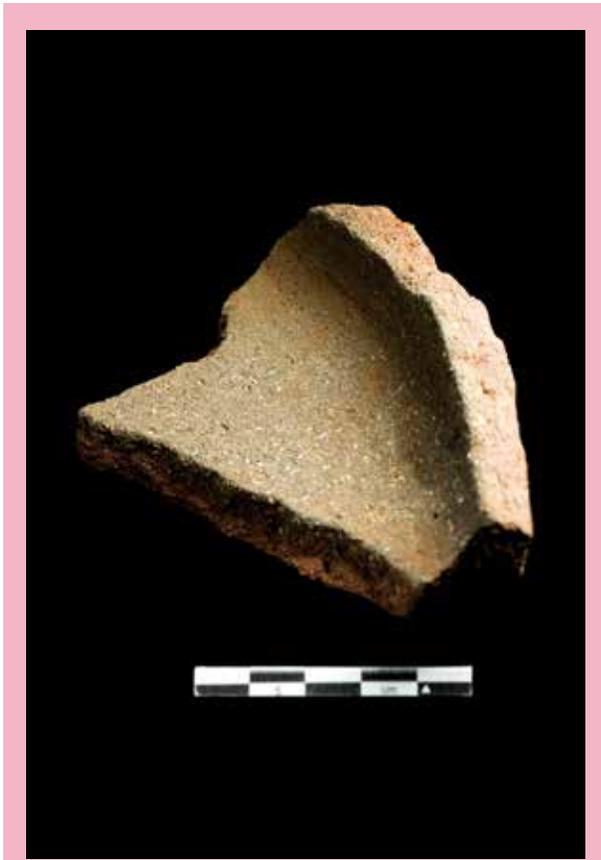
## 4.2

### Artefatos e fragmentos cerâmicos arqueológicos Uru

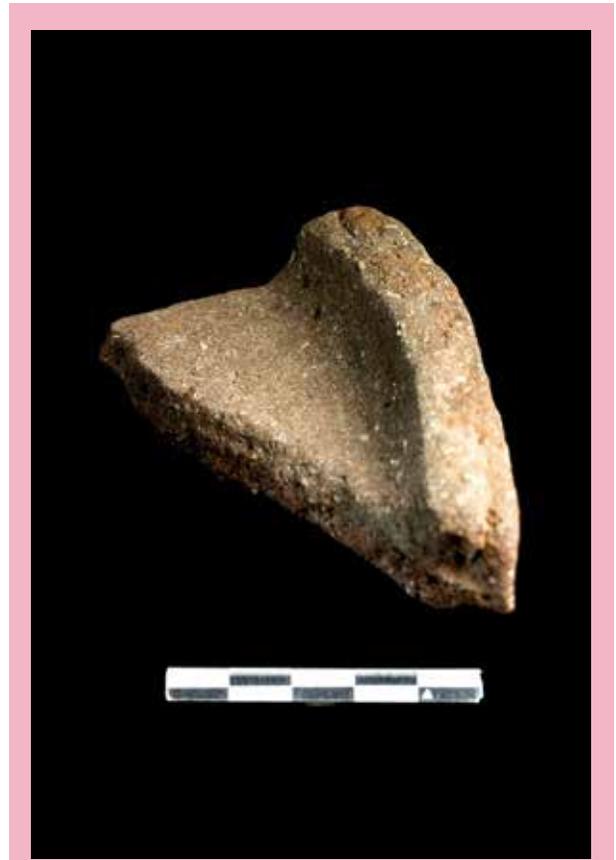
Vista de perfil (fragmento de base plana) e desenho da projeção da forma das vasilhas – assadores



## Outros fragmentos de bases planas



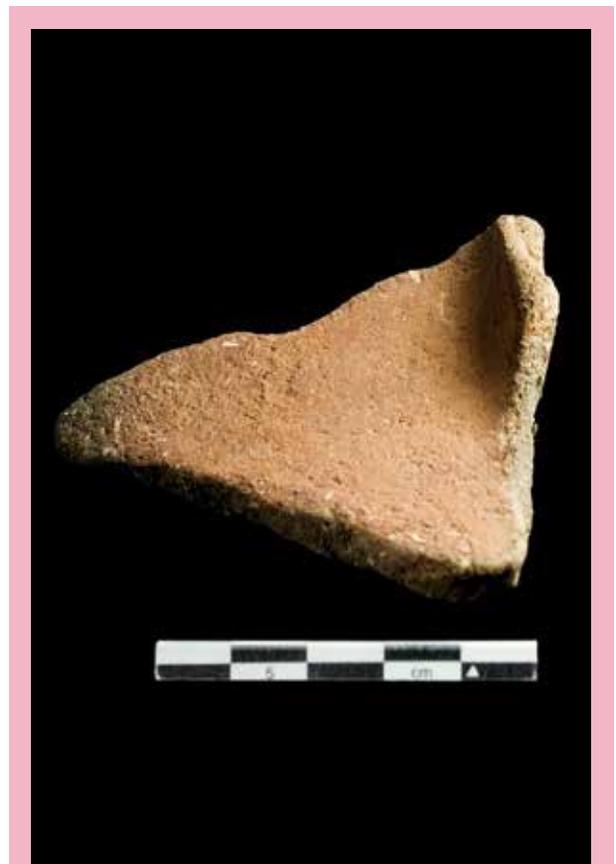
AP75-1718



AP75-4145



AP75-1555



AP75-2366

## Fragmentos de bordas



RP4-246



AP75-1505



AP75-593



AP75-448



AP75-342-344-312-347



AP75-311



RP4-197



RP4-344

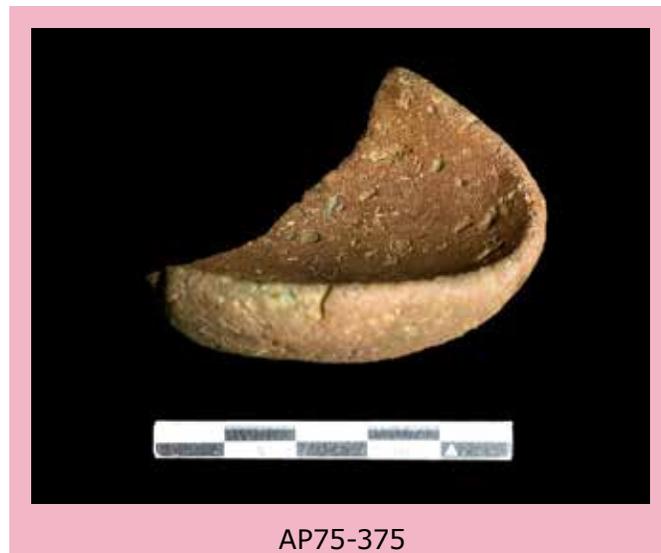


AP75-642

## Fragmentos de bordas



## Fragmento de artefato pequeno



## Fragmentos de parede





# 5

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA CHAQUENHA

---

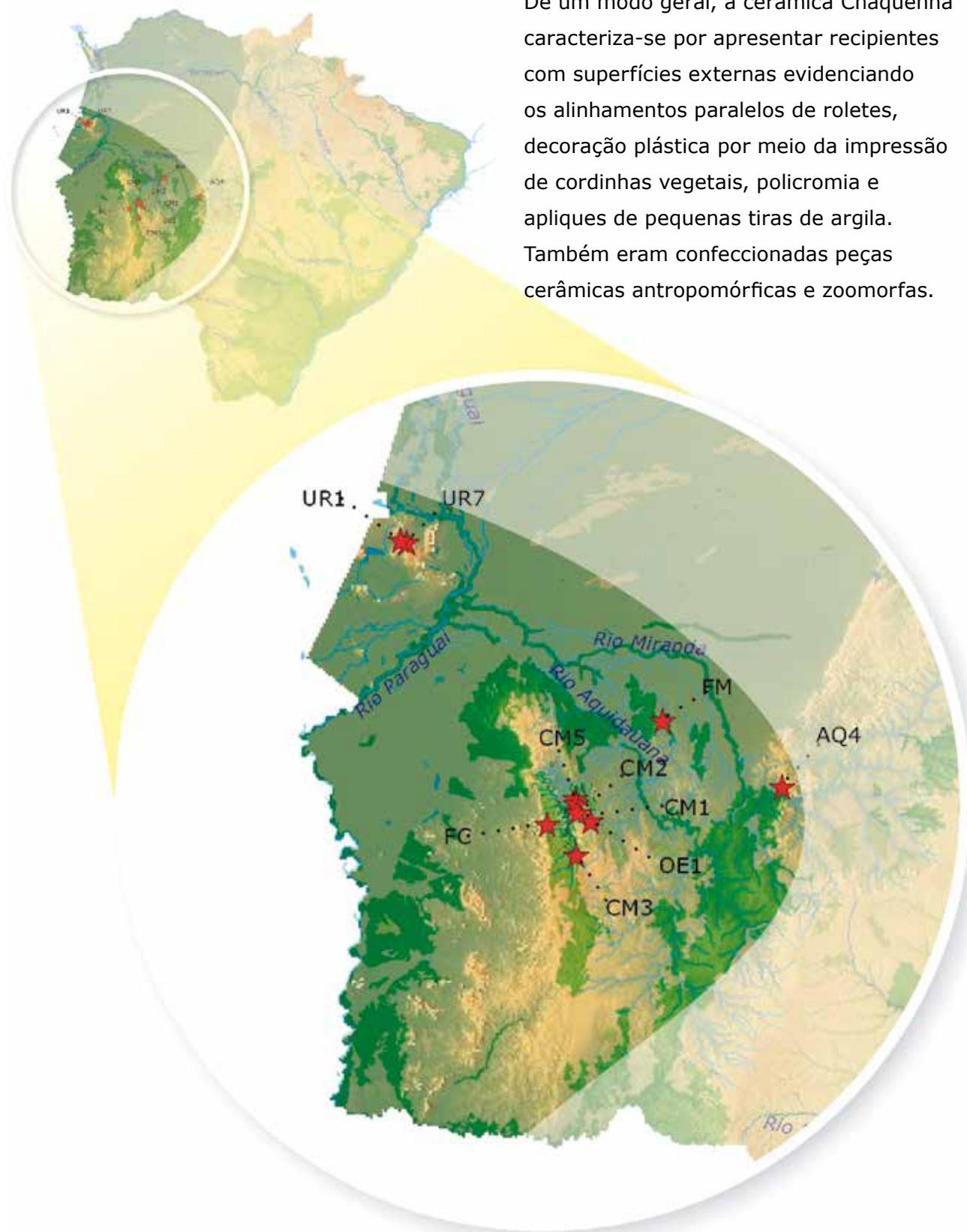
Embora exista uma datação de aproximadamente 700 anos A.P., ainda não está bem claro para a Arqueologia o momento do surgimento da cerâmica Chaquenha em Mato Grosso do Sul. Presume-se que sua ocorrência tenha se intensificado após o início da colonização ibérica no vale do Médio Paraguai, no Pantanal. Nessa época, as sociedades indígenas manufatureiras da cerâmica Guarani que viviam na região sudoeste do Estado foram deslocadas pela ação dos bandeirantes luso-paulistas a partir do final do século XVI.



## 5.1

### Localização dos sítios arqueológicos chaquenhos

De um modo geral, a cerâmica Chaquenha caracteriza-se por apresentar recipientes com superfícies externas evidenciando os alinhamentos paralelos de roletes, decoração plástica por meio da impressão de cordinhas vegetais, policromia e apliques de pequenas tiras de argila. Também eram confeccionadas peças cerâmicas antropomórficas e zoomorfas.



UR1 - SÍTIO CÓRREGO URUCUM 1



Município: Corumbá

UR7 - SÍTIO CÓRREGO URUCUM 7



Município: Corumbá

CM1 - SÍTIO CÓRREGO CAMPINA 1



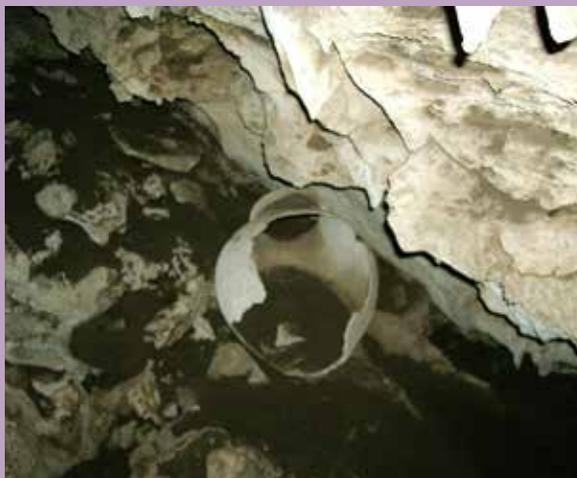
Município: Bodoquena

CM3 - SÍTIO CÓRREGO CAMPINA 3



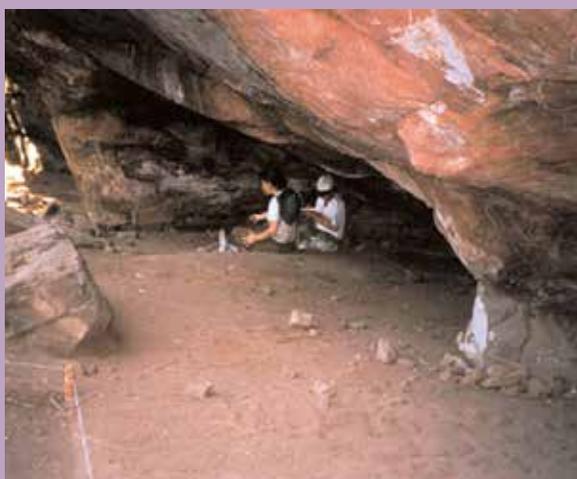
Município: Bodoquena

CM5 - SÍTIO CÓRREGO CAMPINA 5



Município: Bodoquena

AQ4 - SÍTIO AQUIDAUANA 4



Município: Aquidauana

## 5.2

### Artefatos cerâmicos arqueológicos chaquenhos e exemplos de decoração

#### Antromorfos e zoomorfo



CM1-132 (altura 7,5 cm  
x largura 5,5 cm)



CM1-133 (altura 6,0 cm  
x largura 4,5 cm )



CM1-131 (altura 8,5 cm  
x largura 5,5 cm)

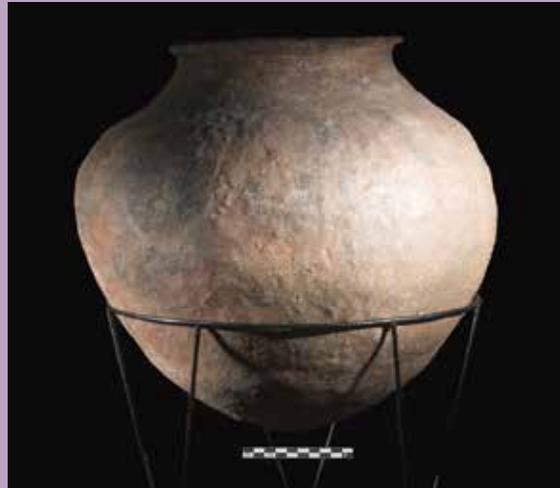


Peça coletada em caverna próxima ao sítio CM1;  
dimensões: altura 10,00 x comprimento 17 cm - doação

## Vasilhas globulares com superfícies lisas



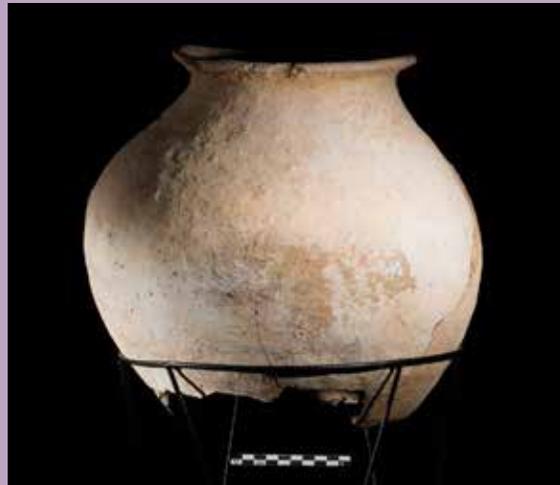
CM1-141  
(Dimensões: 48 cm x 38,5 cm x 22 cm)



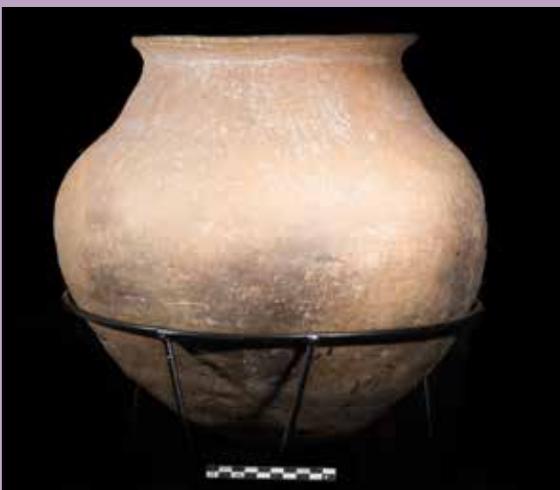
CM1-136  
(Dimensões: 37 cm x 39 cm x 21,5 cm)



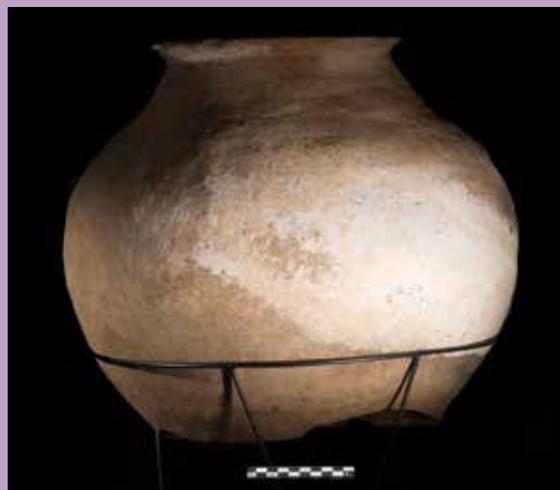
CM1- 134  
(Dimensões: 33 cm x 36 cm x 23,5 cm)



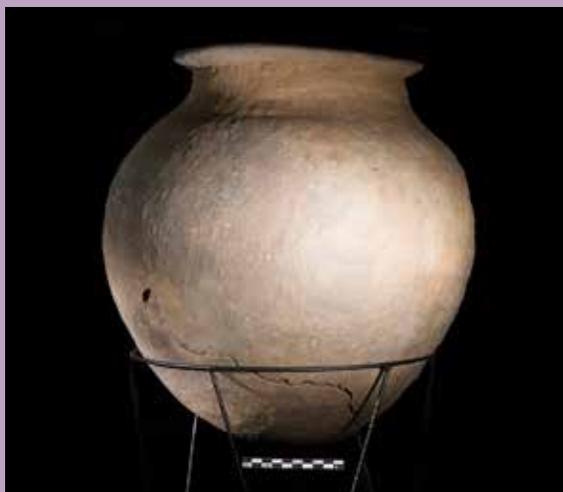
CM1-137  
(Dim.: 36 cm de largura x 22 cm de borda)



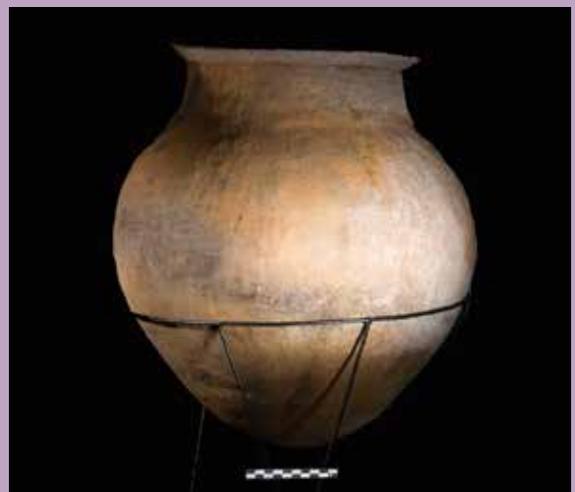
CM1-142  
(Dimensões: 49 cm x 38,5 cm x 29 cm)



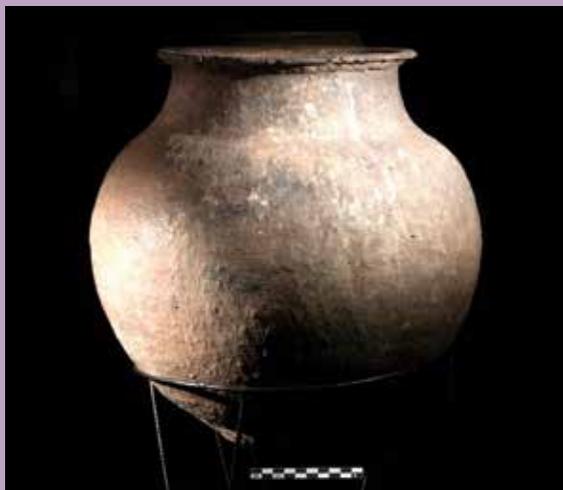
CM3-246  
(Dim.: 42,5 cm de largura x 24,5 cm de borda)



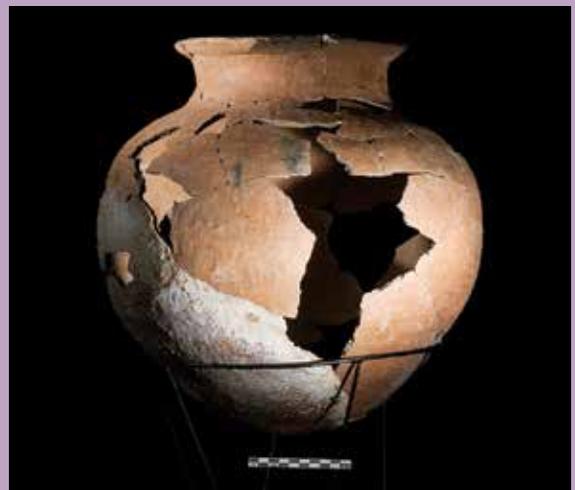
CM1-140  
(Dimensões: 41 cm x 48 cm x 26 cm)



CM1-144  
(Dimensões: 49 cm x 38,5 cm x 29 cm)



CM1-135  
(Dimensões: 38 cm x 34 cm x 24 cm)

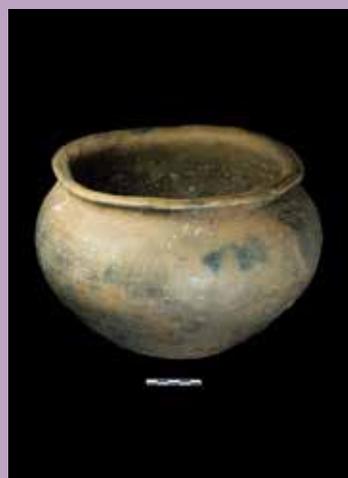


CM3-247  
(Dimensões: 23 cm x 40 cm x 23 cm)

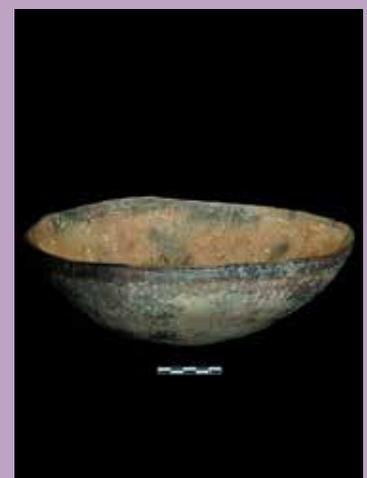
### Vasilhas com superfícies lisas



CM1-138 (Dimensões:  
27 cm x 31 cm x 29 cm)

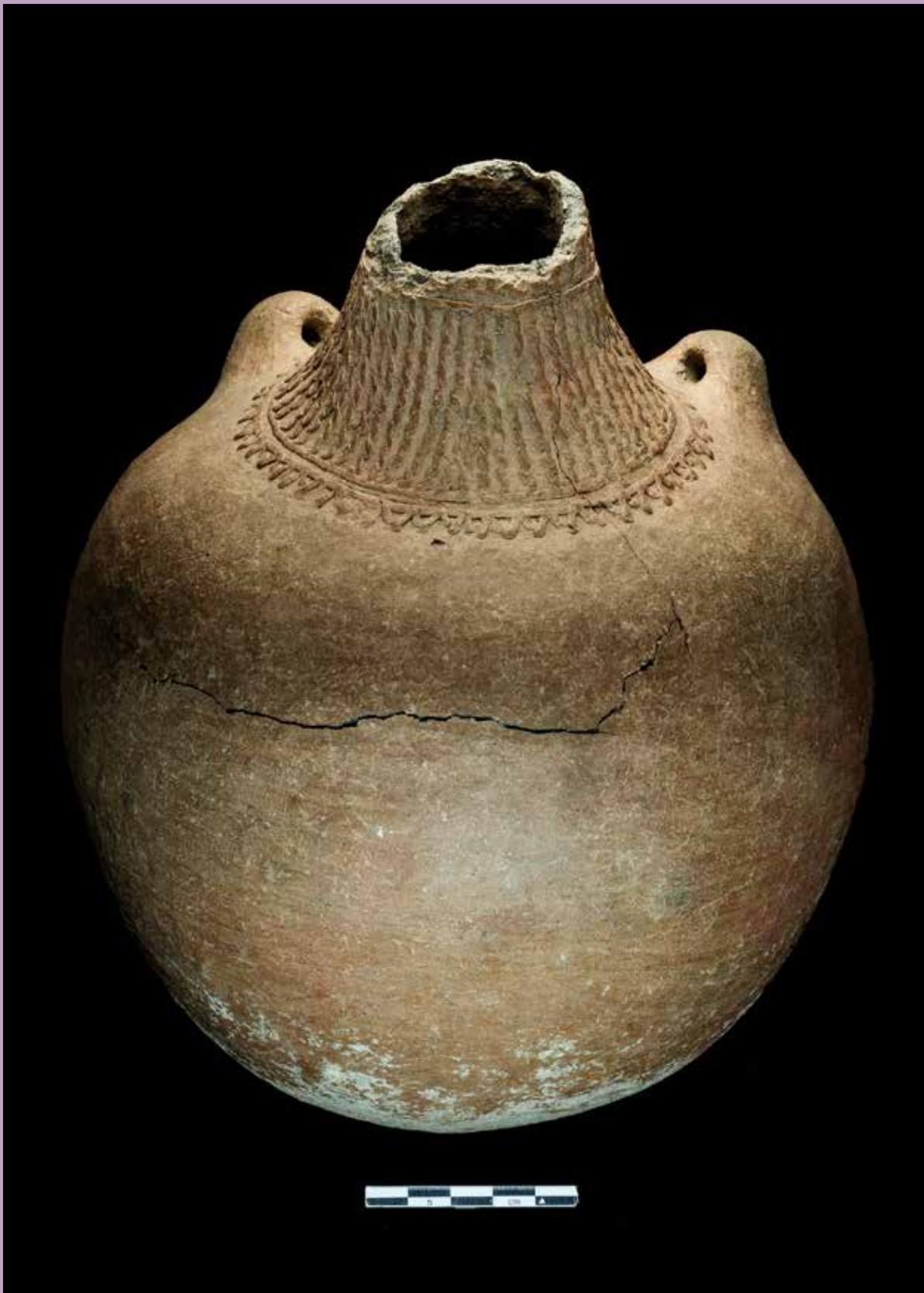


OE1-1 (Dimensões:  
19 cm x 26,5 cm x 22,5 cm)

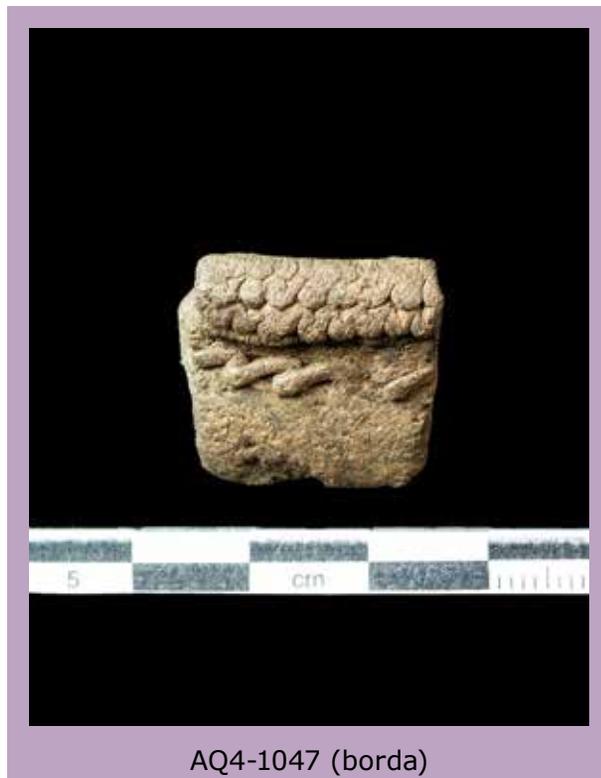


CM1-143 (Dimensões:  
9 cm x 28 cm)

Decoração plástica  
Apliques de cordões de argila



Peça coletada na Estância Miranda - doação.  
Dimensões: 23 cm x 20 cm x 5 cm



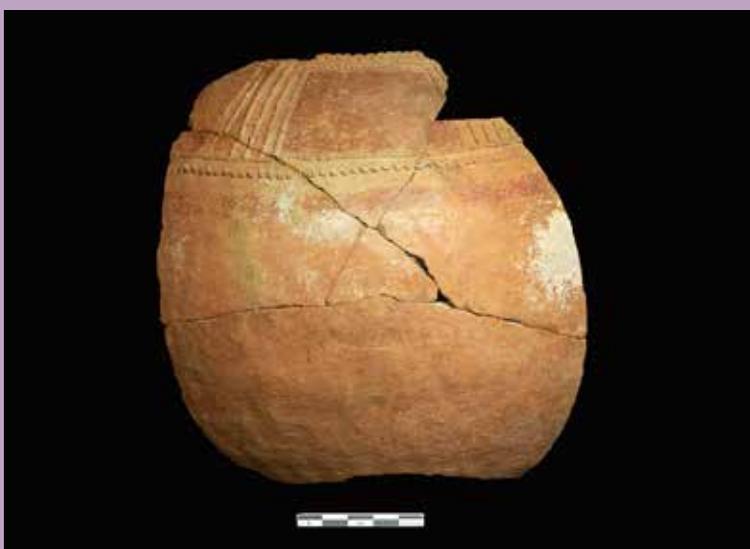
AQ4-1047 (borda)



CM1-62 (parede com furo de suspensão)



Peça coletada em caverna próxima ao sítio CM1 - doação.  
Dimensões: 37 cm x 34,5 cm x 10 cm.

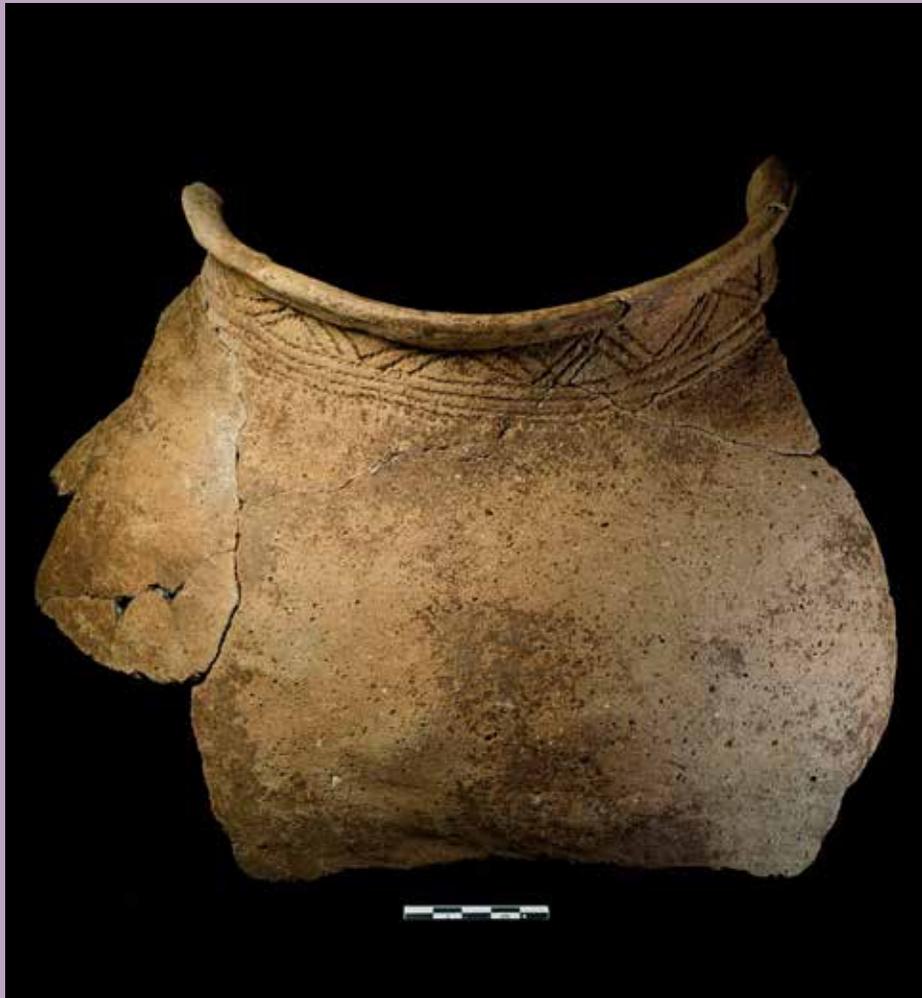


CM2-116 (borda e parede)



CM1-52 (borda)

## Impressão de cordinhas vegetais



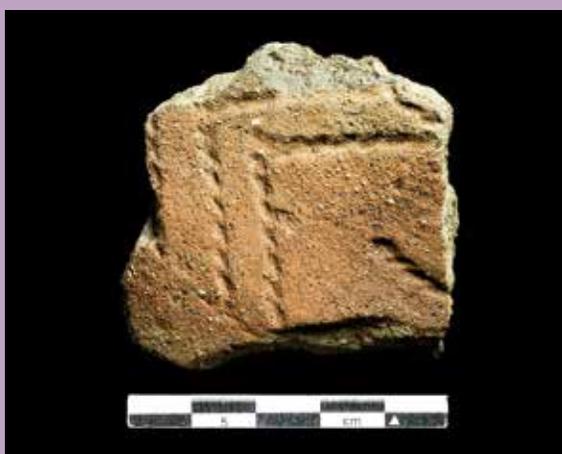
CM5-54 (parede e borda, com impressão de cordinha)



CM3-55 (borda e parede)



UR1-2101 (parede)

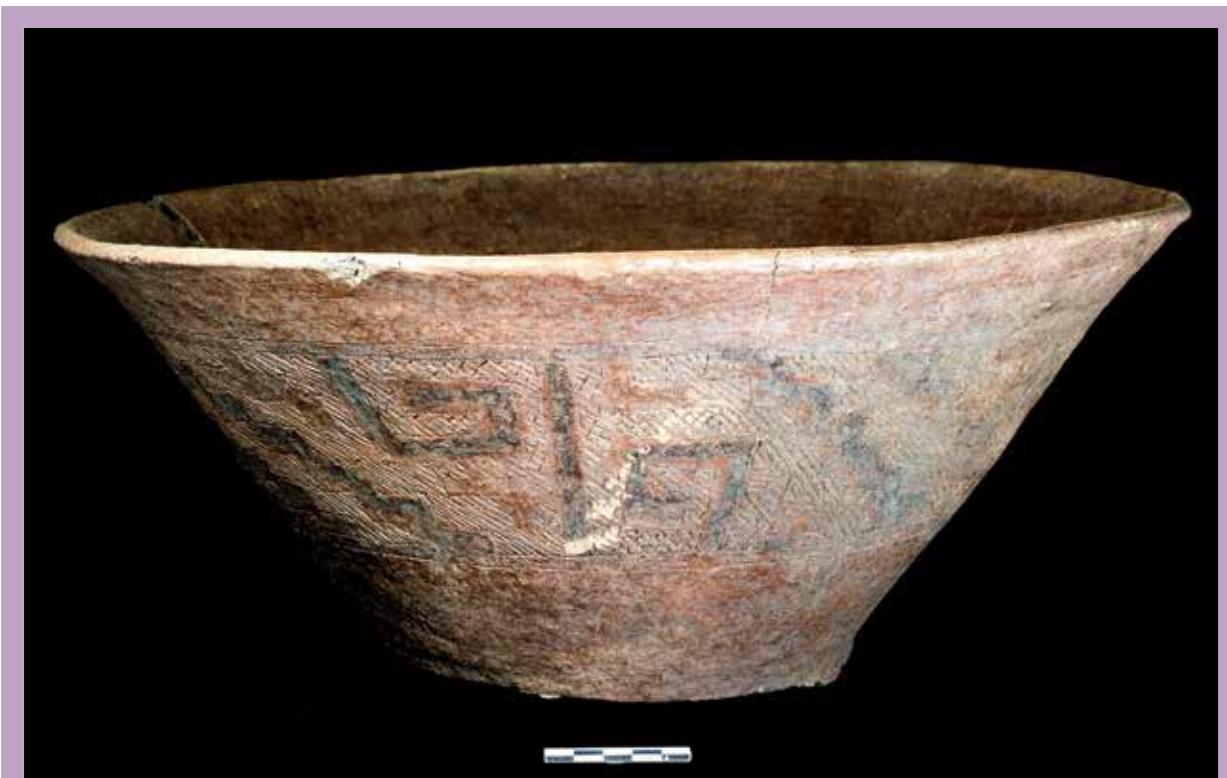


UR1-2475 (parede)



AQ4-41 (parede)

## Linhas escalonadas



Peça procedente da Fazenda Chatelodo, município de Porto Murтинho - doação.  
Dimensão: 40 cm de borda

## Pintura



CM3-248  
(Dimensões: 12 cm x 21,5 cm)



# 6

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA PANTANAL

---

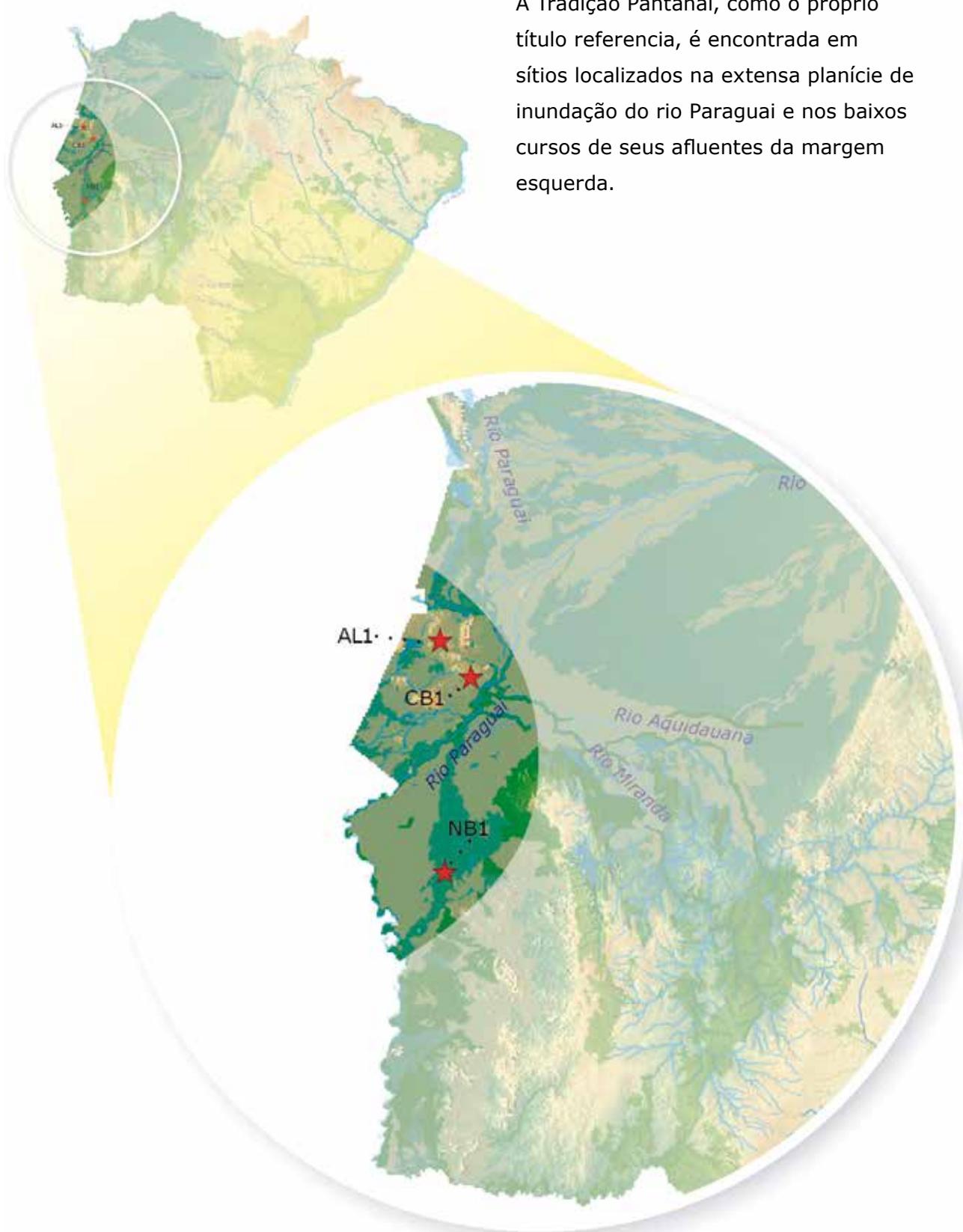
As pesquisas arqueológicas dos sítios da Tradição Pantanal tiveram início com os estudos realizados pela equipe científica coordenada pelo professor doutor Pedro Ignácio Schmitz, na década de 1990 (a datação mais antiga dessa tradição remonta a 2.800 anos A.P., aproximadamente).

Neste catálogo a cerâmica arqueológica Pantanal está pouco representada tendo-se em conta que essa área estadual já foi objeto de outras publicações.



## Localização de sítios arqueológicos no Pantanal

A Tradição Pantanal, como o próprio título referencia, é encontrada em sítios localizados na extensa planície de inundação do rio Paraguai e nos baixos cursos de seus afluentes da margem esquerda.



CB1 - SÍTIO CÓRREGO PIRAPUTANGA/CORUMBÁ 1



Município: Corumbá

6.2

Artefatos cerâmicos arqueológicos da Tradição Pantanal



CB1-1021



AL1-1021



NB1-209 (borda)

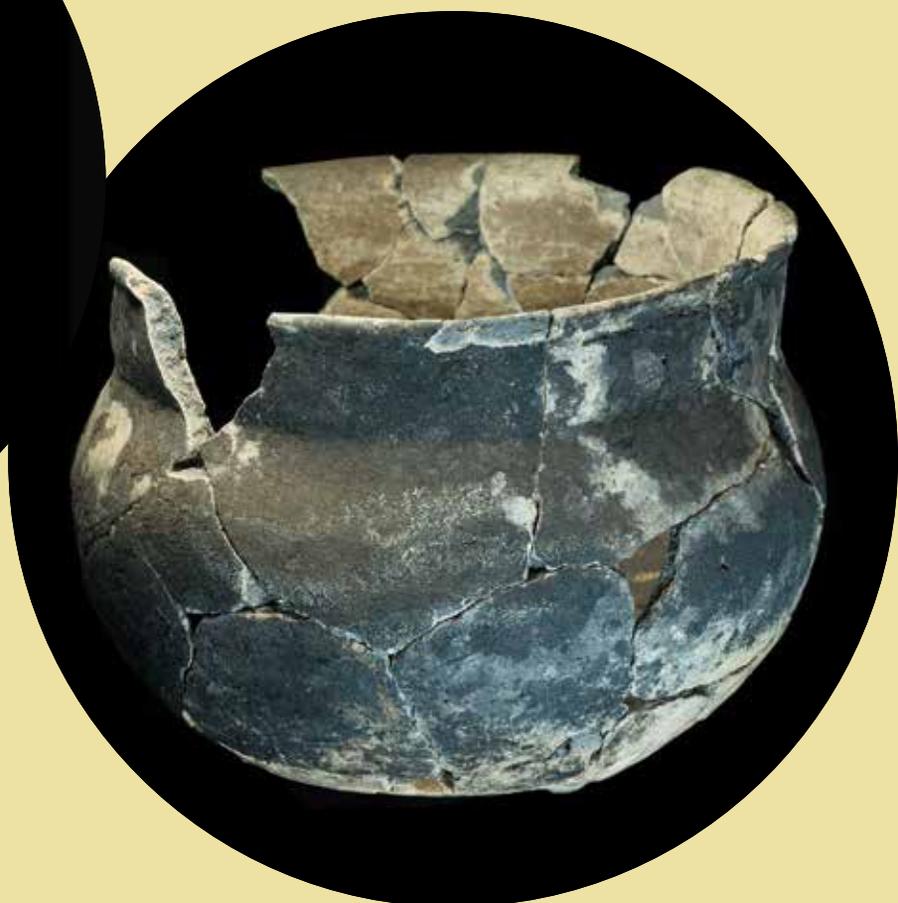


# 7

## AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS NÃO CLASSIFICADAS

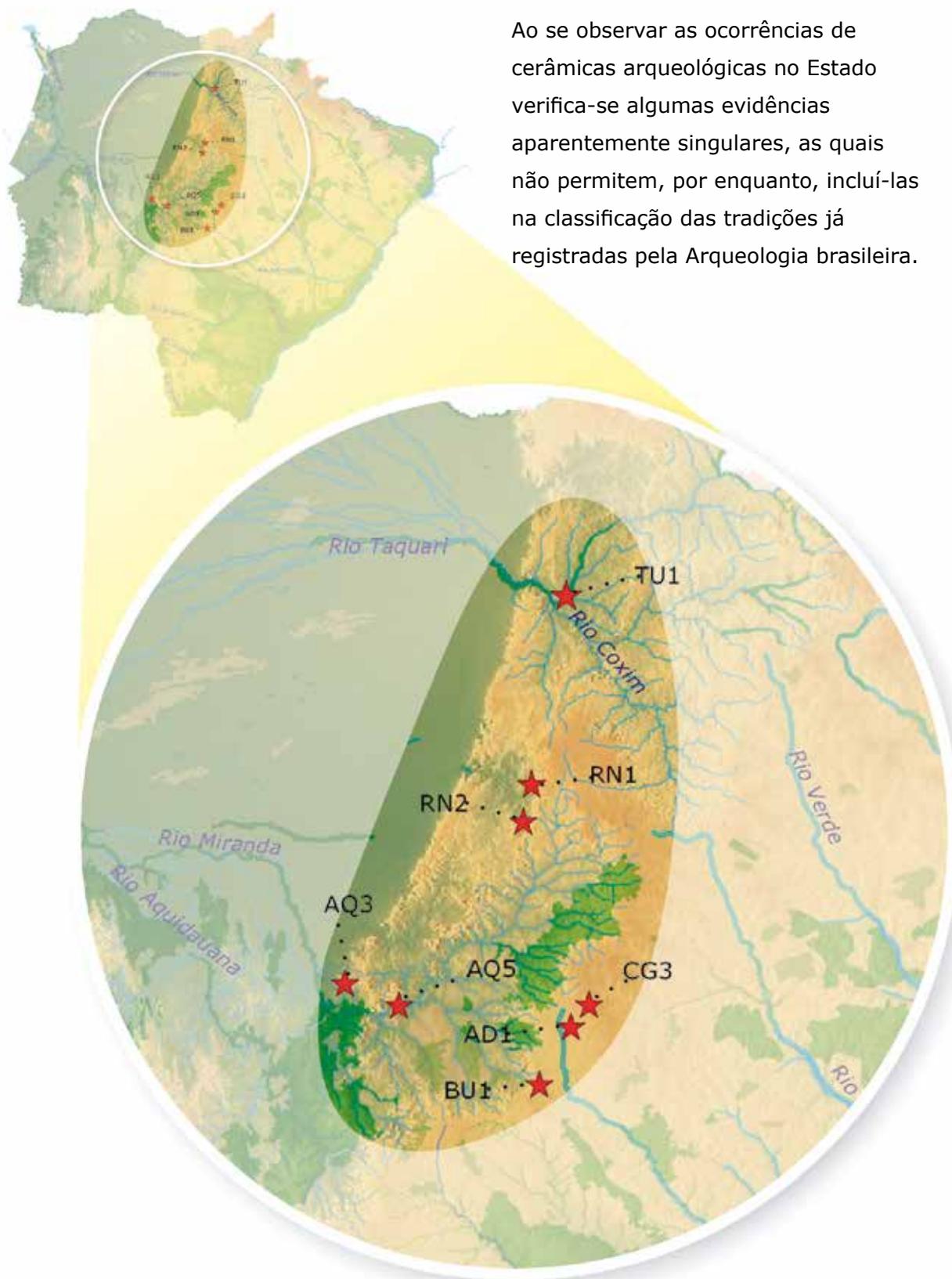
---

O conhecimento científico sobre a arqueologia de Mato Grosso do Sul é uma atividade intelectual em construção. O que os estudos já revelaram nos últimos trinta anos de pesquisas explicam apenas uma pequena parte da complexidade do passado arqueológico do extenso território estadual. Por isso, muitas questões ainda estão sem respostas.



## Localização dos sítios arqueológicos de tradições cerâmicas não registradas: borda do Planalto

Ao se observar as ocorrências de cerâmicas arqueológicas no Estado verifica-se algumas evidências aparentemente singulares, as quais não permitem, por enquanto, incluí-las na classificação das tradições já registradas pela Arqueologia brasileira.



## Sítios arqueológicos da borda do Planalto

RN2 – SÍTIO RIO NEGRO 2



Município: Rio Negro

AD1 – SÍTIO RIO ANHANDUÍ 1



Município: Campo Grande

CG3 – SÍTIO CÓRREGO PROSA 1



Município: Campo Grande

AQ3 – SÍTIO AQUIDAUANA 3



Município: Aquidauana

AQ4 – SÍTIO AQUIDAUANA 4



Município: Aquidauana

## Sítios arqueológicos da borda do Planalto

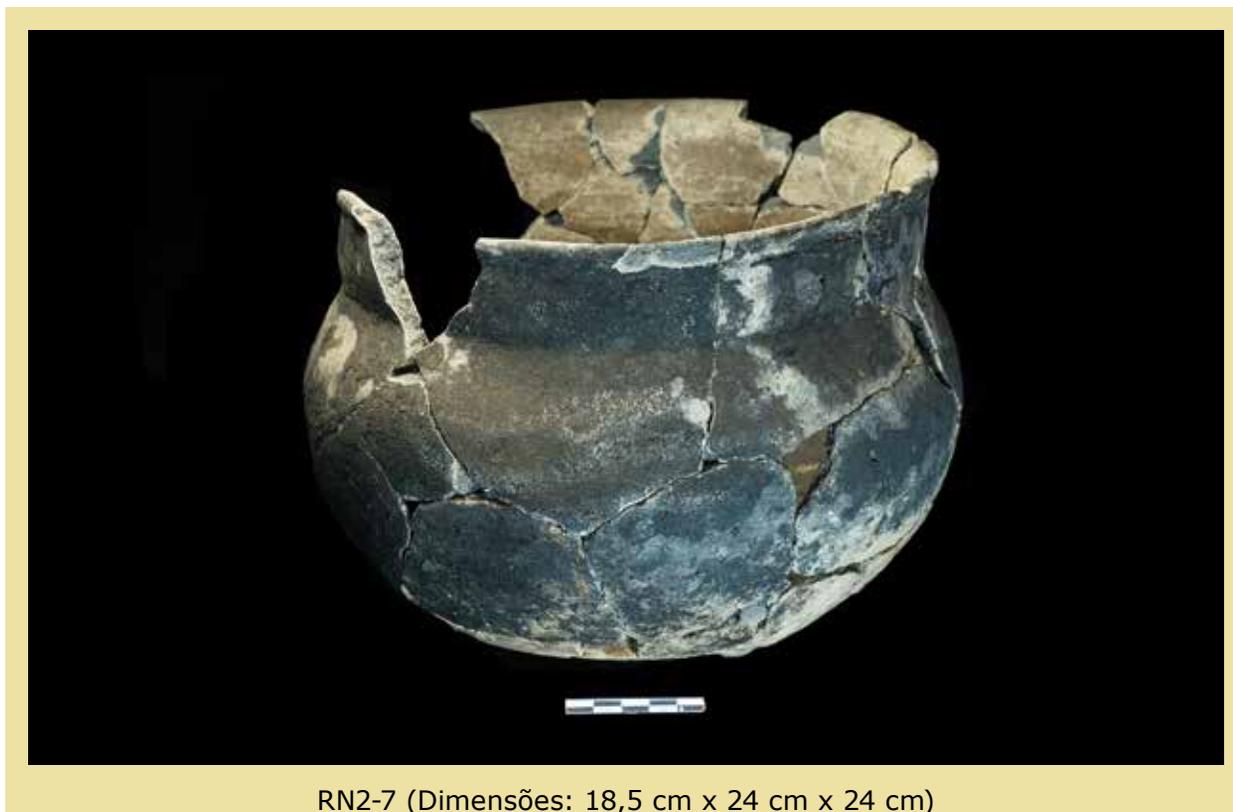
AQ5 - SÍTIO AQUIDAUANA 5



Município: Aquidauana

## 7.2

### Artefatos e fragmentos cerâmicos arqueológicos da borda do Planalto



RN2-7 (Dimensões: 18,5 cm x 24 cm x 24 cm)



CG3-172

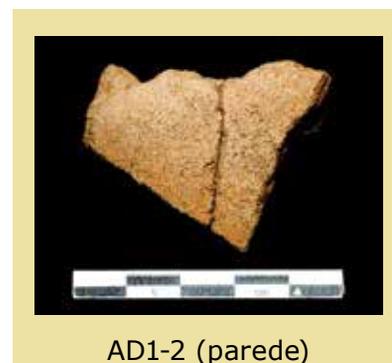
#### Linhas escalonadas



CG3-167 (borda)



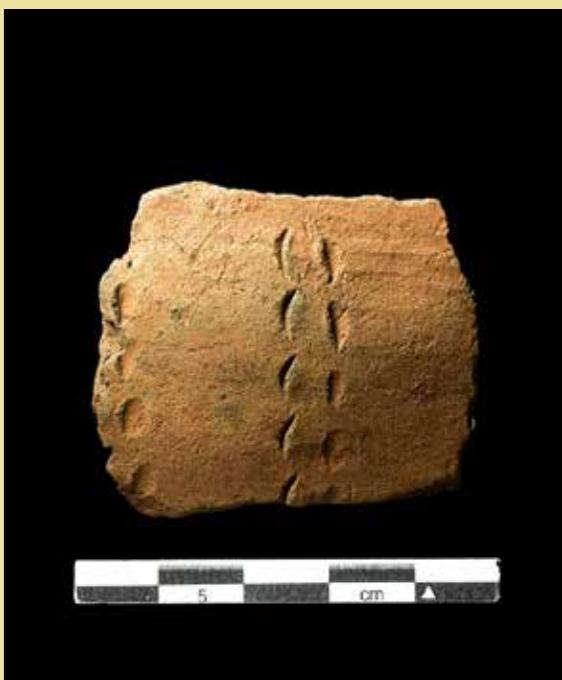
CG3-166 (borda)



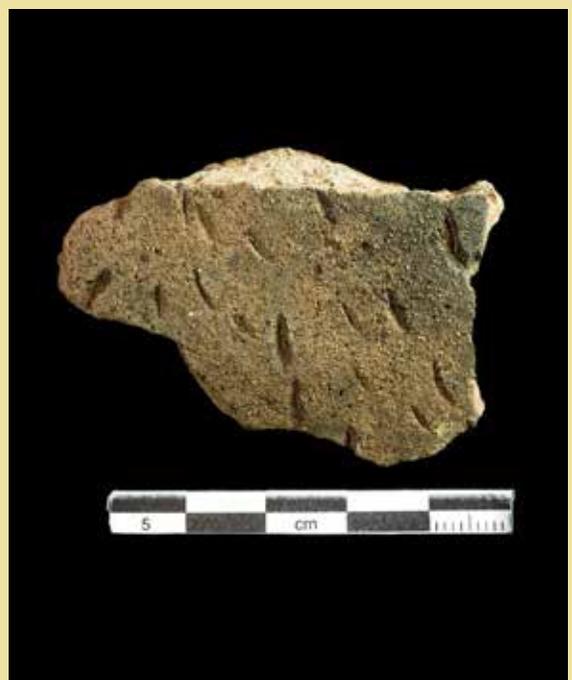
AD1-2 (parede)

## Decoração cerâmica arqueológica da borda do Planalto

### Decoração ungulada e serrungulada



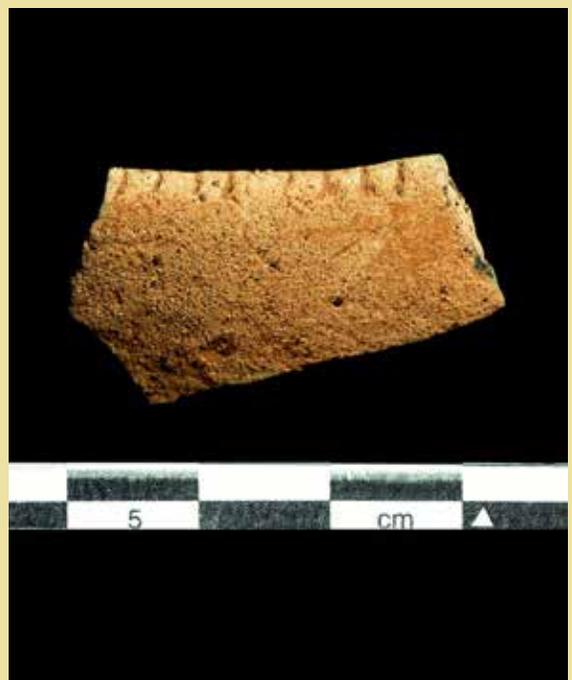
AD1-1 (parede)



CG3-168 (parede)



BU1-2 (parede)



CG3-329 (borda)



AQ3-20-22-30-45 (borda - datação aproximada de 900 anos A.P.)



AQ4-445 (parede com apêndice)



AQ5-469 (parede)



AQ5-470 (borda)



AQ5-471 (borda)



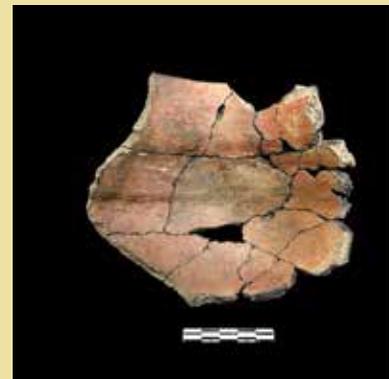
AQ5-472 (borda)



TU1-9 (parede)



TU1-65 (face externa e face interna)



# Referências

---

- AFONSO, Marisa C. Um painel da arqueologia pré-histórica no Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*, v. 11/12, n. 20-21, p. 127-155, 2008/2009.
- BEAUNE, S. A.; BALZEAU, A. *Chronique de l'homme. La préhistoire*. San Mauro: Éditions Chronique Dragaud, 2009.
- BESPALEZ, Eduardo. *Levantamento arqueológico e etnoarqueológico na aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- CEREZER, Jedson F. *Cerâmica guarani: manual de experimentação arqueológica*. Erechim: Habilis, 2011.
- CRIALES, Juan V. *Moldeando la vida: la colección de cerámica del Museo Nacional de Etnografía y Folklore según la cadena de producción*. La Paz: Museo Nacional de Etnografía y Folklore: Fundación Cultural del Banco Central de Bolivia, 2014.
- DUNNELL, Robert C. *Classificação em arqueologia*. São Paulo: Edusp, 2006.
- EIROA, Jorge J. et al. *Nociones de tecnología y tipología em prehistoria*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.
- KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. *Arqueologia e paleoambiente do rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Life Ed., 2009.
- KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. A problemática arqueológica da tradição cerâmica tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: PROUS, A.; LIMA, T.A. (ed.). *Os ceramistas tupi-guarani: volume I: sínteses regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 149-178.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- LOURDEAU, Antoine. Le technocomplexe Itaparica: définition techno-fonctionnelle des industries à pièces façonnées uniaxialment à une face plane dans le centre et le nord-est du Brésil pendant la transition Pléistocène-Holocène et l'Holocène ancien. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, v. 108, n. 3, p. 576-578, 2011.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. (Coleção Centro-Oeste de estudos e pesquisas, 2).
- MARTINS, Gilson Rodolfo; KASHIMOTO, Emília Mariko. *12.000 anos: arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul: Life, 2012.
- MARTINS, Gilson Rodolfo; KASHIMOTO, Emília Mariko. Les chasseurs-cueilleurs pendant La période de transition entre Le Pléistocène et l'Holocène dans l'État du Mato Grosso do Sul (Brésil): le site d'Alto Sucuriú 4. In: VIALOU, D. (ed.). *Peuplements et Préhistoire en Amériques*. Paris: CTHS-Comité des travaux historiques et scientifiques, 2011. p. 247-259.
- MARTINS, G. R.. Relatório de registro de sítios arqueológicos em Rio Negro, MS. *Fronteiras Revista de História*, Dourados-MS, v. 2, n.4, p. 223-250, 1998.
- ORTON, Clive et al. *La Cerámica en arqueología*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1977.
- PACHECO, Mírian L. A. F. *Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- PEIXOTO, José L. S. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-matogrossense: maciço do Urucum*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.
- PÓVOA, Maria B. *Arqueologia dos abrigos cera, Aquidauana, MS: cultura material e inserção na paisagem*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007.
- PROUS, André. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: PROUS, A. & LIMA, T.A. (ed.). *Os ceramistas tupi-guarani: volume II: elementos decorativos*. Belo Horizonte: IPHAN/MG, 2010. p. 113-215.
- ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições ceramistas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.
- ROUX, Valentine; COURTY, Marie-Agnès. *Des céramiques et des hommes: décoder les assemblages archéologiques*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2016.
- SCHMITZ, Pedro I. Arqueologia do Pantanal do Rio Paraguai. *Revista de Arqueologia Americana*, México, v. 21, n. 21, p. 191-214, 2002.
- SCHMITZ, Pedro I. et al. *Aterros indígenas no pantanal do Mato Grosso do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1998. (Antropologia, 54).
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Tradução: Alberto Löfgren. São Paulo: Beca, 2000.
- VILHENA-VIALOU, Agueda; VIALOU, Denis (ed.). *Pré-história do Mato Grosso*. São Paulo: Edusp, 2005.
- WÜST, Irmhild. *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. 1990. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, 1990.

## CRÉDITOS TÉCNICOS

Ara de Andrade Martins – revisão de texto

Duani Aparecida Lima Ferbônio Espíndola – produção cartográfica

Gabriel Henrique Santos Soares – auxiliar de produção

Hiuri Marcel Di Baco – desenho de peças

Laura Roseli Pael Duarte – auxiliar de organização de acervo arqueológico

Lennon Godoi – designer gráfico

Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques – auxiliar de organização de acervo arqueológico

Lucia Helena Paula do Canto – revisão de texto

Mariana Arndt de Souza – fotografia das peças

Marília Leite – produção editorial

Neli Guimarães Silva – desenho de peças

Tanara Renck – desenho de peças

Wanick Corrêa Flores – ilustrações do encarte

Impressão e acabamento:  
Centro Gráfico Ruy Barbosa



### **Museu de Arqueologia da UFMS**

Avenida Fernando Correa da Costa, 559 - 1º andar  
(Memorial da Cultura e Cidadania Apolônio de Carvalho)  
Cep 79002-820 - Campo Grande - MS - Brasil  
Telefone: +55 (67) 3321-5751  
Endereço eletrônico: [searq.proece@ufms.br](mailto:searq.proece@ufms.br)

Horário de funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira  
Das 8h às 11h e das 13h às 17h

Agendamento: necessário para grupos superiores a 10 pessoas



Projeto incentivado pelo Fundo de Investimentos Culturais - FIC/MS  
do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul  
Lei nº 2.645/03 - Campo Grande - Mato Grosso do Sul

